A Ronda dos Seculos

(4.ª EDIÇÃO)

OS 75 LIVROS DE GUSTAVO BARROSO

Sociologia sertaneja:

1 — Terra de sol.
2 — Heróis e bandidos.
3 — Almas de lama e de aço.

Contos e novelas regionais:

4 — Praias e várzeas.
5 — Mosquita muerta.
6 — Mula sem cabeça.
7 — Alma sertaneja.
8 — Mapirunga.

Contos e novelas:

9 — A ronda dos séculos.
10 — Pergaminhos.
11 — Antes do bolchevismo.
12 — En el tiempo de los zares.
13 — Livro dos milagres.
14 — O bracelete de safiras.
15 — Mulheres de Paris

Romances:

16 — Tição do inferno.
17 — A senhora de Pangim.
18 — O santo do Brejo.

Historia:

19 — Tradições militares.
20 — Uniformes do Exercito.
21 — Catalogo geral do Museu Historico.
22 — O Brasil em face do Prata.
23 — O Quarto Imperio.
24 — História Militar do Brasil.
25 — História Secreta do Brasil, 1.ª parte.
26 — História Secreta do Brasil, 2.ª parte.

Literatura infantil:

27 — O anel das maravilhas.
28 — Apólogos orientais.

Ensaios:

29 — A balata.
30 — Idéas e palavras.
31 — Coração da Europa.
32 — Inteligencia das cousas.
33 — Discurso de recepção.
34 — A ortografia oficial.
35 — Inscrições primitivas no interior do Brasil.

Folclore:

36 — Ao som da viola.
37 — Casa de maribondos.
38 — O sertão e o mundo.
39 — Através dos folclores.
40 — Mythes, contes et légendes des indiens du Brésil.
41 — As colunas do templo.

Traduções:

42 — Fausto.
43 — Tratado de paz.
44 — Comedias e proverbios.
45 — O Bosque Encantado.
46 — O Enigma de Bagschott.
47 — Lyautey.
48 — A Batalha.
49 — A viagem submarina.
50 — Jesus Desconhecido.
51 — A destruição da Atlantida.
52 — O continente aereo.
53 — Os homens novos.
54 — A castelã do Libano.

Viagens:

55 — O ramo de oliveira.

Literatura didatica:

56 — Lições de moral.
57 — Vocabulario das crianças.
58 — Quando Nosso Senhor andou no mundo.

Literatura historica:

59 — A guerra do Lopez.
60 — A guerra do Flores.
61 — A guerra do Rosas.
62 — A guerra do Vidéu.
63 — A guerra de Artigas.

Erudição:

64 — Aquem da Atlantida.
65 — Luz e pó.
66 — Os protocolos dos Sábios do Sião.

Biografia:

67 — Osorio — o centauro dos pampas.
68 — Tamandaré — o Nelson Brasileiro.

Finanças:

69 — Brasil — colonia de banqueiros.

Integralismo:

70 — O Integralismo em marcha.
71 — O Integralismo de Norte a Sul.
72 — O que o Integralista deve saber.
73 — A palavra e o pensamento integralista.
74 — Espirito do Seculo XX.
75 — Integralismo e catolicismo.

GUSTAVO BARROSO
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

A RONDA DOS SECULOS

4.ª EDIÇÃO

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO
RUA OUVIDOR, 110 — RIO

Á memoria do meu

querido amigo

DOMICIO DA GAMA

"Pour l'imagination guidée par l'étude, il n'y a point de passé, et l'avenir même est du présent".

(AUGUSTIN THIERRY — **"Histoire de la conquête d'Angleterre"**, v. 2.º, liv. IV, pag. 113).

"De même que la poésie, le conte a une valeur largement, exactemente "humaine". Il exprime par des moyens très simples et très frustes les images et les sentiments dont vit l'humanité tout entière".

(VAN GENNEP — **"La formation des legendes"**, pag. 20).

A PRIMEIRA GUERRA

KRUM O TROGLODITA

"Dans l'origine, l'homme formé nu de corps et d'esprit se trouva jeté au hasard sur la terre confuse et sauvage".

(VOLNEY — **Les Ruines**)

Nas reuniões funerarias á sombra dos lepidodendros gigantes, deante dos menhirs e cromlechs das clareiras, Krum os outros o chamavam na sua linguagem ruda. Ninguem brandia com mais força a acha de silex nem mais fundo enterrava a ponta da lança no peito largo do urso espeleu.

Habitava uma caverna sobre um planalto a cavaleiro do rio, cheio de esturjões, e das florestas de cicas, coniferas e fétos gigantes, povoadas de féras. De lá avistava o branco das geleiras, que desciam das montanhas sempre enevoadas, entre morenas de detritos, e grandes pradarias cobertas de ervas altas, em cujas lagunas espadanavam agua os hipopótamos perseguidos pelo machoerodus monstruoso.

A' sua vista cupida, passavam grandes manadas de aurochs, varas enormes de javalis escrofas, rebanhos de rangiferes e lotes de pôtros selvagens.

Durante os dias quentes e humidos, percorria os lameiros e matagais espessos, sempre á espreita e á escuta, estremecendo ao distante resfolegar do rinoceronte, que agitava os caniçais, ao longinquo pisar do mamut, que fazia tremer o chão. Do alto das arvores deixava cair o dardo de pau acerado ao fogo sobre o dorso dos bisontes, que morriam num lago de púrpura.

Levantando-se dos juncais, lançava um pedrouço cortante aos bandos de veados, rindo barbaramente, quando um ficava a estrebuchar, ou derrubava as perdizes com um cacête, quando erguiam o vôo rasteiro. E, se encontrava a pantera, não podendo esconder-se, fugir, guindar-se ás arvores, combatia-a, heroico e solitario, peito a peito.

Seu corpo baixo e grosso tinha a espantosa agilidade dos símios. Seus músculos retezados eram mais duros e resistentes que os cipós. Trazia em torno dos quadris uma pele felpuda de castor, ao pescoço um colar de dentes recurvos e na grenha hirsuta espinhas de peixe, ossos finos de passaros. Torso, pernas e braços cobriam-se de cerdas negras e a barba derramava-se sobre o peito, tufada e agreste.

Dormia num antro, sobre folhas sêcas. A's vezes, levantava-se num susto, chegava á bôca da furna. Ao longe, um vulcão erupia com fragor, alanceando de chamas o espaço, deixando escorrer pelas encostas lagrimas de lava. Milhares de animais fugiam, assombrados, em furioso tropel. Gritos de homens medrosos vinham dos convales clareados pelo fogaréu. Krum prosternava-se, por

que a sua alma era cheia de terrores desconhecidos e temia todos os espiritos ocultos: os que moram nos anfractos das pedreiras, os que olham dos luzeiros do céu, os que crepitam nas labaredas da fogueira, os que roncam com o trovão, estalam com o raio, atrôam com as erupções e os que, mansamente, deslisam sobre as aguas e as ervas, na penumbra dos bosques e na face das penedias, almas dos que partiram para a longa viagem da morte.

Outras vezes, leve ruido despertava-o. Híenas penetravam devagarinho, mal roçando o saibro do sólo. Agachava-se, remexia o borralho que conservava o fogo e atirava um tição no escuro da abobada. A brasa alumiava o traço curvo da trajectoria. Caía adeante com um baque sêco, espalhando fagulhas. As féras empinavam-se e galopavam em atropelo até á saída, onde se dispersavam pela campina.

Antes de esgotar a provisão de carne de rena ou de cavalo, passava dias inteiros a polir, repolir, afiar os bordos das achas, das raspadeiras, das pontas de setas, dos furadores de pedra, que lhe serviam de armas e instrumentos ou para trocar por plantas medicinais e sementes comestiveis com os moradores de outros cantões. Tambem esculpia nas placas de chifre de tarando rudes imagens de animais.

Ao luar, quedava á entrada da gruta, olhando a melancolia da paisagem. Salgueiros cinzentos marcavam o rumo do rio. A casca prateada dos olmos rebrilhava. Brumas elevavam-se das cataratas, cujo ruido enchia a so-

lidão. Urros de ursos, uivos de raposas morriam no ar. Erguiam-se acima dos capinzais os cornos altos dos megacéros.

O homem primitivo, que sómente sofria terrores do vago, do inexplicavel, começava a sentir a dôr das cousas passadas, mascarada pela sua necessidade para a vida. Estava sózinho, porém já possuira uma companheira, membruda e forte, de peitos grandes e rijos, ancas possantes, rodamoinhos de pêlo por quasi todo o corpo, cingida pela tanga de couro de leopardo, cabelos ásperos e longos flutuando, habil na caça e no preparo das peles. Raptara-a, após grande luta á beira dum lago, onde surgiam cabanas das aguas, em pontas de estacas. E, quando varava as florestas com ela ás costas, ouvia o berro selvagem dos que o perseguiam. Uma feita, regressando da caçada, parara estarrecido á entrada da cafurna. Dentro afuzilavam as pupilas dum leão deitado sobre o cadaver da mulher. Dera um salto, brandindo o machado. A pele do animal cobria agora as folhiças do leito, e o seu braço e a sua cabeça guardavam a marca indelevel das garras. Então, ao desejo imperioso da fémea desaparecida, seu corpo todo estremecia, suas narinas palpitavam.

Das montanhas proximas veiu, um dia, um casal alegre, que se estabeleceu numa cabana de folhagens, á orilha da floresta, no último declive do planalto. O homem caçava ou dormia; a mulher trabalhava sempre, cuidando dos alimentos, da limpeza dos couros e chifres, dos reparos da habitação e do defumar das provisões. Krum olha-

va-os, invejosamente, da sua caverna solitaria. Já o recenvindo abatera centenas de galos selvagens, cujas penas enfeitavam a companheira. E, perseguidos por dois caçadores num vale pequeno, os animais emigravam. Não se viam mais os grupos numerosos de ursos e cavalos de largos cascos, nem afocinhavam mais a lama dos marneis os babirussas nojentos.

Quando o novo caçador chegava da faina, arrastando pelas patas trazeiras um corço castanho, a mulher dansava de alegria e se enroscava nêle, grunhindo Algumas pancadas do macho faziam-na afastar-se, esfolar a rez e sapecar na fogueira as carnes sangrentas. Depois do repasto barbaro, em que êle saboreava as melhores porções, ambos roncavam, em pesado sono.

O troglodita solitario, debruçado numa ribanceira, sentia ganas de agarrar a clava, descer o pendor, esmigalhar a cabeça do rival e trazer a mulher para o gozo brutal da sua carne aguilhoada. Mas o outro era çarrudo e forte, a sua machada pendia sempre do cinto e no seu colar de presas de féra havia dentes de homens vencidos.

Uma tarde, Krum engatinhava pelos ervaçais á cata de ovos de codorna, quando á sua frente rutilaram as asas brilhantes do horfanz. Arremessou o bastão de caça curvo e pesado. A ave tombou. Porém, das moitas defronte, uma pedrada certeira tambem a tinha alcançado. Os dois homens acharam-se frente a frente, de armas em punho, rugindo. Krum desviou-se ao primeiro golpe do contendor, estendeu o corpo para deante e deu-lhe com o gume

do silex no cráneo: A pancada foi rapida e sêca como uma martelada. O outro caíu pesadamente. O troglodita atirou a arma ao sólo, abandonou o passaro rutilante e correu para a barraca do morto.

A' meia luz do crepusculo, subia a encosta do planalto com a fémea atirada sobre o hombro, aos berros de alegria e de triunfo. Os ultimos raios do sol clarearam o seu vulto carregado penetrando na furna.

E dêsde êsse dia feliz, tendo mulher e sendo o unico a caçar no vale, Krum não invejou mais ninguem e, com orgulho, se alcunhava o Vencedor.

ANTIGUIDADE ORIENTAL

NO PAÍS DOS VEDAS

"Nenhuma história antiga conta que, mêsmo em caso de necesidade, um brahmane ou chatria tomasse por mulher uma rapariga da classe servil".

("Leis de Manú", liv. III, pag. 14).

O Povindá do rei de Tamrapáni deteve o ligeiro e franzino cavalo, com um grito rouco, no alto do morro. A seus pés estendia-se Ratnapura, a vasta Planicie dos Rubís. O sol, muito alto, ofuscante, dourava a formosa cidade de Sidocanda, cujas bizarras construções apareciam entre as palmas verdes e os tirsos floridos dos talipôs centenarios. A' sombra das figueiras sagradas, raras cabanas se acolhiam, e reinava a maior solidão em toda a paisagem cheia pelo estrídulo canto das cigarras.

O correio real demorou o olhar maravilhado no templo de Siva, orgulhoso entre o casario distante, recamado e arabescado de ouro, com a flecha terminando num grande carbunculo que alumiava no espaço. Depois, deu com os calcanhares no ventre do corredor, soltou novo grito, para incita-lo, e desceu a rampa, velozmente.

Ao pé da primeira torre de madeira, que fiscalizava o caminho de Sidocanda, repuxou as rédeas. O animal parou. Chamou pelo guarda, que dormia á sésta. Um rosto ressequido e escuro envolto em farripas brancas, espreitou por uma lumieira. E logo, ao ver atavíos do cavaleiro, a pele de tigre real cobrindo a sela, o homem escancarou a porta, ergueu o braço descarnado no ar, respeitosamente o saudou.

— "Que Varuna, deus das aguas livres, conduza em paz o correio do nosso rei!"

O povindá sorridente perguntou-lhe:

— "Onde mora, nesta redondeza, o valente Vrikodara, chatria de meu senhor?"

O vigia estendeu a mão aberta para os campos e disse:

— "Alem daquêle milheiral, á sombra de arvores, junto a um lento regato".

O outro galopou. Adeante, entre sébes de cardos, um pastor sujo e esfarrapado tocava com o nariz a rude frauta de cana. Pediu-lhe novas indicações. Dentro em pouco, parava o cavalo coberto de suor e espuma á porta da casa de Vrikodara, toda construida de tijolos claros e voltada para o nascente.

Atravessou o vestibulo. Um escravo marata abriu-lhe uma porta de téca. Viu-se num claro pateo, onde aguas claras cantavam em bacias de marmore, sob a rama dos arbustos em flôr. De pé, junto a uma coluna, o

guerreiro do rajá apoiava-se ao punho do alfange faúlhante de pedraria e olhava-o com os seus olhos muito negros e muito tristes. Prosternou-se, humildemente. Vrikodara fez-lhe signal de levantar-se e falar. O indú deu o recado que trazia, empolado e sonoro:

— "Grande chatria, que a deusa Saravasti, a mais bela das sete irmãs, filha e esposa de Brahma, lance sobre tua face olhos de proteção. O rei nosso senhor, tão forte como Savitri, o Pai do Sol, acaba de declarar guerra ao maharajá de Samudra, o País do Mar. Quer que vás, sem detença, commandar seus heroicos soldados, os veteranos de Adjuma, para que tenham a victoria. Espera-te amanhã cêdo, na planicie de Udumbara, que, como Janaidar, a cidade dos imortais, se reflete na agua pura".

O rosto severo e melancolico do chatria, com seus rasgados olhos, muito negros e muito tristes, ficou impassivel. Leve rubor tocou-lhe a pele morena. E êle, quieta e lentamente, respondeu:

— "Vai á cozinha e toma novas forças para a jornada de volta. Daqui a pouco darei a resposta".

O povindá saúdou e saiu. O guerreiro levantou um grosso reposteiro vermelho manchado de flôres negras e penetrou num pequeno aposento, todo forrado de cedro cheiroso, onde fôfas almofadas e peludos tapetes alastravam o chão. Em banquetas de marmore incrustadas de marfim repousavam caçoletas, para queimar o nardo e o aloés. Um vanafrasta, velho anacoreta das montanhas, com a fronte amarelada de sandalo, ali estava de joelhos,

imovel, as mãos abertas no ar. Numa delas aninhava-se, tilitando, pequeno passaro domesticado. Seus olhos enevoados pela idade fitavam o tecto. Não fez um movimento á entrada do guerreiro.

Vrikodara deixou-se cair sobre uma almofada, perto dêle, e falou, torcendo as mãos numa mal contida impaciencia, a face crispada pela dôr:

— "Prometi contar-te a minha desgraça e faço-o, esperando uma solução digna, um consolo talvez da tua bôca sábia, que conversa com os deuses.

Não sei por que, santo homem, Brahma lançou sobre mim a maldição dum amor culpado. Quando havia sacrificios humanos em Anadjapura, sempre costumei trazer um pedaço da vítima. Enterrava-o ao pé da lareira, afim de obter do céu colheitas fartas e prosperidade na familia. Sempre venerei minha esposa, a mulher que os brahmanes me deram de acôrdo com as velhas leis. Sempre, respeitando os preceitos, ofereci aos manes arroz cosido em leite, mel e manteiga, no decimo terceiro dia das luas, quando a sombra dum elefante cái para o oriente, afim de tudo me ser propicio. Nunca esqueci shradas, oblações, jantares funebres e nunca deixei de usar a cintura ritual da minha casta, — uma corda de arco tecida de fibras de murva.

Fui iniciado por meu pai aos onze annos. Jámais comi olhando o poente, para obter longa vida; mas contemplando o sol, para chegar á gloria.

Entretanto, meu pai, cobriu-me a maldição dêsse amor criminoso! Por que?"

Escondeu a cabeça nas mãos e chorou, longamente. O asceta, estatua humana imobilizada pela vontade férrea, que matava o sentimento em favor do dogma, alheio a todas as alegrias, superior a todas as sensações, escutava-o, impassivel na sua rigida postura. Limpando as lagrimas, o outro continuou:

— "Na feira de Nigama, vi-a a primeira vez. Estava ao meio duns sudras, admirando os encantadores de cobras de capêlo. Vil prazer de servos! Parei e olhei, não as najas, as serpentes empinadas sobre a cauda, mas aquela mulher da casta servil, tão bela, de uma pele tão quente, tão macia, tão capitosa, que entontecia de amôr. . ."

O santo estremeceu todo, como um velho tronco ressequido estremece ao vento. A sua voz lenta e grave, tendo qualquer cousa de inspirada e tumular, interrompeu a confissão:

— "Chatria, devias ter presente ao espirito a dignidade da tua classe e a austeridade iniludivel da lei. Nunca se viram em Tamrapani, em Madiadesa, em Brahmavarta, na região do Ganga ou nos vales do Himavet, um guerreiro e uma serva coroados de flôres de laranjeira, e nunca se verão!"

Houve um silencio aflitivo, a que a imobilidade do velho dava como que maior duração. Ouviam-se as rôlas, tatalando no vergel, e o chilrear dum passaro, no bei-

ral da casa. Depois, um sôpro forte de vento açoitou os arvoredos e morreu, fazendo arfar, pesadamente, o reposteiro vermelho. Vrikodara falou:

— "Lembrei-me de tudo isso, meu vatsa, mas já não governava o meu coração. Segunda vez a encontrei. Trocava, á porta do meriá da aldeia, o milho das plantações de seu pai pelas conchas porcelanicas de cauri, que servem de moedas aos pobres. Os nossos olhos já se conheciam e os meus obedeciam aos dela!

Eu, que me julgava tão valente como Iudchitra, que obrigou os deuses a receberem com alma o seu cão de caça, tornei-me covarde. Não resisti áquela sedução. Numa clara noite de luar, no mês de Srivana, possui seu corpo, silenciosamente. A lua prateava a aldeia adormecida. Os perfumes das flôres embalsamavam o ar. Os cães ladravam á sombra movediça das arvores. E nós estavamos estreitamente unidos, como se fossemos uma só alma e um corpo só. A felicidade cobria-nos com seu manto luminoso.

Ao outro dia, veiu-me o arrependimento do crime cometido. Eu estragára a minha vida. Deviamos ter um filho e êsse inocente, fruto de tanto amôr, seria um ugra, ente feroz, cruel e abjeto como todo filho dum chatria e duma sudra, destinado á vil profissão de caçador dos animais que moram em tócas. E nós sempre ficariamos separados! Eram horriveis essas idéas. Davam vontade de morrer".

Um esgar arrepiou a face enrugada do vanafrasta e a sua voz misteriosa, com a autoridade das suas noventa e seis perfeições rituais, apontou, novamente, o mandado imperioso do dogma:

— "Chatria, a divina Trimurti creou na sua alta sabedoria as castas e os oprobios dos mestiços, para que elas se não misturassem. 'A ti não cabe a revolta e sim a submissão."

— "Perdão, meu santo! Amámo-nos muitas vezes ainda. Pecámos ainda muitas vezes. Uma tarde, ela veiu a mim, sob as figueiras, chorando, dizer que já sentia o nosso filho, o nosso infeliz filho. Não se matava, jurou, porque não tinha coragem. Dias depois, antes de minha partida para a guerra de Madiapura, trouxe-me um turbante vermelho. Fôra um fakir de Ariavarta que o déra a seu avô, salvador do santo homem num naufragio. Era magico, afirmou-me. Quem o pusesse á cabeça ficaria invulneravel. Pediu-me que o usasse nas batalhas, lembrando-me dela.

Duvidei de tanta credulidade. Ela cobriu-se com êle e desafiou-me a feri-la. Ri muito. Mas seu tom era tão convincente, que tive vontade de experimentar. Mostrava tanta segurança, que não resistí. Ergui o alfange. Ela sorria confiante e serena. Desfechei o golpe... Ai, Vichnú! A cabeça de minha amada caíu sobre as ervas. Seu lindo corpo ficou um instante de pé, balouçando-se, como se hesitasse em caír. O' nunca, nunca esquecerei tal cena! O sangue saía aos borbotões, fumegando. De-

pois, o corpo tombou de lado surdamente, para sempre imobilizado!

Saí do estúpor que logo me invadira. A dôr enchia-me a alma, abafava-a, sufocava-a. Ajoelhei, levantei nas mãos aquela formosa cabeça, e, ó, richi! gritei tres vezes o seu nome facil, dôce, claro e propicio como uma bençam:

— Drapandí ! Drapandí ! Drapandí !

Os olhos fechados reabriram-se num instante, mas êsse olhar macio já não via mais. Fugí, horrorizado. Ela não tivera coragem de matar-se e preferira morrer por esta mão, que tanto a acariciara. Por isto, enganou-me, fez-me assassino! Montei a cavalo e com o seu turbante vermelho, que levei sobre a cabeça, mil vezes procurei a morte.

Mas, como se a sua virtude mentirosa nascesse daquêle crime que pratiquei, fui invulneravel. As setas roçavam-me respeitosas, os ferros das lanças afastavam-se por si e as trombas dos elefantes de guerra desviavam-se de mim. Prestei tais serviços ao rajá, que êle acaba de oferecer-me, para nova guerra, o comando do exercito.

Fala, vanafrasta, dize o que devo fazer para acabar com a minha dôr e redimir meus crimes!"

O ancião pôs-se rapidamente de pé. Os braços abaixaram-se e colaram-se ao corpo magro, abrindo para fóra, como se apregoassem desinteresse, as mãos palidas e sêcas. E o passaro domesticado esvoaçou, pousou-lhe, depois, no ombro. Falou, então, com voz amarga e demorada:

— "Ouve, guerreiro! És tres vezes culpado e a sudra mesquinha que mataste valia mais do que vales. Ela teve a nobre coragem do sacrificio. Tu ainda amas a vida, que tanto manchaste. Deves ser punido. Escolhe entre o castigo por tua propria mão e as longas torturas infernais do lama, que precederão á comprida gestação de tua alma por corpos de animais vis e abjetos, a começar pelo porco e a acabar por muitos peores que o porco. O castigo é a lei energica e poderosa que mantem a ordem no mundo. É divino. Vai para a guerra. Serve bem a teu rei. Procura a morte. A lei diz: "O homem nasce só, vive só, morre só e recebe só a punição de seus crimes. Depois de abandonarem seu cadaver á terra, como um pedaço de pau ou um bolão de barro, os parentes afastam-se, voltando a cabeça; mas a virtude acompanha sua alma". Vai chatria! Serve a teu rei, serve a teu povo, recupera com teus feitos a virtude que perdeste. Morre, castigando-te, e ela te acompanhará na grande jornada do Alem".

Disse e saiu solene e erecto, silenciosamente pisando as lages do claro pateo onde cantavam aguas. Sob uma arcada o correio esperava. O chatria ergueu o reposteiro, chamou-o e ordenou-lhe:

— "Volta ao rajá e dize-lhe que Vrikodara amanhã irá beijar seus pés. Vai!"

Dois mêses mais tarde, á hora do pôr do sol, travava-se numa praia de Tamrapani, o último combate entre as tropas da ilha e os invasores de Samudra, que tinham sido

vagarosa e dificilmente repelidos. Protegidos pelos frecheiros, os cavaleiros e peões embarcavam, apressados, nos seus navios ligeiros. Os elefantes de Vrikodara davam a última carga, cerrados, uivando, com as trombas direitas no ar. Os cornacas erguiam os cutelos rebrilhantes, soltando brados de incitamento. Os archeiros, debruçados das torres, apontavam as setas. Em torno remoinhava a infantaria, empinavam-se, nitrindo, os cavalos de guerra.

Quando os derradeiros invasores partiam nos barcos velozes, do alto de um elefante branco, coberto com o amplo guarda-sol real enfeitado de guisos, que patinhava na espuma das ondas, caíu, frechado no coração, o grande Vrikodara, baladiakcha ou general do rei de Tamrapani.

Os soldados malabares que o cercavam de longe contaram que, de bordo de um navio de Samudra, partira a frecha assassina. Porém o cornaca afirmou tê-lo visto enfiar no corpo, com a propria mão, o ferro que o matou. O certo é que os dedos do cadaver famintamente apertavam sobre o coração um turbante de pano vermelho.

O REI DA MASCARA DE OURO

"Eu sou Tugultipalesharra, o rei poderoso, o destruidor dos máus, o aniquilador das tropas inimigas"!

(Inscrição assiria cuneiforme).

— "É a mim que êle ama; no entanto, nunca lhe pude vêr o rosto!" dizia Vasti, formosa mulher elamita, muito clara, de olhos muito escuros e garboso pisar de rainha.

A sala de banhos do harem, com seu tanque de pórfiro, ao centro, cheio de agua perfumada, sobre a qual boiavam petalas de flôres e pedaços de açafrão, logo se encheu de risos e de vozes. Os corpos nús, alvos e morenos, das mulheres do rei espreguiçavam-se em esteiras e coxins. Á porta, mãos nos punhos dos alfanges, dois eunucos armenios, brunidos pelo vento áspero do monte Zagros, olhavam glacialmente aquelas belezas femininas.

Zab, uma egipcia de olhos de amendoa, rasgados na face lisa e levemente palida, depois duma gargalhada, falou:

— É a ti que êle ama, ó Vasti? Qual, minha querida! É a mim que, em pessoa, escolheu e comprou no

mercado de Nazibú e com quem já dormiu duas vezes numa lua. Entretanto, jamais consegui saber por que meu amado senhor anda sempre com aquela mascara de ouro, de expressão sorridente e feliz".

— "Quem sabe se não será para esconder uma grande tristeza?" interrompeu Esclira, uma persa de olhos acinzentados, com a sua voz dôce como mel.

— "Êle, infeliz?", interrogou, com um sorriso de dúvida, a linda Kati, filha da Comagenia, conquistada a golpes de espada pelo rei, numa invasão. "Não o creio. É o Todo Poderoso, o Grande Rei, o Esmagador dos inimigos! Não acredito nessa infelicidade".

E o seu sorriso duvidoso deixava transparecer o amargor intimo da filha dos vencidos.

— "E tu, que dizes, Miristar? indagou Zab duma caldéa alourada, já envelhecida nos perfumes e nos prazeres do serralho, cuja carne alva mostrava as primeiras rugas sutis da velhice.

— "Eu?" replicou serenamente a outra. "Nada. Quando para aqui vim da minha aldeia natal, vendida por meu proprio pai, resignada á minha sorte, encontrei o meu senhor com essa mascara sorridente de ouro. E nunca a respeito ouvi palavra nêste grande e rico palacio de Assur, cujos eunucos são surdos e mudos. Mas talvez razão no que penso tenha. . .".

— "Que é? Que é?" curiosamente murmuraram todas, aproximando-se.

— "Que é?"

Por um vão aberto no tecto de troncos de palmeira recruzados, a luz do sol entrava, irisando a agua perfumada, faúlhando nos vasos de ouro e prata, clareando ás formas roliças, sensuais das mulheres.

O grupo todo rodeou a mais idosa. E ela sussurrou-lhe:

— "O rei deve ser muito feio! Senão, não teria pejo de mostrar suas feições a nós que o amamos, a mim que êle adora...". E sorriu com dolorido desdem.

— "Feio, Tugultipalesharra, o terror da Asia! exclamou Kati. Que idéa! Um rei nunca póde ser feio, Miristar!"

Varuscha, que da India longinqua viajára até á Susiana no dorso dum elefante, gritou:

— "Mesmo horrendo eu o desejaria uma noite, ao menos! Vim entregar-me aos guardas do harem, trazida do meu distante país pela paixão que sua fama guerreira me inspirou e pela curiosidade de descobrir-lhe o segredo da mascara. Ha cinco luas que estou aqui e até agora não se dignou de lançar-me um olhar. Valha-me a sagrada Trimurti e que os manes da minha familia não me desamparem!"

Uma fémea magestosa, branca, e torneada pelos deuses, de face divina e olhos negros, profundamente brilhantes, inquietadores, filha das planicies da Partia, bebia a um canto, numa taça de ouro, lentamente, o claro

vinho assirio de palmeira. Irinia, que nascera na Gedrosia, mas era de raça siriaca, deixou vêr num sorriso o colar de perolas dos dentes, voltou-se para ela e disse, apontando-a:,

— "E' a favorita".

— "Perguntemos-lhe o que pensa ou o que sabe da mascara do rei", lembrou Vasti.

Virki, tostada pelo sol da Carmania, porém bela como uma estatua de bronze antigo, adeantou-se e dirigiu-lhe a palavra:

— "Maharana, tu que prendes o rei quatro noites por lua, conta-nos como é o seu rosto".

A magestosa mulher descansou a copa sobre um escabelo, estirou-se mais na esteira fôfa em que repousava e, com desenfado:

— "E' o desejo de vêr êsse rosto, do qual falar é ser condenado á morte, que ninguem, desde a Aturia á Cítia, conhece, que ninguem jamais viu, parece jamais verá, nem os guerreiros na peleja, nem as mulheres no leito o que me faz ser tão acariciadora e tão atraente.

Eu não amo o rei, que me ama, ó mulheres! Eu amo o segredo do rei! Prometi á minha propria curiosidade descobri-lo. E a curiosidade de uma mulher é perigosa. Pelos tres deuses peixes da Caldéa. Ea, Bel-Dagan e Oanés, juro que..."

A' porta surgiu um soldado de mitra negra, peluda, cheio de colares de ouro, que agitou no ar uma lança e bradou:

— "O rei!"

Logo se encolheu, sumiu pelo corredo escuro, com as pupilas faiscando como as dum chacal no cio, levando nelas a luminosidade tentadora das carnes núas entrevistas. Maharana virou-se com preguiça para a porta. Varuscha arregalou os olhos escuros, estufando o peito de bronze, onde os seios de indiana, duros e polidos como os seixos rolados do Ganges, se perfilaram. Miristar entrou na agua, que lhe encobriu, bondosamente, o corpo meio móle, só deixando de fóra a sua bela cabeça. Vrika sentou-se á beira do tanque, cruzando as pernas bem feitas. Zab descobriu as teclas de marfim dos dentes num sorriso felino, que prometia os maiores ardores. Kati cobriu a meio sua nudez provocante com a negra toalha dos cabelos.

O rei entrou. Vestia, por cima da tunica de linho branco, outra tunica, mais curta, de lã amarela. Trazia, enrolado aos ombros o manto alvo; sobre a cabeça, uma tiara de ouro e pedrarias, e a barba guardada dentro dum saco azul. As correias das sandalias de biblos apertavam-lhe as pernas nervudas. Os brincos alumiavam. Desprendia-se do seu corpo, em excesso, o cheiro dos sete perfumes propiciatorios: incenso, estirax, olíbano, aúd da India coriandro lunar, mirto branco e lédano rosado. Entre êsses odôres fortes, distinguia-se o áflato sutil do nad

de Serendib e do gálbano da Siria. Uma rosa floria, esculpida no punho alto do seu cajado. E a mascara de ouro dava-lhe uma eterna expressão sorridente e feliz.

Tugultipalesharra lentamente examinou, uma por uma, as mulheres núas, silencioso e farto. Ao sair, apontou a Kuhú, um dos eunucos, a bela Maharana.

Livres da presença do rei, todas entraram nagua, banhando-se, brincando, espadanando gotas ao sol. A um canto, a favorita disse á indiana Varuscha:

— "Hoje, juro, hei de vêr o rosto do rei e vocês saberão o segredo terrivel!"

* * *

Noite alta. Num dos corredores do palacio, envolto na capa escura, passa ligeiro um vulto de mulher. Outro sái de trás dum querub, que, com asas de abutre e cabeça de touro, sustinha o fôrro de madeira preciosa, chamando baixinho:

— "Maharana?"

— "Varuscha?" sussurrou o primeiro vulto.

— "Sim".

— "Vem!"

A indú aproximou-se. Maharana soprou-lhe:

— "Os eunucos dormem. Chama as outras e trala-las á minha camara. Adormeci o rei com um narcotico inofensivo. Posso tirar-lhe a mascara. Anda depressa!"

Varuscha correu. Daí a pouco, pelo corredor onde se ouvia o pesado ressonar dos eunucos, outros vultos femininos passaram, velozmente.

As mulheres do banho encheram o aposento fracamente iluminado por uma candeia de oleo de sésamo. O rei dormia no leito revolto. A babilonia desatou-lhe as correias da mascara. A luz fumosa deu-lhe em cheio no rosto. Todas recuaram com um grito de horror, as mãos tapando os olhos. Com que monstro humano tinham dormido e de que podridão se orgulhavam de ser favoritas!

A cara de Tugultipalesharra, orgulhoso soberano da Assiria, esmagador de povos, que espalhava sobre a face da Asia soberbas inscrições triunfais, estava comida, da orbita esquerda até aos labios, por um cancro medonho. Estrias de pús corriam da testa ao buraco refolegante, ensanguentado do nariz. Via-se entre a carne apodrecida a palidez cerosa das gengivas. Pústulas rebentavam aqui, ali. Uma pasta de perfume, amarelada pela materia, grudava-se á mascara de ouro.

As mulheres fugiram. Maharana amarrou novamente a mascara. De manhã, o rei não a encontrou mais a seu lado. Fugira do harem. Ao escalar o muro de tijolo e betume dos jardins, uma sentinela derrubara-a morta com uma frechada.

Dêsde essa noite, sem que pudesse adivinhar por que, nunca mais o rei encontrou, ao entrar no banho do serralho, os olhos cubiçosos das mulheres. Até parecia que algumas procuravam esconder-se. Zab e Kati apregoavam que não eram amadas. Varuscha olhava-o com lagrimas

nas palpebras. Varias escravas novas, vindas de mercados e saques, mataram-se depois de ouvir de Esclira ou de Miristar o segredo horrivel daquela mascara misteriosa, que eternizava, na face metalica do grande senhor de povos e conquistador de reinos, uma expressão sorridente e feliz.

A TAÇA DA VERDADE

"L'ignorance fait notre tranquillité: le mensonge, notre félicité".

(ANATOLE FRANCE, **Les dieux ont soif**).

Mais um esforço e o navio, impelido pelos braços musculosos dos marinheiros, subiu na areia clara da praia. As ondas miudas do golfo quebraram-se á pôpa, espumando. E o piloto, sentado sobre um mouchão de terra, gritou, com as mãos em porta-voz, na bôca, enquanto o vento lhe açoitava a ponta solta do turbante:

—"Ala! Ala mais! Senão o mar leva o leme. Ala!"

Os doze tripulantes, homens fortes e tostados, meteram ombros á carena do barco, ergueram-no, retezando as pernas, que o espraiar das espumas beijava, e arrastaram-no até fóra da arrebentação.

Resfolegando, vieram sentar-se depois, em torno do chefe, silenciosos. A praia deserta estendia-se para o norte, a perder de vista, toda banhada de sol. Ao oriente, erguiam-se dunas amareladas. Não se avistava uma pal-

meira. E as vastas aguas azuladas da Grande Sirte tremiam na vibração da luz.

O piloto rompeu o circulo de marujos e dirigiu-se ao navio. Era uma galera fenicia de dez remos, com um mastro, sob cuja gavea gradeada palpitava a vela trapezoidal sidoniana lozangulada de vermelho. Na parte inferior do casco, algas e limos pendiam como cabelos verdes, dêsde a roda de pôpa até o esporão de bronze da prôa, pontudo como uma lança. E do buraco do escovem fingindo enorme olho, de palpebras e pestanas pintadas, a corrente grosseira da ancora pendia até ao chão.

Por ela, rapidamente, o homem subiu ao convés. Momentos após voltou, com um estatueta de prata na mão. Colocou-a sobre a praia. Era a deusa Astoret protetora dos navegantes, que os fenicios adoram ao desembarcar. Então, todos se prosternaram, abrindo os braços, murmurando orações.

Terminado o culto, o piloto ordenou:

— "Baik, faz lume e prepara o jantar. Temos fome".

Um fenicio magro e agil afastou-se do grupo. Dentro em pouco, brilhou uma fogueira junto á prôa da náu e as narinas começaram a aspirar o delicioso cheiro do peixe frito no azeite.

Todos os marujos acercaram-se do cozinheiro. O piloto e um outro ficaram junto ao idolo. O ultimo, Baat de Berotbai, sutil e astuto filho de Tiro, que outr'ora

possuira uma galera e viajára pelas Afortunadas, conduzindo mariscos da ilha Purpurania para as fabricas da sua cidade, falou:

— "Estás silencioso e triste, Rasch de Sidon. Por que?"

— "Deixa-me em paz, Baat".

— "Não te aborreças, amigo. Sou teu socio e gosto de ti. Interessa-me a tua vida. E como traduzi o papiro que achaste, num frasco de vidro, á flor dagua, perto da ilha de Ebussus, sou tambem responsavel nesta aventura".

Rasch continuou calado. Seus olhos passearam sobre o mar deserto e sobre as areias desertas. Lentamente, tirou o turbante, deixou os cabelos negros, anelados, brincarem ao vento e respondeu:

— "Como todos os da minha raça, tenho viajado muito. Já busquei estanho na Hibernia, âmbar no mar dos Gelos e ouro nas costas dos Getulios e dos Farusios. Trafiquei anos seguidos com os itiofagos da Gedrosia. Estive em Tanrapani, em Malaga, nas ilhas de Maniote e de Jabade, no oceano dos indios. Percorri o mar Eritreu e a baía dos Avalites. Fui onde raros teem ido: além do golfo do Ganga, a Sabaraca e a Berobé, no país da prata".

Com um olhar de admiração e de inveja, o de Berotbai murmurou:

— "Deves ter aprendido muito".

— "Sim. Conheci e despresei os perigos. Sofri tempestades e fomes. Naufraguei. Lutei braço a braço com

as ondas. Vivi, comendo ervas, durante oito luas, numa ilha deserta, até que me recolheu um barco de pesca dos homens côr de açafrão que habitam os ilhéus ao sul do país da Canela. Vi, nas costas da terra do Incenso, perto da ilha de Serapis, o Velho do Mar, surgindo das ondas com a sua barba mais branca que a espuma das tormentas, erguendo as mãos para apanhar os gageiros adormecidos nas gáveas. Mas nunca meu coração esteve tão ansioso e preságo como agora. Parece-me que caminho para a morte. Ás vezes, arrependo-me de ter apanhado a tal garrafa e pedido que me traduzisses o papiro, escrito em velho fenicio, que, hoje, bem poucos sabem".

— "Não ha motivo para apreensões", tornou o outro. "Não corremos o menor perigo. O papiro dêsse velho viajante e sábio Hanon de Sarepta indica o lugar onde se acha "o maior tesouro do mundo". Encontra-lo-emos e reparti-lo-emos como irmãos. Achas pouco, ambicioso?" E seus negros olhos, vivos como lumes, faiscaram.

Entardecia. O vento do sul trazia o halito quente da Libia, revolvendo o areial branco sobre o qual se não avistava uma palmeira, um vulto de nasamon fugindo montado no seu dromedario.

Acocorados em redor da fogueira, os marinheiros comiam. Baik trouxe, numa salva de cobre, dois peixes fritos e dois bolos de farinha endurecidos pela viagem. Rasch e Baat começaram a comer. Machucando com os dedos uma pasta de bolo, peixe e azeite, o segundo indagou, ávido:

—"Tens a certeza de havermos desembarcado no verdadeiro lugar?"

O sidoniano sorriu com superioridade, cuspiu algumas espinhas miudas e replicou:

— "Nunca perdi um rumo. Nem vendavais, nem perseguições de piratas me atrapalham. Desde que começamos a organizar a expedição, recrutando os melhores maritimos de Edipa, de Askalon e de Arka, fenicios e filisteus, cuidei de bem conduzir a viagem. Saímos de Biblos, embarcamos mantimentos em Aradur, velejamos para o sul até Rinocorura. Costeamos o Egito, a região dos Adirmachidas, comedores de piolhos, até avistarmos a alvura das casas de Cirena..."

— "Mas uma ventania nos levou quasi ás ilhas dos Lotofagos".

— "Conseguimos voltar. Aproamos a esta enseada, que é a descrita no velho documento. Tenho segurança de que é aqui mêsmo o local. Mais para dentro deve estar o oasis de Augila. Ao pé da palmeira, que encontrarmos, indo da costa, Hanon de Sarepta enterrou o "maior tesouro do mundo".

—"Desta praia lançou ao mar, antes de morrer, a sua garrafa".

— "Que me fez sair da vida que levava para as ansias duma grande ambição e para a tortura dêste receio profundo".

— "Cessa tuas queixas. Não tens razão. Nenhum dos homens da equipagem sabe o que viemos fazer aqui. Cuidam que esperamos uma caravana de marfim do país de Agazimba. O papiro com suas indicações preciosas está contigo. E eu, o unico conhecedor do segredo, sou o teu maior amigo".

A noite vagarosamente caía. Do sol restava sómente, no horizonte, um avermelhado de brasa que se apaga. O mar estava negro. Já os fenicios se enrolavam nos mantos de lã e se deitavam ao pé do navio. O piloto e o socio subiram a bordo. Ao longe, na vastidão do deserto, gritavam hienas. Sombras leves de chacais corriam na areia. Farejavam o homem, olhavam os restos da fogueira e fugiam.

Ao nascer do dia, os dois amigos caminharam pelas dunas para o interior das terras. Andaram mais ou menos duas parasangas, quando avistaram uma palmeira solitaria, açoitada do vento. Correram ansiosos até lá. Uma ossada de camelo dispersa pelos animais bravios circundava o tronco, no qual se abriam rudemente algumas velhas letras fenicias. Entreolharam-se tremulos, olhos luzindo de gula. Rasch murmurou:

— "O papiro não mentiu. Estão aqui as iniciais de Hanon de Sarepta e os ossos do seu camelo".

Antes de cavar o chão, tirou do peito o documento, passou-lhe a vista pelas indicações e, enquanto Baat mor-

dia os labios, apertava os dedos de impaciencia, disse, dominando a sua curiosidade ambiciosa, relembrando a vida do que lhe legara, por acaso, tão grande fortuna:

—"Infeliz aventureiro! Penetrou na Libia Interior até ás tendas do rei dos Garamantas, que lhe deu o **nosso** tesouro. Os marmaridas aqui o atacaram. Ao avista-los, cobriu de areia o seu cofre. Mataram-lhe o camelo e deixaram-no mal ferido. Quando os inimigos fôram embora, achou forças para escrever o papiro, deita-lo ao mar dentro dum frasco tiriano".

Rasch começou a cavar o solo, enquanto o amigo vigiava os arredores. Subitamente, soltou um grito, enfiando as mãos na terra revolvida. Dera com um objecto de metal, envolto em panos, que ressoara ao bater da pá.

Baat, com as pupilas lupinas rebrilhando, voltou-se repentinamente e cravou-lhe nas costas o seu longo punhal semita. O outro ergueu-se, cambaleou como ebrio e caíu de bruços, avermelhando a areia e os ossos brancos do camelo.

Com o embrulho debaixo do manto, apertando-o constantemente nas mãos tremulas, o assassino correu á praia, e, ao avistar o grupo de marujos em derredor da nave, foi logo bradando:

— "Os nasamons! Os nasamons! Mataram o piloto com flechas e aí veem, perseguindo-me. Ponham o navio a nado!"

Os ombros e braços dos fenicios empurraram a galera. Êle chegou, trepou pela ponta da amarra. O navio boiou. Todos saltaram dentro. Os remos gemeram nas entalhas

da amurada. A vela losangulada de rubro palpitou ao vento africano e o barco rasgou, velozmente, as aguas azues da Grande Sirte. Na praia batida de sol, ficava abandonada, faiscante, a estatueta de prata da deusa Astoret, que os homens do mar adoram sobre a terra, logo que desembarcam, e os homens da terra adoram sobre o mar, quando viajam.

Perdeu-se a costa de vista. Baat de Berotbai encerrou-se no náos, fechou a cortina grossa da porta e desembrulhou o cofre de Hanon de Sarepta. Abriu-lhe o tampo de bronze. O' decepção terrivel! Dentro havia somente pesada copa de ferro,com letras desconhecidas em relevo, na borda. Atirou-a a uma velha cesta de esparto. E, de bruços no taboado, chorou até ao anoitecer a desilusão dos seus desejos, com o remorso de um crime inutil.

Trinta e dois dias e trinta e duas noites durou a viagem de retorno. Emfim, numa manhã, quando o sol nascia entre nuvens incendiadas, por trás do azul do Libano e do violeta do Hermon, as correntes das ancoras rangeram nos olhos abertos dos escovens, dentro do porto comercial de Tiro, a Industriosa.

A cidade erguia-se soberbamente, entre muros e torres, dominando alto rochedo, toda rodeada pelo mar. A costa fronteira era arenosa e baixa, cheia de cabanas de pescadores. Além, avultavam, mais azuis que o céu, os montes da Galiléa. E milhares de vélas quadradas, arredondadas, triangulares, verdes, côr de ouro, purpurinas, cobriam as aguas. No porto, amarradas aos cáis, arfa-

vam, balouçavam-se hemiolias da Tracia, triremes de Samos, vermelhas como a chama, catascopios do Euxino, estróngilos das Cicladas, escafas pesadas de Gades, com doze pares de remos. Vinham uns da Tulé misteriosa, do promontorio Hesperio; outros, de Bizancio e do Pireu; ainda outros, de Odessa, de Tomi, de Trapezunte.

Ao pé do cáis, nas baiucas e locandas, havia gente de toda a parte, fálando todas as linguas. Por entre ela, se meteu, a beber e a jogar, na necessidade de esquecer o drama da Cirenaica, aquêle marujo de Berotbai, socio e amigo de Rasch o sidonita. Quando gastou a última placa de prata, em que se perfilavam, fundamente gravadas, as muralhas de Tiro, levou ao mercado o derradeiro objeto que lhe restava com algum valor: a taça vil de Hanon de Sarepta. Queria dinheiro, afim de beber. Sómente o vinho lhe dava esquecimento e paz.

A feira era uma grande praça quadrada, sem arvores, para a qual davam as portas do palacio do rei e o terraço do templo de Melcart, cheio de globos de cristal multicôres e de incensadores de bronze. Sob velarios arroxeados e vermelhos, homens e mulheres vendiam á variegada multidão, que os circundava, comidas, louças de barro, vasilhas de vidro, oleo de sésamo e de oliveira, córtes de tiriana fina como teia de aranha, nardo, benjoim e nad do país dos sabeanos.

Baat aproximou-se dos mercadores de objetos de metal e apregoou a taça por um shekel. Durante algum tempo ninguem o notou. Mas um velho astrologo que passava, lentamente procurando cousas curiosas, tomou-a,

examinou-lhe os caractéres estranhos da borda. Olhou, depois, o criminoso com vagar e espanto; perguntou-lhe:

— "Onde achaste esta taça?"

O outro empalideceu, hesitou um instante. Depois, disse, com tremuras na voz:

— "No oasis de Augila, entre o país dos nasamons e o dos marmaridas, na Libia. Mas por que me perguntas isso?"

— "Porque esta, tornou o astrologo, gravemente, é a taça de Kalkerot, o maior sabio da Nubia, que a deu ao rei dos Garamantas. Ninguem sabe com que filtros a fabricou; porém sua virtude está escrita com letras etiopicas nela propria".

Já uma mó de curiosas e basbaques se premia em torno dos dois, esgazeando olhos, murmurando:

— "E qual é essa virtude?" perguntou, entre curioso e incredulo, o assassino.

O astrologo sorriu, e, virando a copa entre os dedos, leu palavra por palavra, em voz alta:

"Quem por mim beber nunca mais poderá dizer senão a verdade!"

E afastou-se, demoradamente arrastando o manto azul pelas lages. Baat compreendeu, então, porque Hanon chamára áquela taça o "maior tesouro do mundo". Baixou a cabeça, pensativo e triste.

O povo alongava-se sussurrando.

Ouviam-se vozes: — Que perigo! — Quem se meter a só dizer verdades está louco. — Acaba mal! — Nada mais necessario do que a mentira! A voz escarninha do sabio veiu da sombra do palacio real:

— "Então, vendedor, tens ou não coragem de experimentar a tua taça?"

De pé, enrolado no manto azul, o homem sorria.

O de Berotbai estendeu a taça para um mercador de vinho e pediu:

— "Dá-me uma gôta, de esmola".

O outro inclinou a ánfora e encheu-lhe o vaso. Baat bebeu. E logo o atirou ao chão, caíu de joelhos no meio do povo espantado, aos gritos soluçantes confessou:

— "Matei Rasch de Sidon, meu socio, no oasis de Augila, na Cirenaica, junto duma palmeira, com uma punhalada! Matei-o para roubar-lhe esta taça, pensando fôsse um tesouro. . ."

Dois archeiros da guarda do paço vieram e prenderam-no. A copa ficou sobre as lages. Ninguem tinha coragem de apanha-la. Maharbal, o astrologo, levantou-a e levou-a a Hiram, o sabio, rei de Tiro, seu patrono, com um riso sarcastico.

Na grande sala do palacio, contou ao soberano a cena do mercado, que alguns oficiais confirmaram, e entregou-lhe o perigoso objeto. Hiram examinou-o em silencio. Depois, chamou o chefe dos escravos, ordenou-lhe:

— "Rusko, derreta em bom fogo esta peça de bronze e lance o metal ao fundo do mar!"

E, voltando-se para Maharbal, para os oficiais e cortezãos, acrescentou:

— "Triste do mundo, se todos bebessem em tão perigoso vaso! Triste do mundo, se não fossem as mentiras convencionais e a hiprocrisia! Sem estas, as lutas seriam peores e maiores do que são. Toda a felicidade humana repousa na mentira".

Maharbal sorriu e respondeu:

—"Tu és, ó Hiram, um grande sabio e prudente rei! Que Melcart e Tanit protejam teus dias!

O TAMBOR DO ADULTERIO

"Tching-tang, le fondateur de la dynastie dite des "Tchings", fut célèbre par sa sagesse. On lui attribue l'art de préparer les peaux pour en faire du cuir".

(J. LINGAY — **La Chine**).

O imperador Tching-tang, tchi-nu-ta-qua-nu-nan, "verdadeiramente grande e luz gloriosa", regressava duma inspeção aos seus grandes vassalos, dirigindo-se á cidade de Hao, pela linda estrada de Hsi-gnan. Fatigado da viagem, dormia no macio palanquim, carregado aos ombros de quatro soldados possantes, de capacetes fingindo cabeças de tigre. Duplo cordão de archeiros com alabardas de formas extravagantes e cotas de sôlhas de ferro cercava a liteira, cujas cortinas de quando a quando se abriam ao vento, mostrando o vulto do soberano de bruços sobre os travesseiros de bambú desfiado, envolto na cabaia de setim amarelo brochado de ouro, com desenhos de cordão, em relevo.

Depois dos guardas, vinham, a pé, lentamente, os membros da familia imperial, de faixas alaranjadas, e as cinco ordens de oficiais da corôa, distinguindo-se pelos seus

botões de coral, de lapislazzuli, de alabastro, de ouro e de prata. Seguiam-se a gente de serviço do Imperador, com um dragão de cinco garras ao peito, e os cortezãos ricos, trazendo o rabicho augmentado por fios de retroz preto, um dragão de quatro garras sobre o coração e, para mostrar sua fortuna, todos os seus vestidos de seda enfiados uns sobre os outros. Contavam-se entre êles vice-reis, governadores, prefeitos das provincias e muitos descendiam das familias primordiais de Ba-hô, fundadoras do Imperio. Por fim, após os politicos, os letrados, os agentes do cadastro e os professores, fechando a comitiva, os militares, pessôas de infima classe na hierarquia da côrte, o que demonstrava a pouca importancia que a guerra merecia.

Dum lado e do outro do caminho, estendiam-se imensos arrozais, rindo ao sol com o seu verde novo, repartidos por veredas lamacentas, em tantas partes quantos os filhos machos do agricultor. Os grandes salgueiros de fôlhas argenteadas curvavam-se sobre os corregos gementes e á sua sombra deitavam-se os carneiros malhados, de caudas mais gordas que os quartos trazeiros. Alternavam com as copas floridas dos pecegueiros e os ondulantes penachos dos bambús tectos de palha trançada, de ramos e de terra batida das cabanas de lavradores. Marginando os pantanais, as aldeias aquaticas descançavam em estacarias. Uma escada arrimava-se ás portas das casas e os frangos piavam nos galinheiros suspensos. De onde em onde, o cortejo surpreendia, enfiando a sacha no campo ou concertando a sebe da horta, um camponês vestido de fôlhas

sêcas, com os dedos grandes dos pés tão afastados que podiam servir de polegares e apanhar objetos no chão. Logo, o homem se prosternava com o rosto na terra húmida, os braços estirados, tremendo.

Ao ressoarem as solas grossas dos soldados no assoalho da ponte do Hoang-hô, coberta pelo seu tejadilho lustroso e ladeada de casinholas de mercadores, o grande cataio acordou. Ergueu, vagarosamente, meio corpo, recostou-se em almofadas e respirou o frescor da agua corrente. Juncos de velas pregueadas desciam o rio, os galhardetes flamantes flutuando ao vento da tarde.

Começaram as alamedas dos suburbios da capital. Casas nobres, de tings ou tectos recurvos, envernizados de amarelo, sorriam entre arvores floridas, ao meio dos jardins. Adeante era o mercado das Delicias, cheio de gente em movimento e bulicio, que, á passagem do palanquim caía de joelhos, os braços abertos, ou se estendia de rosto na poeira.

O pregão dos negociante de potes e esculturas de marfim écoava sob as ruas cobertas, enfeitadas de taboletas perpendiculares com grandes letras escuras, esgalhadas como chifres de veado. A' frente dos açougues pendiam cães de pele rósea, esfolados e abertos, perfumados com ervas aromaticas, fileiras de ratos gordos dependurados pelas caudas, texugos recheados de toucinho. Sobre as carretas dos camponios, empilhavam-se pecegos, maçãs, frutos hibridos, jacas de bagos amarelos e viscosos, melancias côr de sangue de criança. Montanhêses de

camisa azul apertada na cintura conversavam mascando páus de canela.

Acotovelava-se gente de toda a sorte. O chinês calmo, barba rala e sedosa na face alvarinta, mostrava seu dôce caráter contemplativo de infinita paciencia. Distinguiam-se logo o mandchú assomado, cerdas ásperas no rosto amarelo bistre, casaco de peles de salmão, facalhões na cinta, e o tibetano do País da Morte, onde as formigas ajudam o trabalho dos mineiros.

Caçadores dos montes Celestes, enfeitados com unhas de tigre, e pescadores de Fo-Kien com escamas de tubarão no saiote, devoravam em escudelas de páu, á porta dos albergues, peixes fermentados em vinagre de arroz. Mongóis da Terra das Ervas, que comem os piolhos dos amigos, traziam presos em correias macacos barbudos, do rabo de porco, adestrádos a roubar.

Jograis coreanos introduziam fios de ferro pelas narinas até á garganta, engoliam sabres e balas de chumbo, enfiavam finissimas varetas nos lacrimais e nos ouvidos, cuspilhando sangue, entre o assombro dos meninos e o riso alvar dos basbaques. E os negociantes passavam, vagarosos, sorridentes, mastigando gengibres confeitados, com um rosario de sapecas de ouro enfiadas num cordão pendendo do braço, enquanto os pobres os seguiam, lamuriosos e famintos, esmolando.

A comitiva imperial aligeirou o passo pela rua do Repouso Perpetuo, entre palacetes ricos, luzentes de porcelana. De novo, as sandalias grossas dos soldados pisaram um taboado ressoante. Era a ponte do canal das Aguas

Amaveis, bordada de pedra, recoberta por um telhado repousando em colunas de marmore.

Abriu-se, então, deante dos olhos de Tchig-tang, a perspectiva alegre da rua do Odôr Suave, terminando no alto muro de tijolos vermelhos do paço imperial, com a sua porta redonda gradeada de ferro. Por ela o sequito ilustre entrou no jardim.

Uma avenida lageada de marmore claro corria entre dragões de bronze arremetendo de socalcos de onix, encerrados em rêdes de latão para impedir as andorinhas de fazerem ninhos nas asas e as moscas de os sujarem.

Dum lado, sombreavam a pelucia verde dos relvados, arvores copadas, a cuja sombra caiam braçadas de flôres dos jarrões pintalgados de azul. Amoreiras floridas cercavam, no alto de pequena colina, um quiosque de madeiras finas incrustadas de marfim, que abrigava a imagem do genio protetor dos insetos: das borboletas que alegram prados e parques, das môscas de ouro e de coral que beijam as flôres, das abelhas que zumbem nos vergeis, da lagarta nojenta que produz a sêda maravilhosa.

Do outro, era um jardim de pesadelo. O chão todo de salbro alvo palhetado de ouro e prata, sem uma sombra de arbusto copado, com faisões dourados orgulhosamente passeando e pavões esplendidos magestosamente abrindo os leques. Em canteiros de fórmas estranhas, vicejavam fétos cultivados, balançavam-se flôres vermelhas, azues, brancas, rôxas, maiores do que uma cabeça de homem. Todas as plantas tinham sido contorcionadas por mão habeis e

diabolicas. Um buxo afetava o perfil humano; um tronco de cananga fôra retorcido e esculturado para fingir um dragão; cada galho de um pecegueiro anão coleava como uma serpente. E, entre os tanques de pórfiro, cheios de aguas coloridas: amarelas como o ambar, rubras como o sangue, negras como a noite e verdes como o mar, os vultos brancos das cegonhas e das garças imobilizavam-se no crepúsculo.

A noite caiu de todo, quando o imperador se recolheu aos seus aposentos. Sentado sobre um tapete felpudo, lia, entre o seu ling-yin, primeiro ministro, e o seu tafu, ministro simples, algumas taboas enceradas, que tratavam da maneira de combinar essencias para conseguir os liquidos que amaciam ou endurentam os couros. Tching-tang vivia em continuos estudos e continuas preocupações. A fama de seu saber enchia o imperio e a sabedoria de seu governo deslumbrava o povo. Êle era considerado tão grande quanto Chum, o lavrador, e Hoang-ti, o imperador amarelo; maior que Wen, o rei da razão, que Tchao-ping, o engeitado glorioso, mesmo que Fu-hi, o legislador; e como Iao, o dragão, inventára a arte divina de tecer os panos, Tching-tang inventára a arte sublime de curtir os couros.

Descobrira os meios infaliveis de tornar as peles duradouras e adapta-las ás grandes necessidades da vida. Envelhecera em tentativas. Jamais cuidara de outras cousas e até se esquecia de que o esperava submissamente ajoelhada sobre grandes almofadas de sêda, na sua sala de lacas nacaradas, faiscando de pedraria, a mais bela

mulher do mundo, Nenufar Branco, da pele côr de luar, imperatriz da China.

O imperador deixou as taboletas e disse:

— "A pele do yak, que é a mais grossa, deve ser bem batida e ficar tres anos de môlho no cozimento de raizes e cascas de amoreira. A do hipopotamo sómente presta depois de bem molhada numa serie de banhos e esfregada com sêbo e pedra hume. E' preciso muito cuidado para as do tigre e do leão não perderem os pêlos, quando são mergulhadas no banho de tanino. E a do babirussa, dentro da solução de cevada, curte sómente durante os dias de lua cheia".

A chama dos brandões clareava lacas e porcelanas nos paineis das paredes, onde voava toda a especie de bichos, desde o grou ás tartarugas. Sôbre as suas peanhas, o deus do lar, apertando o ventre com as mãos, e a deusa do lar, erguendo uma ánfora, ladeavam o altar dos antepassados, de cujas caçoletas se desprendia o fumo odorante do aloés e do sandalo.

Tching-tang estendeu os pés sobre as lages de marmore branco e, olhando pela janela aberta o céo estrelado, continuou a falar aos ministros:

— "São necessarias cincoenta e sete noites de mergulho na agua quente, com raizes de salgueiro, para amolecer a pele do cão; seis luas de curtimento na agua de sal e centeio, para abrandar a do cavalo; e oito na de ferrugem, para preparar a da raposa. A pele humana requer fôlhas de mirto e de lentisco, fricções leves de oleo de bétula. Sei todas as formulas e todos os processos de

cortume e defumagem. Preparo os couros verdes, sêcos e salgados, e emprego a cal, afim de tirar os cabelos. Mas quanto me tem custado êsse saber! Vivo consumido e só. Em todo êste palacio não ha, a esta hora, um unico ente que pense em mim ou que agradeça as minhas vigilias para o beneficio de todos".

Y-yin, o primeiro ministro, olhou o outro colega e abalou a cabeça. Depois, falou ao soberano:

— "Sois o Filho do Céu, governais com acerto e tornais o povo feliz. Estudais ainda por cima uma ciência dificil. Sereis eternametne lembrado no Imperio do Meio, com veneração e amor".

O imperador levantou-se, apoiou-se ás colunas de madeira vermelha da varanda e olhou a noite negra sobre a terra, luminosa no alto do céu. Passeou a vista pelos jardins silenciosos e pousou-a, depois, numa ala do edificio que avançava sobre os relvados. O quadrado claro duma janela recortava-se na escuridão, suspenso no ar. Por trás do papel da Coréa iluminado moviam-se vultos. Tching-tang prestou-lhes atenção. Eram uma figura de homem e uma figura de mulher, muito negras na luz. Andavam. Pararam. Aproximaram-se. Uniram-se. O velho reconheceu o fino perfil sob a tiara faustosa de Nenufar Branco, a imperatriz.

Deixou a varanda, pousou a mão no ferrolho de bronze em fórma de morcego, que fechava a porta, e dirigiu-se ao interior do paço. Os ministros acompanharam-no de longe, receiosos. Atravessou os desertos e escuros salões

de laca feita de goma da arvore Tsi, colhida no vale de Sze-tchuen; o salão de lacas negras com paisagens de marfim e madreperola embutidas; o de lacas palhetadas de ouro, com vasos de bronze e cobre sobre tripeças de xarão; o de lacas vermelhas, onde se alinhavam estatuetas de quartzo hialino, de calcedonia, de crisoprasio e de heliotropio, de pé em bancos de ébano; e o de lacas pardacentas com meandros de fio de ouro e flôres de rubis.

Arrancou a barra de ferro que trancava uma porta. Um jorro de luz clareou as paredes ricas, o lageado precioso. Num quarto forrado de sêdas palidas, um archeiro moço amava a imperatriz.

Tching-tang segurou um martelo de ouro esquecido ao pé duma banqueta com porcelanas finas, e golpeou um gongo de prata. O éco dos jardins repetiu o som argentino. Os dois amantes levantaram-se surpreendidos e caíram de joelhos. De toda a parte acorriam servos e soldados, guiados pelos dois ministros. Ferros de lança alumiavam nos corredores, á luz dos archotes. Brutos punhos abateram-se sobre os culpados.

E o soberano ordenou ao comandante de suas guardas:

— "Mande esfolar ambos, cuidadosamente. Quero curtir suas peles e fazer com elas os couros dum tambor!"

Muitos dias mais tarde, no mês de Kia-Tsen, reunia-se o conselho imperial no salão das lacas vermelhas. Vieram os letrados com seus gráus de tan-hú e hoang-giap, os interpretes, os astronomos que comentavam o vetusto livro de Yi-king, e os velhos sábios, que tentavam desvendar as obscuras teogonias ou tinham já empregado mil caractéres

dos oitocentos mil que possuia o alfabeto chinês. O imperador mostrou-lhes o tambor, que um mandchú fez soar, e, quando o barulho findou, disse:

— "Foi feito com a pele duma mulher deshonesta e vil e, com a dum traidor ao seu rei. Dai-o a guardar aos censores do Tutetra-iunan. Que o arauto público sómente o toque, na cidade de Háo, para anunciar o castigo dum desleal e a morte duma adultera".

Contam velhas cronicas do Imperio do Meio que, sete luas após essa ordem, o chefe do Tribunal da Censura pedia ao Filho do Céu licença para mandar curtir a pele de sua esposa, surpreendida nos braços dum colega, afim de com ela substituir a do tambor, já gasta pelo uso.

OS PEDIDOS DE MATUSAEL

"Dieu lui apparut et lui promit qu'il lui accorderait une grâce à son choix".

(L. GIRAULT — **"Histoire Sainte"**).

Salomão reinava, seguindo o caminho do bem. Ainda se não misturára ás fémeas estrangeiras nem pervertêra seu espirito religioso, adorando Belfegor e Camosc, deuses dos moabitas. Israel desabrochava como flôr perfumosa á face da Asia. E todas as nações invejavam a felicidade do povo de Deus. Seu templo faustoso era o assombro da Siria decrepita e até os proprios fenicios, que o tinham ajudado a levantar, o achavam mais belo do que o de Astoret, em Tiro, e o de Melcart, em Sidon.

Comercio, industrias, mêsmo artes, sempre despresadas pelos israelitas, progrediam. Jerusalem estendia-se pelas colinas da visinhança, regorgitando de gente afanosa e alegre, vinda da Iduméa, da Tiberiade e do país de Sabá. Tudo sorria ao povo eleito e nunca haviam sido tão abundantes as colheitas do trigo, da uva e do bálsamo.

Nêsse tempo, morava perto do templo, numa pequena casa de pedra, rabi Matusael, profeta e sábio, da familia de Achimelech que protegera David das iras de Saúl. O santo homem andava pelos setenta e cinco anos, dêsde

os doze vivia em penitencia e oração, e ainda era rijo como um tronco de cedro. Viajára pela Persia e pela India, conhecia o Egito e as ilhas gregas, sabia vinte linguas e todas as ciências; mas cada dia se tornava maior seu fervor pelo culto de Jeová, unico e verdadeiro Deus.

Tanto adorou o Senhor que o Senhor resolveu dar-lhe imensa prova de seu agrado por tão continuado zelo. Não seria como aquela exigida do pobre Ezequiel, porém eminente, grandiosa e gloriosa, que o havia de deixar pasmado por tão alta recompensa.

Assim, uma noite o profeta teve um sonho maravilhoso, mais belo do que a escada de Jacó adormecido junto ao poço. Pareceu-lhe vêr, envolto em nuvens côr de rosa, o templo de Salomão, com seus degráus que correspondiam ás hierarquias dos espiritos celestes, e, no cimo do edificio portentoso, sentado e augusto, rodeado pelas ordens hieraticas de querubs e serafs, que formam os exercitos celestes, o Senhor Onipotente, Deus de Abraão e de Isac, de Israel e de David! E a sua voz rolou como um trovão, na profundez do espaço, mas como um trovão que não amedronta, antes pelo contrario, enche de paz as almas, voz lenta, solene, demorada e majestosa:

— "Matusael, servo meu, tenho-te na minha graça e concedo-te um dom: tens o direito de me solicitares dois favores. Eu os farei, sejam quais fôrem".

Logo tudo se apagou, se sumiu. Sómente uma suave claridade ficou parada no céu. Matusael, acordou com assombro, prosternou-se no chão.

Ora, no fundo da alma, êle era terrivelmente patriota, tinha o arraigado patriotismo dessa raça guerreiro-sacerdotal de que deviam sair os Macabeus e o heroico Judas de Gamala.

Detestava o estrangeiro. Batêra palmas á morte de Urias, cuja mulher David roubara, porque Urias não era judeu. Enfurecia-se, quando diziam que os giborim mercenarios tinham vencido em Refaim. E detestava Doeg, capitão da guarda de Salomão, porque era jebusita. Via, então, seu país fecundo, prospero, respeitado e invejado como nunca fôra. Pudesse êle e eternamente o faria assim. Seu maravilhoso sonho deu-lhe o desejo pecador de surpreender a bôa fé de Deus e assegurar o poderio eterno dos israelitas.

Cheio dessa intenção, logo após ás abluções matutinas, se dirigiu ao templo proximo. Caminhou algum tempo ao longo da alta muralha de granito e entrou pela abobadada e estreita porta de Huldá. Passou pelos vastos porticos de Salomão. Atravessou lentamente o adro dos mercadores, pensativo, com as mãos errantes agitando os terafins que lhe pendiam do pescoço num grosso torçal.

Quasi não havia ninguem por ali a essa hora matinal. Alguns camponios dos arredores arrumavam ceirões de galinhas, gigos de fruta. Um gibor da guarda ia e vinha ao sol, com a couraça de escamas de ouro faiscando. Nas galerias desertas que levavam ao atrio de Israel, defeso aos estrangeiros, não encontrou ninguem e ninguem ainda viu no pateo das mulheres. Mas, ao penetrar no recinto sacerdotal, topou dois levitas vestidos de branco, que o

saudaram com respeito. Um netenin barbudo e forte coxilava a um canto. Olhou em redor o claro esplendor dos marmores, arregaçou a tunica de bisso, alva e leve, e subiu, vagarosamente, os degráus do galgal, em cujo cimo se erguia o altar dos holocaustos, com seus enristados cornos de bronze, aos cantos, suas eternas manchas de sangue e o continuado ascender dos fumos rituais dos sacrificios.

Lá ao alto, caiu de joelhos. Seus olhos encinzentados pela poeira dos anos viram num relampago o casario alvejante de Acra, algumas ruas sumindo-se sob abobadas, com perspectivas de arcos; casarões pejados de mucharabios, palmeiras, um grupo de ciprestes e um reluzir de corrego lento no vale de Esdrelon. Depois, os cilios baixaram, a face descaiu, o nariz projetou-se sobre a branca barba tufada, as mãos cruzaram-se ao peito e ali ficou em extase, orando. Por fim, murmurou baixinho esta suplica:

— "Senhor, Israel vive feliz e eu desejo viver feliz com Israel! Senhor, acode ao meu desejo, segundo em sonho me prometeste: para a maquina do mundo! Que todos os homens se detenham na idade e no estado em que se acham, que todas as nações demorem na situação em que se encontram, que todas as cousas perdurem como estão!

Logo, como que um lento ruido circulou no ar. O céu azul imobilizou-se. Estranha paz baixou sobre a terra. Matusael recolheu-se satisfeito á sua casa. Durante algum tempo, tudo andou alegre em volta dêle. Mas os descontentamentos fôram surgindo maiores do que as alegrias causadas. Depois que se sentiu e que se soube que a vida

parára, os moribundos salvos indefinidamente, os moços felizes, os divertidos, os ricos e sadios exultavam. Mas os que sofriam dôres e sentiam sua eternidade, os miseraveis e os infelizes, os tristes e os descrentes lamentavam-se horrivelmente.

Como a grande maioria era dos sofredores, por um satisfeito havia cem mil descontentes. Por fim, mêsmo os que possuiam as chamadas cousas-bôas da vida cansaram-se de gozar, os que desejavam mudar de situação e de idade começaram a impacientar-se. Então, se viram moços carpir sua imortal mocidade, como velhos chorar sua imutavel senectude.

Pouco a pouco, a vida ficou intoleravel. Os anos transcorriam e objetos ou viventes não se gastavam. Os desejos dos meninos de crescer e a esperança de ser homens morria-lhes no fundo da alma.

Ninguem falecia e ninguem nascia. Nenhum sôpro de ar novo agitava a agua quieta da vida. Espalhava-se á face da terra insuportavel monotonia.

Um dia, falando alto num sonho, o profeta deu a conhecer á sua caseira a origem do mal. Ela contou o segredo á vizinha proxima. Dentro de duas horas toda a cidade o sabia. Houve verdadeiro alevante. Soldados do rei, mercadores, fariseus, saduceus, tecelões, mulheres do povo, correram, armados com ferros e calháus, á sua morada pobre.

Matusael acordou aos uivos da multidão furiosa. Abriu a janela. Pedras bateram-lhe no rosto e no peito.

Pediu que o ouvissem. Fez-se um silencio subito. E êle, com a face ensanguentada, ergueu as mãos no ar e perguntou:

— "Que desejais, irmãos?"

A voz esganiçada dum mercador bojudo, trepado sobre o marco da esquina, respondeu:

— "Fizeste cair, ó profeta, uma grande maldição sobre Israel. Ninguem morre e ninguem nasce! A vida tornou-se um suplicio inacabavel. Retira a maldição ou nós te apedrejaremos como mulher adultera e lançaremos teu corpo, como de vil criminoso, no vale da Gehena, para os abutres!"

O profeta estendeu as mãos abençoadoras sobre as cabeças do povo e disse:

— "Sim, israelitas! Deus deu a êste pobre servo o poder de exigir-lhe duas graças. Pedi-lhe essa, pensando causar o maior bem possivel ao meu povo e á minha patria. Errei, querendo emendar o que de Deus já veiu disposto e ordenado. Pedir-lhe-ei, como segundo favor, que tudo faça voltar como dantes era".

Concentrou-se um instante, orando. Outro estalido, quasi imperceptivel, se fez ouvir na natureza toda. E tudo voltou a ser como anteriormente.

Matusael, enquanto a multidão se retirava contente, caiu de joelhos, beijou tres vezes o chão, humildemente prosternado, e murmurou:

— "Senhor! Nós não podemos imaginar nada melhor do que o que em seis dias fizestes e está feito até á consumação dos seculos".

A GRECIA E O ORIENTE HELENIZADO

A PRIMEIRA AVENTURA DO PRUDENTE ULISSES

> "Fomos contra Tebas, a Santa, cidade de Eetion, e saqueamo-la, e levamos tudo o que lá havia; e os filhos dos Acaios, tendo partilhado os despojos, deram ao Atrida Agaménon Criseis, a das belas faces".
>
> (HOMERO, **Iliada**, Rapsodia I)

Debruçado na amurada do navio ligeiro que cortava as ondas espumantes, o divino Ulisses sorria. Os tons macios da tarde adoçavam a face da natureza. A costa dardanica apagava-se no fundo violeta do céu. O mar, calmo, sussurrava de encontro á carena da nave. E somente quebravam o silencio o compassado bater dos remos de amieiro, o pesado arfar da vela ao sopro do Zéfiro. O rei de Itaca, olhando as aguas azues, aqui e ali empurpuradas pelo ocaso, continuava a sorrir.

Recordava, lenta e prazeirosamente, a contenda de Aquiles dos pés rapidos e de Agaménon, o grande chefe, na ágora dos gregos. Tudo, por causa duma virgem formosa, raptada num saque. A sua memoria mostrava-lhe as piras fumegantes do acampamento acaio, queimando,

diariamente, montões de cadaveres feitos pela peste. que Febo Apolo lançára com seu arco de prata e suas frechas de ouro.

Após a manhã em que Crisés, o sacrificador do Deus, viera resgatar sua filha, a virgem roubada, com as tiras rituais esvoaçando ao vento em torno do cetro dourado e a mão aberta cheia de riquezas, sendo repelido, a desolação e o contagio começaram a reinar nas naves gregas encalhadas nas praias de Priamo.

Agaménon amava já a filha do sacerdote mais do que sua mulher Clitenestra e reservava sua virgindada para gloriosa noite de amor, no regresso á terra natal. Ao saber pelo advinho Calchas que a peste era um castigo dado pelo filho de Latona ofendido na pessôa do seu sacrificador, enfuriou-se em pleno recinto da ágora. Aquiles interveiu. Então, se travou terrivel querela entre o avaro Atrida e o rei dos mirmidontes. Aquêle declarava que só entregaria a virgem Criseis, filha de Crisés, protegida pelo archeiro divino, se, em troca, o Peleiade lhe desse Briseis, a das belas faces, virgem que lhe coubera por sorte na última divisão dos despojos e com a qual cohabitava.

Quasi os dois chefes se bateram. Idomeneu, Ajax, Elfenor, principe dos abantes, e o harmonioso Nestor acalmaram seus furôres. Por fim, parece que Atena soprára ao filho de Peleu uma resolução sábia: cedeu Briseis.

No intimo, Ulisses deliciava-se com os epitetos lançados por Aquiles ao chefe supremo, deante de todos os acaios das belas cnémides: "cheio de vinho!olho de cão! coração de veado!" De ha muito a ciumada entre ambos,

por questões de comando, era latente. Explodira, na primeira ocasião. E, se não fôra a palavra de leite e mel do harmonioso Nestor, teriam combatido na praia branca, ao pé dos rapidos navios. Tambem houvera o receio da dissenção enfraquecer os helenos e permitir que os vencesse, numa sortida, o valente Heitor, matador de homens.

De posse da amante de Aquiles, Agaménon mandou lançar á agua uma nave ligeira, de vinte remos; nela embarcou uma hecatombe para Febo ultrajado e a mui formosa virgem; e entregou o comando a Ulisses, o sutil, afim de ir até á sagrada Tebas, onde morava o sacerdote repelido.

Fôra aquela a recompensa do seu silencio sorridente na disputa da ágora. A confiança do Atrida nêle mais crescera dessa vez. Cada dia, no longo cerco de Troia, sua fama subia e seus proventos aumentavam. Rei duma ilhota perdida nas vagas ionicas. sáfara e açoitada de ventos, onde raras cabras pasciam a erva curta das praias, tão diferente de Arné coberta de uvas ou de Orcomenos rica de rebanhos, elevava-se pela fina astucia dos processos á plaina dos maiores chefes.

Agora mêsmo, nessa primeira questão em que entrára, parecia-lhe que os proveitos seriam tão somente seus. Agaménon lá ficára raivoso, remoendo sua colera, sem que a presença de Briseis o consolasse da perda da virgem consagrada a Apolo. Aquiles lá ficára, chorando de saudade ao ombro de Patroclo. Êle vagava mar afóra, em companhia da bela virgem, sereno e alegre, calculando,

mentalmente, o preço de quantos bois valeria, num mercado de escravos, aquela filha de Crisés.

A sua formosura e virgindade tinham escapado ao Atrida, que dela se apossára, intactas. Daí sua maior raiva. Não lhe escapariam a êle Ulisses, igual a Zeus pela inteligencia, embora a tivesse de restituir ao pai, de madrugada, quando seu barco leve encalhasse na enseada de Tebas, a santa cidade de Eetion.

Quando Agaménon lh'a entregára junto á espuma das ondas, toda envolta no manto claro, com o corimbo tapando os cabelos negros e fartos, notára que seu olhar pousára com agrado no seu rosto amavel, em que a barba escura, pontuda, dava uma nota máscula, impressionante.

Linda essa mulher ardente de Tebas, educada num santuario, ao odôr dos perfumes e dos holocaustos, forte e serena, com os olhos ardentes e uma continua crispação sensual nos labios vermelhos. Valia bem um esforço, mêsmo um sacrificio. E só o terror das setas do archeiro imortal faria com que a largassem as mãos ávidas dum chefe, o mais áspero no ganhar e no guardar.

Mais tarde, a bordo, repartira com ela sua ração de carneiro e fruta, em alegre conversa. Vinha-lhe agora forte desejo de possui-la.

Levantou-se. Olhou o crepúsculo, que, em torno, caía. Foi até o lugar do piloto, á ré, o qual, com as mãos firmadas na cana do leme, lhe deu bons prognosticos do tempo. Voltou e entrou na camara, onde o acolheu um riso argentino de mulher.

Os véus da noite desdobraram-se vagarosamente sobre o mar negro, onde mal se viam as espumas de Leucotéa, a vaga preguiçosa. Pequenas ondas lividas batiam-se entre si, quasi sem ruido. Ia nascer a lua. Era a hora em que cantos de sereias enchem o Arquipelago e os marinheiros entopem os ouvidos para não ouvi-los.

Ulisses, que possuia todos os recursos da astucia e todos os da prudencia, sabia melhor do que ninguem lidar com as mulheres. Mais tarde demonstraria isso, completamente, com Circé, com Calipso e com a imensa fidelidade que Penelope lhe guardou. Assim, ganhára em pouco tempo as bôas graças da virgem tebana.

Muito tarde, quando o luar clareava tudo, saiu da camara, estendeu o palio sobre as taboas do convés e deitou-se, olhando o vasto Urano reluzente de estrelas. Os remadores fatigados dormiam sobre os bancos. O piloto cochilava perto do leme. Ao lento sópro da brisa, a vela grega impelia o navio.

Criseis veiu até junto do rei de Itaca, sentou-se e começou a acariciar-lhe a cabeça. O divino Ulisses falou:

— "Esta minha primeira aventura de amor, depois que deixei Itaca das belas praias, foi uma decepção. Sempre pensei que fôsses virgem. . ."

Criseis baixou a cabeça e não respondeu. O pai de Telemaco perguntou:

— "Quem te possuiu primeiro, ó virgem, por quem Apolo enganado gastou tantas flechas do seu carcaz de ouro? Foi Agaménon, o coração de veado?"

— "Não, divino Ulisses", respondeu a linda mulher, abrindo ao luar os seus olhos mais negros do que a noite e mais iluminados do que o proprio luar. "Êle respeitou-me. Foi um pastor de meu pai, quando eu tinha quatorze anos, no bosque sagrado do templo, junto á fonte".

Ulisses sorriu e continuou a olhar as estrelas no vasto manto de Urano.

LICOFRONTE DE CORINTO

"...o rei mandou proclamar que quem o acolhesse ou mêsmo falasse com êle pagaria uma multa sagrada"...

(HERODOTO — **Historias**, Talia C. LII).

Êle ia pela estrada cirónida, que corre entre os montes Geranios e as praias juncadas de algas do golfo de Saros. A poeira da caminhada cobria suas pernas musculosas, riscadas de vermelho pelas correias das sandalias. O garbo de seu corpo mostrava o habito dos exercicios que dão elegancia e força: a luta, a dansa armada e o pancracio. Pesada tristeza enevoava-lhe a face moça e embranquecera-lhe os cabelos das temporas. Na tunica côr de jacinto, entremeavam-se nódoas e rasgões. E o seu olhar negro, sonhador e profundo, orgulhoso e ardente perdia-se ao longe, no azul do golfo dos Alcions e do mar de Mirtos, onde passavam, impelidos pelas asas brancas das velas, os navios samienses pintados de vermelhão, com uma cabeça de javali á prôa.

Florestas azuladas cobriam o dorso dos montes. Ao fim de um relvado, em que se balançavam corolas de lizes, sob a palida verdura das oliveiras, uma cabeça de Pan,

feita de marmore do Caristo, mirava-se na agua fria dum tanque. Êle sentou-se numa pedra e tirou da bolsa a tiracolo um pão recheado de alho, que começou a comer. Então, naquêle solitario repouso, ouvindo o cantar da fonte e vendo o esplendor da luz sobre as cousas, baixou a cabeça ao peso das recordações.

No dia em que partira de Epidauro, da morada ancestral, onde tão feliz fôra, tangendo as manadas de gado e jogando o disco com os boiadeiros, Proclés, seu avô, por desgraça lhe contara como seu pai, Periandro de Corinto, sábio e rei, matara Melissa, sua mãe, ás patadas, quando gravida, por injusta suspeita de adulterio.

Fôra, assim, para a casa paterna, com o odio ao matador no fundo do coração. Nunca o pudera disfarçar, e uma feita, furioso, Periandro o expulsára. Mas todas as mansões lhe abriam as portas e todas as mãos lhe faziam dons. Lembrava-se até que, ao atravessar uma ágora de aldeia com o manto esfarrapado, uma mulher despira o peplo de linho e o cobrira, sorrindo.

Os anos passavam e a raiva cruel do pai não diminuia. A sua vida era já um continuo vexame. Ordens ferozes deitavam-no fóra das moradias que o acolhiam.

Então, deixou as terras do tirano e percorreu outras que nunca vira. Estivera em Eleusis, em Córcira, em Tisbéa coberta de pombas e em Haliastes dos grandes prados. Conhecera a fome, a sêde, a indiferença dos homens. Agora, um desejo imperioso de mostrar aos subditos do pai as miserias do filho o trazia da talassocratica Atenas á formosa Corinto, sua patria, embora a alma

curtisse a saudade imensa da maravilhosa cidade dos templos, dos teatros e das estatuas, onde á sombra dos porticos os vultos brancos dos retoricos erguiam a mão direita, preceituando a eloquencia.

Um trinado de citara brilhou na estrada, logo seguido pelo som quente duma voz de homem.

Viu passar, guiado por uma criança de cabelos anelados e côr de ouro, um velho cégo, que cantava ao sol a canção de Ciniras quando batia na bigorna, em Rodes, a couraça de Agaménon.

Ergueu-se e acompanhou-o. Adeante, o velho parou o canto. Êle procurou nas dobras da tunica a sua ultima moeda, esverdinhado lepta de cobre, com uma ánfora em relevo, e deixou-o cair-lhe no regaço. De novo, a voz do rapsodo se elevou no ar luminoso, repetindo a melopéa dos remadores da galera de Odisseus, ao atravessarem as longas vagas do mar de Icaro.

Dois dias depois, entrava em Corinto, e as pessoas que o avistavam fugiam como dum pestoso. Ninguem lhe oferecia asilo nem pão. Sentou-se, fatigado e faminto, á sombra dum muro coroado de hera. E logo, na praça que se lhe estendia adeante, um arauto apareceu, tocou a tuba de bronze, reuniu homens, mulheres e crianças ao redor de si, e proclamou em nome do rei que quem trocasse uma palavra com o banido Licofronte, filho ingrato de Periandro, pagaria a Febo a multa sagrada de um talento. Após o anuncio, o pregoeiro retirou-se e o povo acompanhou-o. A sua voz ainda veiu, fanhosa e alta, duma esquina distante. A tarde caía. O alto dos lou-

reiros-rosas banhava-se de luz. Sob as copas floridas adensavam-se sombras. Licofronte estendeu-se na relva, enrolando-se no palio esburacado, e, para enganar a fome, procurou dormir.

Quando acordou, o sol lhe dava no rosto, em cheio. Esfregou os olhos e mirou em torno. Muita gente enchia a praça. E, deante dêle, Periandro, cercado de lanças, confiava sorrindo a longa barba branca.

Um sacerdote, as tiras sagradas do ritual esvoaçando no cabelo preto, conduzia o saco destinado a receber as multas do deus.

Periandro, compadecido do aspéto do filho e ao mêsmo tempo saboreando sua aparente submissão, disse alto, mas dôcemente:

— "Filho, melhores que as privações por que teimosamente queres passar são, decerto, as riquezas e o trono. Teu odio a quem devias amar e respeitar condenou-te a essa vida ultrajante. Vem para casa e esquece o passado".

E Licofronte, fitando nêle seus olhos profundos e estranhamente calmos, respondeu com altivez:

— Mais alta do que os ganhos e mais rica do que as riquezas é a dignidade dum homem. Tu infringiste a tua propria ordem, ó rei! Paga, portanto, a multa e deixa-me em paz!"...

RODOPE

"Le roi, emerveillé et par la singularité de l'aventure et par la beauté de la sandale, chercha par tout le pays la femme á qui elle avait appartenu, et c'est ainsi que Rhodopis devint reine d'Egypte".

(G. MASPERO — **Histoire ancienne des peuples de l'Orient**).

Era na época em que partiam, nas grandes barcas, para Bubastes, as peregrinações religiosas, com mulheres, coroadas de flôres, tocando pandeiros e homens assoprando frautas de barro. Ainda não aparecêra Ac, o crocodilo precursor da cheia do Nilo, que precedia as aguas verdes de matos arrancados e as aguas vermelhas das barreiras caídas.

O rio arrastava-se vagarosamente por entre os cáis da admiravel Naucratis, "flôr do delta", "poderosa navegadora", que nêsse tempo era, por um decreto faraonico, o unico porto egipcio onde podiam ancorrar as ligeiras cumáreas, os elegantes pentecóntoros do Arquipelago, e os lembis fortes do golfo das Sirtes. Nenhum navio podia transpôr outra barra do lodento estuario que não a Canopica ou Heracleotica. O monopolio alfandegario, assim

estatuido, fôra a base da monstruosa riqueza mercantil da cidade. Mêsmo se, forçada por tempestades, perseguida por mioparones de piratas, uma geseoreta carregada com o saboroso garum de Sambracia, uma horiola costeira penetrasse nas bôcas Tanitica, Bolbitina, Sebenitica, Futmetica e até na Pelusiaca, tinha seu capitão de jurar, perante as autoridades severas, por Melcart ou Zeus, a involuntariedade da ação.

Naucratis, mais grega do que egipcia, com seu porto protegido por uma Artemisia maritima diademada de lagostas, de pé sobre o mólhe, helenizára-se ao contacto comercial das ilhas proximas. O decreto real mais alargára sua influencia. Seu renome enchera o Mediterraneo, do Palus Meotis ás colunas de Hercules. Sua fama correra pelo mar Vermelho, das ilhas Sapirenas ao golfo dos Itiofagos. Frequentavam seus varadouros os hipos gaditas, que trazem á prôa uma cabeça de cavalo, as órias, que conduzem porcos e congros das salgadeiras do Ponto Euxino, e as céletes da gente de Lemnos, descendente dos Sintios, que acolheram Hefaístos quando tombou do Olimpo.

Os marmores claros, os granitos de Silsilé, os calcareos de Mocatan dos edificios refletiam-se tremulos na agua preguiçosa. Nos jardins, palmeiras esguias ramalhavam lassamente. E o céu encinzentado do Egito pesava sobre as cousas, soturno e abafador.

Numa volta do canal de Sacará, erguia-se um palacete de pórfiro verde.

As paredes lustrosas das fachadas inclinavam-se, estreitando-o no alto. Entre colunas, que relembravam pelos atilhos os velhos feixes de caniço, entaipados de lama, das construções primitivas, terminando em capiteis com a forma da flôr do lotus, para imitar as plantas que desabrocham no ar, abria-se uma porta trapezoidal. Na moldura larga, espalmava as asas o milhafre sagrado e luzia dourada, num vibrante contraste com os ornatos egipcios, uma inscrição grega, simples e alegre.

Sobre o terraço, junto ao parapeito polido, num divan de correias trançadas, atundando-se molemente em fulvas peles de leão, descançava a sensual Rodope. Um braço alvo e roliço pendia fóra do leito e o olhar seguia a lenta correnteza das aguas, fitava madeiros carunchosos derivando em rodamoinhos. Elevava-se, pousava na nódoa escura das asas dos grous, voando muito alto, emigrando para o país dos pigmeus. Ainda se divertia com o flutuar das côres sagradas dos galhardetes verdes, azues, brancos e vermelhos, içados nos mastros dos templos. Mais um momento e as palpebras cansadas fechavam-se; quando, de novo, lentamente se abriam, êle se estendia pelo azul parado do mar, procurando avistar a galera em que Caraxo vinha de Mitilena, todos os anos, á terra fertil do Egito.

O sol riscou de vermelho o céu para os lados de Saís. Raios feriram os piramidions de ouro dum obelisco. Leve claridade espalhou-se nas planicies, alem do casario, onde o sólo alimentava os trigais flavescentes e se erguiam, á beira dos campos, os estélos consagrados a Nu, agua primordial, a Gabu, terra fecunda. O grito do vigia da

barra Canopica, anunciando a noite, varou o ar, duro e cortante como a voz de Ramsés apelidando ao combate as legiões de Sutek.

Entre folhas de lotus, de papiros, de lirios e de biblos, nos lameiros de ao pé dos cáis, passeavam ibis, gravemente, como guerreiros chardanas montando guarda aos pílones reais de Menfis. Alvejava entre casarões escuros o frontão do Pan-Helenion, elevado á custa de nove cidades gregas, dominando as colunatas dos templos de Hera e de Zeus, onde descançavam vultos brancos de cegonhas. Ao longe, num cómoro, reluzia tocada de sol a estatua de basalto verde dum rei antigo, Miriri ou Usitarsen, com um gerifalte de asas abertas sobre a cabeça. No terraço dum santuario, corriam cinocefalos.

Rodope esperava o amante, que a cobria de riquezas, mas que sua ambição e seu amor despresavam. Mais bela do que Eos dos dedos côr de rosa, do que Tétis dos pés de prata e do que Atenas dos olhos claros, como os poetas cantavam, sonhava dominar os homens e governar os impe-rios. Cerrava os longos cilios escurecidos com antimonio, vendo com os olhos da alma o triunfo de seus desejos. Então, se estirava toda sobre a sigma felpuda, cruzando os pés calçados de minusculas sandalias de couro do Epiro, bordadas a perolas, com incrustações de safiras por entre os lavôres dourados, tão ricas quanto seriam, muito depois, as da celebre Lámia, regio presente de Demetrio Poliorcetes, inventor da helepole e senhor da Macedonia.

Filha de Hefestopole de Samos, Rodope nascêra na Tracia e educára-se a vêr o treinamento dos homens para

o pugilato e o disco, a creação dos garanhões para montaria dos catafractas. Ao sair da puberdade, poderia disputar, com vantagem, o premio de formosura a Lais, a Cleiné, que teve estatuas na Grecia, a Demonassa de Corinto e até á bella Alcé, que Pitagoras afirmava ter sido uma das suas encarnações. A nomeada de sua beleza estendera-se da Panfilia á Trinacria, de Gades a Tadmor. Os argivos chamavam-lhe "a dorica" e diziam que, no Egito, por sua influencia se erigira a piramide de Miquerinos. Outros davam-lhe os apelidos da divina Heré: "deusa dos braços brancos e dos olhos de ouro". Dela falavam os soldados nos acampamentos de Elefantina, os guias das caravanas que atravessam o deserto para trazer o silfium de Agazimba, os pilotos das prorúmias navegando para as Cassitéridas, de onde vem o estanho, remontando as costas além da Maurusia, na visionaria cobiça do ouro.

Em Samos, nos ergástulos de Iadmon, fôra escrava em companhia de Esopo, vindo da Frigia. Muitas fabulas do corcunda pagára com beijos. Preço melhor êle nunca recebera. Levou-a ao Egito, esperando lucros, o equivoco Xanto, negociante de escravos, fornecedor dos dicterions do Pireu, traficante de auletridas para os festins atenienses, vendedor de hetairas para os jardins do Ceramico, explorador de bordeis em Efeso, em Asiné, em Halicarnasso, mercador de cortezãs para os prostibulos de Cánope, de Pelusia e de Naucratis. Aí, Caraxo, comerciante de vinhos filho de Escamandrónimo e irmão de Safo, a poetisa "máscula", mercou-a a peso de ouro.

Insulada na rica mansão, vigiada por escravos fieis, a ambiciosa mulher entediava-se e só tinha um pequeno prazer: a chegada do amante, que mandava alumiar com trípodes de resinas perfumosas a sala das festas, nela reunindo músicos, dansarinas e efebos, ou lhe mostrava objetos curiosas, joias raras, estatuetas delicadas de Mirina.

Estava só no terraço. As servas tinham descido. Espirais de fumo azulado desprendiam-se das caçoletas de perfumes. Uma aguia bordejava ao alto, na palidez do céu. Soaram perto tubas de guerra. A grega debruçou-se para a rua.

Passava um cortejo real. O divino Ahmés, da vigesima sexta dinastia, visitava a cidade, que protegia carinhosamente, dêsde que se apoderara do trono, expulsando Apries, o conquistador de Chipre, toda verde de parras, rica de cádmio, de espodio e de vitriolo. Cadenciados e rijos, marchavam os frecheiros da guarda, sagitarios de Creta e do Moab, as tunicas vermelhas com calasiris de ouro, carcaz ao ombro, longo arco na mão, a tiracolo o escudo retangular mordido no alto por uma rosacea rubra, amarela e azul, cobertos com mitras peludas como os antigos soldados de Babilonia. Depois, espalhando o som das trombetas de bronze, negros vigorosos do Harusch e de alem dos Garamantas, nos confins do deserto, onde os elefantes enterram as presas que cáem de velhice, nos limites da Etiopia com a região dos anões, onde vive o Catopléas, serpente preguiçosa que mata com o olhar. Logo, entre lanças de hermotibios e leques de flabeliferos, Ahmés garbosamente conduzia a quadríga real, de rodas

incrustadas de nácar, marfim e gemas, a frente colorida por hieroglifos e cartuchos. Os corceis brancos encurvavam o pescoço aos puxões das rédeas de purpura, tranqueando. O faraó, hirto e solene, erguia a face majestosa, emoldurada pelas abas caídas da calántica azul; e a vibora de ouro que lhe saía da fronte vibrava toda aos solavancos do carro. Seguiam-se as insignias da realeza e da nação, rematando longas varas de acacia: cabeças de Hator, de Neit e de Ftá, gipaetos, globos alados, uroeus, maxilas de crocodilo, deuses ibiocefalos, anubis de ouro com olhos de carbunculo; baris misticos de Hor, de Cum e de Amon-Ra, a cara de gavião de Haroeris e a cabeça de touro de Knumú, modelador da terra. Acotovelavam-se sacerdotes com alvas oureladas de azul, dignatarios da ordem civil da môsca, astrologos fenicios de simarras escuras, oeris balançando as plumas de avestruz do capacete e ostentando os colares de pedraria da ordem militar do leão.

A aguia voava mais alto. Rodope, sorrindo, tirou uma de suas sandalias, atirou-a sobre o carro real e escondeu-se.

O prestito parou, num espanto. Mercenarios jonicos ergueram os olhos: avistaram a ave sagrada, abaixaram as sarissas e ajoelharam. Curiosos, os egipcios de pés longos e cabeça grande, os operarios de orelhas e nariz cortados, os marinheiros de Mios-Hornos, a gente de Pelusia, que não comia cebola, porque cresce quando a lua diminue e mingúa quando a lua aumenta, apertavam na rua irregular a passagem do sequito. Batedores brandiram azor-

ragues de couro de hipopotamo: pelas vielas sórdidas, pelas betesgas lamacentas o poviléu se escóou em silencio.

O faraó apanhou a sandalia, viu a aguia, relanceou um olhar pelos terraços desertos e recolheu pensativo ás salas hipostilicas da sua moradía. Não dormiu, porém, um instante, apesar dos medicos sirios lhe haverem matado a sêde com agua de eleboro branco e negro da ilha de Anticira, que estivera, num vaso de barro de Of, exposta ao sereno e ao orvalho nos degráus do templo de Osiris.

Mal o sangue da aurora tingiu o horizonte, estava de pé. Dos corpos de guarda ao gineceu borboletearam ordens. Um tetrarca de hoplitas, cercado de soldados, percorria as casas. Em cada esquina, um trombeteiro etiopico soprava a tuba sonora. E escravas fenicias procuravam calçar a sandalia de Rodope em todas as mulheres que encontravam.

Experimentaram-na nas matronas gordalhufas e nas donzelas esguias, nas prostitutas do canal das Lamas e nas tecelonas do bêco do Ibis Morto, nas bojudas camponêsas de Sint, nas fêmeas dos marujos que iam ás ilhas de Eolo, ás Afortunadas e ás Ginesias buscar peixe, nas tintureiras vindas da cidade dos Exitanos e até nas mulheres rescendentes a alho, que traziam consigo os mercadores de Hecatompila.

Durante quatro dias, o faraó divertiu seu furor, vendo os mensageiros infelizes atirados á fóssa dos leões. No quinto, porem, o oeris encarregado da diligencia trouxe-lhe Rodope, que fôra encontrar pensativa e risonha no palacete

em cuja porta brilhava, sob as asas egipcias do milhafre, um verso atico á gloria e ao prazer de Afrodité, Peribasia e Calipigia.

A' noite, o paço real tumultuou em grande orgia. Lampadas de oleo perfumado de Siliciprio iluminaram as pesadas colunatas engrinaldadas de lotus, simbolos do sol, e os grandes entablamentos pejados de inscrições hieraticas. Tiniram sobre as mesas de pedra repousando em sócos de pedra, espátulas, copos e pratos de ouro. Comeram-se finos manjares: pavões de Samos e francolins da Ionia em môlho de açafrão; ostras de Tarento e esturjões de Rodes; as celebres nozes de Tasos com mel do Himeto. Derramaram-se ôdres e ánforas de vinhos raros de Cós, de Quios e de Parténope. Perpassaram em farandolas lascivas, núas entre gases claras, auletridas e tocadoras de sistros. Escrvos nahasis, com os braços riscados de manilhas de cobre, saúdaram os convivas á maneira egipcia, pondo a mão no joelho, antes de lhes servir o tenro grou de Melos e o perfumado cabrito de Ambracia.

Ahmés, o vitorioso e audaz, sagrava a nova favorita, passando-lhe ao pescoço um fio de ouro de que pendia, talhada em escaravelho, enorme esmeralda, gémea da de Policrates, tirano de Samos, que Teodoro, filho de Peleade, o maior dos ourives, encastoára. Depois, erguendo a taça, o faraó perguntou:

— "Que mais desejas, Rodope? Dize, e eu te darei o que pedires, afim de satisfazer teu ambicioso capricho para sempre. Possúes o faraó, és dona do Egito e, para nela seres sepultada, farei terminar a piramide de Mique-

rinos, igualando-te a Quefren e a Nitocris. Teu sepulcro será eterno como a fama de tua beleza. como a memoria dos antigos e divinos reis. Que mais queres?"

E ela, sorrindo, respondeu:

— "O impossivel, porque tudo isso uma outra mulher, tão bela e feliz como eu, poderá ter. Assim. dá-me, ó rei! o fenix de penas vermelhas e douradas, que renasce das proprias cinzas, que é só no mundo e conduz o pai morto dentro dum ovo de mirra!"

O BANHO DE ALEXANDRE

"La Macédoine a tué la Grèce: Philippe l'asservit, Alexandre lui fit plus de mal, il l'entraina sur ses pas et la dispersa sur la surface de l'Asie".

(VICTOR DURUY — **Histoire Grecque**).

A' margem do Cidno, aquem do desfiladeiro Armanicio, o exercito acampára, rumorosamente. A natureza em torno era selvagem e desolada como toda a terra asiatica do mar da Panfilia ás florestas da Bitinia e aos montes da Capadocia, sempre talada por invasores ferozes. A perder de vista, penedos, cascalhos, raros grupos de arvores, plainos côr de cinza e côr de leão.

Ao longe, no topo dos cómoros, vultos de pegureiros, apoiados ás lanças olhavam, esgazeadamente, o torvelinhar de homens e o branquejar de tendas. As dos capitães, alvas, franjadas de escarlata, rodeavam a de Alexandre, orlada de purpura e ouro, guardada por dois hoplitas altos, cobertos de escamas, aprumando as sarissas. Nela entravam e saiam oficiais e mensageiros, abrindo e fechando as cortinas, que ruge-rugiam.

As tropas ainda armavam barracas e construiam abrigos. Catafractarios amarravam ás sógas os cavalos tracios, que se alimentam com lotus e serinos dos pantanos. Vélites afiavam, á sombra dos tamarindos, espadas curtas e lanças com uma romã de metal no conto de madeira. Relinchavam garanhões, farejando as eguas de carga. Em grandes fogueiras, assavam, chiando, quartos de bois e bandas de carneiros.

Os atenienses, que combatem ao som da frauta, alimpavam, poliam os broqueis redondos, onde se retorcia a figura negra dum escorpião ou uma cabeça de guerreiro aparecia entre grinaldas de louro. Archeiros agrianos untavam as cordas de reserva. Mercenarios órdrios e tribalos dormiam sob panos remendados, estendidos em varas. Auxiliares gétas e ilirios abrigavam-se debaixo de velhos couros de bufalo e de hemione. Os tracios, tatuados de azul, faziam cabanas de estrume e os citas enareus, que sofrem doenças de mulher, abriam cóvas no chão. Aqui, ali, se viam auletridas de Argos, toucadas de mangerona, de Atenas, com uma cigarra de ouro no cabelo, que viviam na çaga do exercito, batidas e sugadas pelas noites de amor, que se abandonavam nas retiradas á lança cruel da cavalaria inimiga, pobre gado de sofrimento e de prazer!

Cruzavam-se soldados: macedonios ageis, doricos pesados, ionicos esbeltos, carios membrudos. Havia massagetas montados em cavalos com peitorais de ferro, sagitarios cretenses. que marcham ao som da harpa, frecheiros

da Propontida com escudos de couro de urso, fundibularis do Epiro.

Sentados numa pedra, ao pé de um sicomoro, a corda de esparto apertando na cintura a tunica rôta, côr de musgo, fôlhas de louro na fronte alta e branca, riscadas de veias azues, como um marmore, velho rapsodo dedilhava o quinor de cinco cordas e cantava os antigos feitos dos heróis. Oficiais e soldados, que o escutavam em silencio, atiravam-lhe ao regaço, quando findava as ódes, leptas de cobre com um bico de aguia no cunho, dracmas de prata com uma coruja da Atica ou uma cabeça rodeada de peixes.

Passavam enomotias e meias sintagmas em exercicio, marcha cadenciada, cnémides de bronze reluzindo, capacetes de cobre cobertos de crinas vermelhas. Ouviam-se berros, relinchos, uivos, cantos, gritos, rumores de armas e um continuo zumbir de colmeia gigantesca.

Debaixo de latadas de ramos, vendilhões bizantinos apregoavam antidotos contra o veneno das setas, feito com o sangue dos patos do Ponto, esterco de bisonte, que queima como fogo, para causticos, e esfingites brancas da Gedrosia, que dão felicidade. Falangiotas de cinturão desapertado comiam cebolas, que provocam a sêde e bebiam laconias de vinho de Prameios salpicado de queijo de cabra ralado. Outros, esquecendo, em nostalgia, a sua cótila de sumo de uva fermentado, tamborilavam com os dedos na couraça, acompanhando sem sentir a musica que esparzia da sirinx um rapazelho coberto de trapos, com flôres no cabelo e o olhar glauco como um

céu matutino. E os vendedores ofereciam oleos de Cizico, lédano da Etiopia, nardo da India, cinamono de Tanrapani, rodino da Susiana; bálsamos para feridas, cuja receita o centauro Quiron ensinara a Esculapio e êste legara a seu filho Macaon; o incenso, que medra sobre uma montanha, defendida por serpentes aladas que só o fumo do estirax afugenta; raizes de centaurea, que afastam as cobras; medimnas e chénicas de farinha, talismans de Esiongaber e ferros afiados da Paflagonia, onde nascem as mulas selvagens.

Barganhavam-se cavalos e mulheres. Jogavam-se ossos sobre mantos abertos no chão. Homens da Misia contavam cousas curiosas, que maravilhavam: a vida do passaro Lumenpa, cujas penas vàlem mais do que diamantes; o povoamento de Calibé pelos malfeitores ferozes chamados por Filipe; os motivos porque a cabra é sujeita ao mal sagrado, e o som da flauta cura as mordeduras de cobra e as dôres ciaticas. No alto, revoavam abutres. Soavam tubas. O calor amolecia. Muita gente deitava-se de bruços e começava a dormir.

Perto dos carros de guerra, arrumados em semi-circulo, com os temões no ar, tinham erguido pequeno templo de madeira. Apesar das ocupações guerreiras, as almas helenas não esqueciam os mitos religiosos, que lhes davam a beleza harmoniosa da vida. O madeiramento rudo mal recordava as linhas sóbrias da arquitetura grega, mas, nas métopes, engenhosa peltasta dependurara os escudos do seu locos e fizera, com as caveiras dos bois abatidos para o repasto, os bucranios ornamentais. Aquê-

le simulacro recordava aos gregos o seu maravilhoso passado: as panoplias de armas persas e as cabeças dos bois sacrificados em holocausto, suspensas entre os triglifos dos templos aticos, depois de Maratona e de Salamina.

Abriu-se a tenda real. Dentro, alumiou tocado de sol um jarro de bronze sobre um escabelo. O herói macedonio surgiu entre seus generais e tenentes, erguendo a face moça e arrogante, saúdado pelos soldados, que se curvavam, batendo nos escudos de bronze. Tinha o rosto corado, o nariz fino e energico, o olhar dôce e claro. Vestia saio de correias, cóta de escamas compridas, cnémides abotoando em fivelas de prata. Do boldrié chapeado de ouro pendia a côpida, o curto gladio grego, e na cimeira do capacete de viseira levantada um dragão abria as asas.

Um silencio profundo apagou até o pregão dos mercadores e o riso das mulheres. Todos os olhos se voltaram para êle, que passava orgulhoso, sorrindo, a cabeça inclinada para o ombro esquerdo. Ia ao rio, banhar-se. Não o seguiam escravos com anforas de aromatas, cráteras de vinho e mantas peludas. Como simples soldado, pendurava a armadura dum galho e atirava-se á agua. Fizera-o assim a sua educação de atleta: o pugilato, o disco, a carreira.

Os capitães sentaram-se no ervaçal da margem: Perdicas, que receberia o anel do rei moribundo junto de Ménidas, comandante da cavalaria; Demarate, Nicanor, Antipater e Platão de Atenas, chefe dos recrutas da Cilicia, em grupo; Filotas, filho de Parmenio — general da

ala esquerda, Antifanes, o forriel, Mulino, o secretario, Polemon e Cleandro, esparsos, mais longe. Alexandre, orvalhado de suor, atirou-se ao Cidno. O contacto da agua arripiou-o de frio. Saiu a tremer e enrolou-se no manto vermelho.

Mais tarde, dentro da tenda, tiritava com febre, coberto de peles grossas. Os oficiais circulavam-lhe o leito, de braços cruzados sobre o peito da clamide. Clito, velho soldado de Filipe, irmão de Helanice, ama do rei, Crátero, o cavaleiro, e Arés, em desasocego, iam e vinham com o andar maquinal dos leopardos enjaulados.

Um archeiro da Bisalcia entrou apressado. Nearco tomou-lhe das mãos uma taboleta encerada e passou-a ao rei. Alexandre, erguendo-se um pouco, leu os caractéres riscados pelo estilete. Sorriu. Era uma carta de Parmenio, denunciando uma conspiração para envenena-lo, da qual constava fazer parte seu medico Filipe. Chamou-o e queixou-se de sêde.

Ao pé do leito, num vaso de prata, boiavam pedaços de açafrão em vinho de Carpatos. O medico deu-lhe a cópa e Alexandre, entregando-lhe a missiva que o prevenia, bebeu sem pestanejar.

No acampamento, uma sombra de cuidado anuviava o rosto dos veteranos, que o tinham visto vencer os povos do Ister, e montar, um dia, Bucefalo, o cavalo feroz da carranca de touro, que custára a Filipe, o amigo dos cavalos, treze talentos euboicos. A' frente do templo tôsco, todos se prosternaram. O sacerdote. tendo á cabeça as tiras douradas do ritual, invocou Febo e Esculapio, es-

palhando a cevada sagrada sobre a ara de pedra. Dois adolescentes degolaram um cordeiro, esfolaram-no e esquartejaram-no, enquanto o oficiante fazia sobre a vitima libações de vinho escuro. Sobre um fogo de galhos sêcos, perfumosos, assaram as côxas envoltas em gordura, cobertas com as entranhas. Consumidas as carnes, os mancebos tiraram com espetos pedaços de tripa enfumaçada que mastigaram de vagar. O sacrificador ergueu os braços, pedindo aos deuses a saúde do rei, e os soldados entoaram o pean.

Assentado nos degraus do templo, o velho rapsodo das falanges fez soar o quinor recurvo como o crescente da lua e cantou um velho hino pelasgico. Depois, baixando a cabeça, murmurou:

— "Acabaram-se as republicas enfraquecidas ante a ambição dêste herói. A Grecia morreu. Hoje, Alexandre, filho de Zeus, a governa e representa. O esforço de sustentar a sua ambição espalhará pela Asia, mais matará na Helenia, seu velho espirito de altivez e saber!"

DE ROMA AO ISLAM

A VISÃO DE JUVENAL

> "Êsse infeliz que um liberto, um monstro que não era mais homem, faria soldado na idade em que todo cidadão tem o direito de repousar; êsse infeliz, sem asilo e sem amigos, que um despota impiedoso mandava morrer sob a armadura pesada nos longinquos países vizinhos dos gelos, onde Ovidio morreu, era o maior, o mais ilustre e generoso poeta da Cidade Eterna: era Juvenal"!
>
> (MARCOS VALERIO MARCIAL — **Memorias**).

Naquela tarde dos idos de setembro, arripiada por um vento frio, Marcial recolhia tristemente ao seu quarto miseravel, no terceiro andar dum casarão de comodos, em plena Suburra, onde moravam gaulêses, mendigos, judeus e alguns dêsses fenicios que trocam isqueiros, pavíos e fosforos por vidros quebrados. Pobre poeta! Dêsde manhã cedo percorrera a grande cidade, envolto em velha toga remendada, faminto, á cata dum patrono caridoso. Mas nada nêsse dia nefasto conseguira.

Mais do que nunca se convencia de que a poesia era profissão de vergonha e de miseria. Muito cêdo che-

gára, á casa rica de Ceciliano: o nomenclator despedira-o da porta, dizendo que o amo estava ausente, em Baia.

Então, descera ao bairro dos Sigilarios, onde se vendiam manuscritos. Fôra até ao Argileto, á loja do liberto Secundo, saber se alguem tinha comprado um livro dos seus epigramas. Não, ninguem procurara seu livro, dissera-lhe o ex-escravo do sabio Lucens, habil em copiar os livros postos á venda e em esgotar os seus exemplares antes dos dos autores.

Subira a rua Suburra, á cuja entrada, de grampos de ferro presos ao muro de granito dum posto de pretorianos pendiam os azorragues ensanguentados dos carrascos e, lentamente, seguira pelas portas dos sapateiros e dos cabeleireiros. Não encontrára um amigo.

Beirando o Tibre, chegára ao mercado do Velabro, em frente ao teatro de Marcelo. Grande multidão comprimia-se em torno dos vendilhões, sob o olhar vigilante dos agoránomos. Todos os hortelões das quintas que marginam as vias Apia, Flaminia, Emilia, Publicia e Nomentana, apregoavam aos gritos as suas couves e nabiças. Enroiada em velhas lacernas e laenas, passava a população pobre de Roma, a plebe pedidora de **panen et circensis,** a gente que não poderia gastar, nos feriados dos idos, nonos e calendas, os cem azes da lei antiga ou os trinta sestercios da lei moderna.

Aqui, ali, luziam ao sol os capacetes dos vélites ou as faleras dos cavaleiros, cujas mãos de quando a quando se erguiam, saúdando um centurião ou tribuno, togado e orgulhoso, com o gladio hispanico batendo na côxa.

Marcial detinha-se com olhares de gula deante dos balcões de pedra dos vendedores de comidas, contemplando as rumas de atuns da Calcedonia, de moreias de Tartesso e de bacalháus de Pessinonte, os montões de ostras de Tarento, os cabazes das afamadas nozes de Tasos, e os vasos do celebre garum, tudo quanto o luxo dos patricios põe á mesa farta, para a inveja glutona dos parasitas e dos clientes humildes.

Alguns sacerdotes de Jupiter, os flamineos, que não pronunciavam o nome da cabra e não tocavam em favas e feijões, que dormiam com os pés sujos de lama e andavam de bonés brancos, pararam junto a um mercador de hipocras e dessedentaram-se, deante do sequioso e esfaimado poeta, com o delicioso licor de uvas cosidas.

Via-se gente de toda a parte do mundo, que era uma vasta provincia romana. Os genetliacos da Caldéa, que lêem o futuro nos astros, ombreavam com os aldeões de Venusa e Teano. Amas de leite gaulêsas amostravam o seio roliço e farto a matronas romanas, cujos filhos uivavam nos braços das escravas. Homens altos da Isauria e da Paflagonia ofereciam, em coifas de esparto, na esquina das ruas consagradas aos deuses lares, a fina farinha chamada álica, pedra hume para untar o travejamento das casas e evitar incendios ou cortes de lã coraxiana e de tecidos salacieticos.

Mulheres gravidas, que faziam promessas a Postverta e Prosa, cheias de subito desejo, comiam em pratos de barro, ao pé duma cozinha ambulante, lentilhas do Egito

com abobora picada e azeite. Com o rosto na comida, sofregas, mal se voltavam para vêr os augurios cobertos pela trabea, empunhando o lituo, afastando os camponios, que murmuravam orações a Averruncus e Rodrigus, os deuses que fazem mal ás searas.

O zumbido do mercado ecoava no cerebro tonto do poeta, seus olhos grudavam-se ás comidas expostas e nem um rosto amigo lhe aparecia. Na vespera, um pifio jantar de favas cosidas levara-lhe os ultimos quadrantes. Agora, a fome era negra. Foi vagarosamente saindo do mercado. A um canto de rua surgiu sobre os ombros de quatro nubios a liteira rica de Tula, que dava aos seus convivas falerno assassinado com agua. Marcial quis correr para ela. Mas deteve-lhe o passo um cortejo consular: a fila indiana dos lictores, um decurião pretoriano, o consul anual seguido de escribas, dois questores de branco e, fechando a marcha, um pontifice Arval coroado de espigas louras e de alvas tiras de linho.

Com a cabeça azoinando, alcançara a casa de Lucio Junio, um ricaço, toda de marmore do Caristo, com veias imitando a ondulação da vaga. Logo á porta encontrou o patrono, que já se acomodava nos coxins do seu octoforo, para fazer visitas. Saúdou-o e pediu-lhe um emprestimo. Lucio Junio sorriu, deu ordem aos escravos para suspender a liteira e partir. Voltou-se, depois, e falou com preguiça:

— "Trabalha, Marcial! Faze-nos qualquer cousa grandiosa! És um preguiçoso, Marcial!"

O poeta, remoendo o odio aos felizes, seguiu pela rua irregular, pensando na velha meretriz Licoris, que ainda conseguia cem mil sestercios por ano, e no bufão Cecilio, que engolia serpentes e cuspia fogo por alguns dracmas, enquanto êle, com suas satiras, nada ganhava.

Marcial foi á casa de Flaco, que lhe recusou uma esportula, á casa de Mancino e de dez outros, sempre obtendo a mêsma resposta. Estivera lisongeando Celino, no portico de Europa, bajulando o proprio Zoilo, no Adro dos Comicios, e adulando outros tantos, nos banhos de Grilo e de Lupo. Percorrera até a hora do jantar, com a cabeça doída e os pés fatigados, o estomago ardendo e os labios sêcos, o templo de Isis, o jardim de Pompeu e o bosque de Fortunato.

Então, chegára, para jantar, á casa de Maximo. Maximo fôra jantar em casa de Tigelino. Batera á porta faustosa de Paulo, enquadrada na moldura de marmore de Lidgos. Paulo nêsse dia jantava com Postumo. Sua abjeta miseria chegára ao ponto de se dirigir a Gauro, que bebia como Catão e fazia versos peores que os de Cicero, embora sem ser Catão e sem ser Cicero, pedindo-lhe alguns sestercios. Fôram-lhe recusados.

Triste, abatido, face escaveirada, cabelos em desordem, sentou-se a um banco do Campo de Marte. Cochilou. Uma voz lenta soou junto dêle:

— "Que fazes, Marcial?"

Abriu os olhos e ergueu a face.

Um velho alto e forte, coberto por uma toga cinzenta, sereno e bondoso, punha-lhe a mão ao ombro. Soltou uma exclamação de espanto:

— "Juvenal!"

— "Sim, meu colega, o teu irmão na satira e o teu inimigo na adulação".

O velho riu, ruidosamente, e acrescentou:

— "Porque, em verdade, ó Marcial, tens bajulado muito a Domiciano".

O poeta teve um sorriso doloroso na face magra e palida. Seus olhos brilhantes de espanhol pousaram nos de Juvenal e êle disse:

— "Senta-te aí e ouve. Sou um miseravel! Basta louvar Domiciano para ser o que sou. Nunca Roma possuiu tirano mais cruel e imbecil. Entretanto, tenho gabado suas manias e elogiado até sua ordem de fazer descer mulheres gladiadoras á arena. Mas, Juvenal, tenho fome! A inveja do meu talento cria-me obstaculos em toda a parte. Para viver, sou obrigado a adular, não só Cesar mas a bôrra do Palatino: Regulo, Rufo, Codro, Amiano, Ah! Juvenal, não podes calcular quanto sofro!"

A sua cabeça caiu sobre o peito. Seus braços se alongaram, abraçaram o velho, e o poeta dos banquetes, dos libertinos, dos prostibulos, das satiras mordentes, dos epigramas imorais começou a chorar.

Em derredor, a noite ia caindo, silenciosamente. Uma brisa glacial soprava do Aventino. Luzes brilhavam nos

vultos imoveis das casas. Vinham duma taverna proxima um retinir de copos de estanho e os gritos roucos dos jogadores de dados. Um homem se esgeuirava pelo campo com um cabaz ao ombro. Juvenal chamou-o. Era um vendedor de ervilhas cosidas. Abaixou o cesto, encheu um prato de barro com os grãos fumegantes e enfiou-lhe grosseira colher de páu.

— "São tres quadrantes", disse.

Juvenal atirou-lhe as moedas e passou o prato a Marcial, que enxugando as lagrimas, devorou-o avidamente. O homem tornou a enche-lo e o poeta tornou a esvasia-lo. Depois, o vendedor partiu.

Sozinhos novamente no vasto campo silencioso, os dois poetas continuaram a conversa. E Marcial acabou o raconto de suas humilhações e de suas satiras ferozes, desta sorte:

— "A raiva é a minha musa. Não nasci máu nem ironico. Nasci para cantar o vinho, o amor, os deuses, os heróis, para ser o ornamento das festas romanas. A miseria fez de mim um satirico, um cinico, um poeta sem vergonha! Mas, por que me teem feito tanta injustiça e até quando êsses malditos inbecis e ricaços dominarão o império?"

Juvenal sorriu, cofiou a barba encanecida e respondeu:

— "Roma não durará muito, embora creia ser eterna. Traz em si propria já o germen da dissolução. E' o vicio que está indicado naquêle verso de Virgilio: **Formo-**

sum pastor Corydon ardebat Alexim. E' o vicio de Alcibiades e dos caprichos socraticos. Mas nunca nenhum povo, nem os gregos da decadencia, chegou ao ponto a que os romanos teem chegado. Contraste nunca visto! O povo mais viril do universo acabando por desvirilizar-se. Muitos justificam o vicio com os exemplos celestes: Jupiter e Ganimédes, Hercules e Hilas, Apolo e o pastor da Ebalia. Não se fala mais em mulheres, sim em adolescentes. Não são mais os homens que governam Roma: são os meninos. Mêsmo tu tens cantado em verso a beleza de Teopompo, de Telesforo, de Politimo e de Anfion. Êsse vicio, poeta, matará Roma!"

Juvenal levantou-se, abraçou Marcial e partiu pelo Campo de Marte em fóra. Seu vulto perdera-se havia muito por trás das arvores, ao longe, e ainda Marcial, sentado, cismava na sua profecia.

Alguns anos passaram. Marcial, casado com a rica e bôa Marcela, morava em alegre e farta vila, rodeada de jardins e pomares, perto de Bibilis, na Espanha. Numa radiosa manhã, sentado sob a latada de parras, pensava na sua felicidade atual, um tanto saudoso da vida errante, miseravel e livre de Roma, quando um rumor de passos bovinos ressoou na estrada. Debruçou-se dum parapeito e viu uma cohorte romana, que marchava sob as ordens dum velho centurião. Os soldados traziam a œrumna e o capacete pendurado ás costas, balançando na mão esquerda o pilum ou a soliferrea. Pararam á sombra dum castanheiro, limpando o suor e a poeira do rosto. O centu-

rião adeantou-se para a casa, estendeu o cantil a um servo e pediu agua.

Marcial, que o olhava, deu um grito, reconhecendo-o, e correu para êle:

— "Juvenal".

O velho poeta apertou-o sobre a couraça, sorridente, admirado dêsse inesperado encontro. Marcial chamou escravos, mandou dar vinho e pão aos legionarios e conduziu-o ao seu singelo e farto triclinio, onde as graças de Marceia o serviram com prazer e abundancia.

Sorvendo de vagar uma taça de velho lagaritano, o poeta das "Satiras" contou como um liberto de Cesar o intrigara com o despota. Êste o fizera prender, dera-lhe á força o posto de centurião e enviava-o a errar de guarnição em guarnição pelas provincias do imperio. Agora, vinha da Bética florida e cálida, e ia para a Sarmacia gelada, para o país dos Gétas. E Juvenal concluiu com desalentada serenidade: — "lá onde morreu Ovidio, exilado tambem".

Os dois poetas abraçaram-se com os olhos cheios de agua, já na poeira da estrada, deante das filas rudes dos soldados. Juvenal disse ao ouvido do outro:

— "Aquela visão do Campo do Marte persegue-me. O vicio romano cada dia é maior. Êle acabará com a Cidade Eterna. Dia virá, Marcial, em que os imperadores pretenderão até ser mulheres e não morrerão mais no campo de batalha, suicidando-se como Oton, nem assassinados pelos seus fieis, á beira da estrada, como Nero, nem

mêsmo estraçalhados pela populaça du Trastevere, como Vitelio; sim á ponta das lanças dos mercenarios, nas latrinas..."

E Juvenal que partia e Marcial que ficava, ambos sentiam passar deante dos olhos, como um pesadelo, todo o lento apodrecimento de Roma fervilhante de figuras de Cesares efeminados, estrangeiros, crueis ou dementes: Heliogabalo, Filipe o Arabe, Maximino, Galiano, Romulo Augustulo...

O ULTIMO BOSQUE SAGRADO

"Il (Pan) vêcut ainsi, bien plus durable que Zeus et autres dieux".

(E. RECLUS — **La Terre et l'homme**).

Quando frei Marcos chegou á orilha do bosque, a tarde morria tranquilamente e já a majestade melancolica da noite começava a cobrir o vale distante de Sena, onde dois grandes bois pacientes ainda arrastavam o arado sobre a terra núa.

Após um dia de continuo esmolar por granjas e herdades, voltava ao mosteiro pobre, sito do outro lado do bosque, na falda dum serro aveludado de ervas, no verão, atapetado de violetas, na primavera. As suas celas eram caiadas e simples, abrindo para uma arcaria em torno do pateo quadrado e alegre, onde, na margela do poço, constantemente pousavam pombas.

Para chegar lá, tinha que atravessar aquela selva, nessa hora quasi cheia de escuridão. Outróra, houvera ali um templo romano. Soldados e caminheiros vinham oferecer-lhe sacrificios. Mas a nova religião triunfante expulsara os sacrificadores, derrubára os velhos idolos de pedra e destruira o santuario, do qual somente restavam,

entre touceiras de madresilva, dois ou tres capiteis cobertos de heras. Os primeiros missionarios cristãos tinham decepado os galhos dos carvalhos gigantes dedicados a Jupiter, em que os pastores penduravam estatuetas de argila e corôas votivas. Seus irmãos de claustro proibiam á gente do povo vir folgar na floresta e deixar á porta das grutas bôlos de farinha e mel, vasos de leite e vinho destinados ás ninfas. Mêsmo, de quando a quando, aspergiam todas as arvores e todas as moitadas com agua benta, afim de afugentar os demonios.

Entretanto, os camponêses, e mesmo alguns frades afirmavam que, alta noite, ninfas e faunos saracoteavam pelo velho bosque sagrado, aos gritos, como diabos que eram. E já ninguem gostava de passar por aquêle sitio, depois que se apagava a luz do dia.

A vereda que levava ao convento serpeava entre oliveiras consagradas a Minerva, altos freixos destinados aos heróis, loureiros em que se prendiam grinaldas oferecidas a Apolo. Velhos robles rugosos sombreavam as aveleiras e os buxos anões. Romanzeiras de Proserpina vicejavam ao lado de amendoeiras em flôr. E os plátanos procuravam a luz, afastando no seu crescimento as ramas dos pinheiros da ninfa Pitis e das tilias da ninfa Filira.

Aquêle mato, que, pela manhã, se enchia de flechas e nódoas de ouro do sol, de mil ruidos, de mil cantos, de mil passaros e de mil insetos, agora, envolto em treva, amedrontava o frade. Nunca o atravessara á noite. Sempre por ali passava á tardinha, quando as folhagens dos zambujos e dos ciprestes dedicados a Venus se enchiam

de murmurios ligeiros. Mas demorara pelas pôvoas, mendigando. A sacola muito cheia pesava-lhe ás costas. Esmorecera o passo. E a noite surpreendera-o antes do bosque, quando já certamente a impaciencia por sua volta invadia o convento.

Porém devia passar. A confiança em Deus guia-lo-ia. Debruçou-se á borda dum tanque de pedra, de cuja bica corria leve fio de agua, ao pé de aloendros e de amieiros. Olhou um momento o pilar de marmore de que saia a bica. Era um velho satiro pagão, sorridente e barbado, com olhos abertos e vivos, labio grosso e sensual. Tinham-lhe quebrado, rente aos cabelos crespos, os chavelhos curtos e escrito ao pé da pilastra, em letras toscas: **Sanctus Satyrus.**

Frei Marcos sorriu, recordou um instante a lenda conventual do velho fauno que auxiliava os missionarios nas florestas, guiando-os e alimentando-os, que por êles fôra batizado e subira ao céu como as Sibilas que predisseram o Cristo, das quais Santo Agostinho vira uma na Cidade de Deus.

Lavou as mãos poeirentas. Matou a sêde. Penetrou ligeiro na sombra violeta dos olmos. As sandalias grossas esmagavam o saibro e as fôlhas sêcas do caminho, enquanto nas ramadas baixas dos álamos, olhando-o, curiosamente, afuzilavam as pupilas amarelas das corujas. Duma olaia viçosa, com o tronco cheio de lagrimas brilhantes de resina, para a negra folhagem duma bétula, voou devagar um môcho. O freire persignou-se.

Ao longe, soou apagado e triste o toque de ave-marias. Frei Marcos apressou o passo. Mas a noite andava mais ligeira. A sombra se adensava sob os grupos de figueiras e de sôbros, onde se não viam mais os tons claros dos troncos. Um galho sêco de nogueira, quebrado ao alto pelo vento, tombou sobre os ramos folhudos das outras arvores, com um barulho que pareceu descompassado e sinistro naquela solidão. O religioso correu pela vereda, amedrontado, o coração aos pulos.

E, logo, da alta cópa das faias partiram prolongados assobios. Outros respnderam debaixo dos pecegueiros e das macieiras bravas. Outros trilaram das fôlhas dos áceres e dos vidoeiros. Ainda outros esfusiaram de trás dos troncos das pereiras e dos choupos.

— Psiu! Psiu!

O frade, abandonando a pesada sacola, voava. Parecia-lhe que rostos fosforecentes surgiam na sombria quietude dos carcavões e bôcas de espiritos malignos apitavam nos recessos do bosque. As alpercatas desataram-se dos pés; mas continuou a correr, ferindo-se nos espinhos, deixando tiras do habito presas aos galhos das amoreiras.

Seus olhos dilatados pelo medo viram correndo ao seu encontro, no mêsmo caminho estreito, um vulto capripede. Parou, com um grito que espantou as corujas quietas, e atirou-se á mataria, varando-a como um louco, largando nos estrepes e garranchos farrapos do burel, tiras da propria pele. Correu, assim, muito tempo. Dentro em pouco, o cansaço fé-lo diminuir a carreira até que parou e

se assentou, resfolegante, arquejante, ao pé de salgueiros tristes, á margem dum regato.

Adeante, era uma clareira, onde se derramava a dôce claridade das estrelas, azulando os copados castanheiros e dando á relva, cheia de asfodéleos floridos, um tom de prata velha. Todo o ar cheirava a tomilho, rosmaninho e balsamina. E um dolente som de musica campestre soluçava na escuridão como se fôra o ultimo suspiro da frauta antiga dos deuses florestais mortos.

Então, os olhos assombrados do monge de repente viram, encostado a um tronco, um satiro de barba e cabelos brancos, soprando a sirinx arcadiana, enquanto sobre a relva perfumosa e florida dançava, aligeramente, uma ronda de faunos diademados de pámpanos, de ninfas coroadas de anêmonas. Vozes soaram, ressoaram, em cadencia, na noite estrelada e silenciosa:

— "Egléa! Neéra! Faetusa! Melia! Caliroé!"

Ao chamamento divino, outra farándola de deusas, entremeadas de silvanos, surgiu das sombras do arvoredo e começou a dançar em torno da primeira. Novos nomes sonoros de ninfas mortas e esquecidas ecoaram no prado:

— "Mnais! Dafné! Teisôa! Neda! Melibéa!"

Perto das duas teorias divinas e bailantes, uma ronda de pequenos faunos, rostos de criança sorrindo ás estrelas sobre torsos côr de rosa terminados em côxas felpudas e pés de cabra, rodopiava, repetindo em voz infantil os velhos e queridos nomes gregos, vocalizados e côr de ouro, das ninfas que cem gerações mediterraneas tinham amado antes que o cristianismo as matasse:

— "Rodé! Licéa! Toosa! Hagno! Adrastéa!"

Ao vêr corpos nús e harmoniosos, seios erectos de pontas rubras ferindo o ar, ancas roliças balançando em cadencia, ventres brancos como os das estatuas de marmore, labios sanguineos humedecidos, cabelos louros como se nêles o sol esquecera sua luz, cabelos negros como se nêles a noite esquecera sua treva, um grande e forte desejo humano de pecado alanceou a alma ascetica de frei Marcos. Suas temporas palpitaram. Seu corpo tremia todo. Endireitou-se. Ia lançar-se ao grupo divino ou diabolico. O', como seria maravilhosamente bom rebolcar com uma delas nos braços nervudos sobre o macio tapete de ervas e de flores! Mas um raio de lucidez mandado por Deus iluminou a alma do freire escurecida pela volutuosa vontade de pecar. Caiu de joelhos, murmurou lentamente:

— "A raça dos demonios pagãos não se acaba, porque o desejo do pecado que representam moram no proprio coração humano!"

Fez o sinal da cruz. Logo tudo aquilo: corpos nús, vozes sonoras, sons de frauta, luz cirial das estrelas, tudo se apagou. E o freire adormeceu sobre fôlhas sêcas.

De manhã, os irmãos que o procuravam assustados encontraram-no morto á sombra dos salgueiros e á beira do corrego lento, apertando nas mãos as contas do rosario. O habito dilacerado mal lhe cobria o corpo cheio de arranhões e pisaduras. Todo o convento acreditou que o santo homem morrera lutando com os demonios do bos-

que pagão, por dentro do qual nunca mais ninguem se atreveu a passar até o ano de oitocentos, quando Roldão sobrinho de Carlos Magno, em caminho para Roma, o destruiu, arrancando as arvores uma a uma, com as mãos, para vencer uma aposta gabola que fizera contra Urgel de Danôa.

A' VISTA DO CORNO DE OURO

"O puissance de l'or maitre et vainqueur du monde,
Au temps de Danaé, l'or était déjà Dieu,
Et c'est l'or, l'or encore et toujours en tout lieu"...

(ALFRED PONTHIEU — **Poésies"**)

Sobre a lenta oscilação espelhante das aguas, a pequena barca era um ponto negro e movediço. Remando com vigor, aljofrado de suor pelo esforço continuo, tripulava-a um marujo tostado de sol, robusto e agil, de olhos negros coruscantes sumidos á sombra da coifa cinzenta de nabateu. Os remos grossos gemiam nos lios dos toletes de ferro e a embarcação — um monoxilone de duas pontas, comum nas aguas do Bosforo, trazia á prôa, com as suas côres variegadas e o nimbo de ouro roidos pela vaga, uma Panaguia gloriosa apertando ao peito o menino Jesus.

Um vento fresco soprou dos lados da Tracia. O nabateu largou a palamenta, armou a véla triangular amarela com remendos grosseiramente costurados, verdes azues, vermelhos. A barca orçou um pouco e logo correu velozmente sobre as ondas da Propontida, aproando para o

golfo de Artacena, na costa asiatica, onde avultavam as rochas da ilha deserta de Demonessa.

Êsse nabateu chamava-se Zozimo e carriava melancias para os vendedores do Corno de Ouro e da ponte de Blaquernes, em Bizancio. Asiatico perdido entre a cosmopolita população da grande capital, vivendo miseravelmente no meio dos lazos da Anatolia e dos armenios varredores das ruas, após oito anos de trabalho diario e rude, conseguira somente possuir o seu monoxilone usado e fragil, que lhe dava com que comer. Sua alma era cúpida: ansiava insofrida pela riqueza. Para êle, todo o fim, toda a felicidade da vida era o ouro. Não tinha resignação. Chorava de inveja deante das lojas dos judeus e dos ricos palacios do bairro de Fanar. Ficava horas inteiras á porta dos bancos venezianos, somente para ouvir o continuado tilintar das moedas contadas.

Ora, uma noite, ao deitar-se sob um dos arcos do aqueduto de Valente, onde morava, ouvira sussurro de vozes perto. Prestára atenção. Eram dois piratas do Arquipelago ou do Euxino, que conversavam na escuridão duma arcada. Falavam do assassinio de seu chefe, o duque Gaindas, almirante italiano e general bizantino, enriquecido por saques e piratarias, cujo tesouro os dois haviam roubado. Um, de voz rouca e imperiosa, falou:

— Iremos buscar o cofre, na proxima lua. Daqui até lá esmorecerão todas as suspeitas. Demais, não podemos ter pressa. O tesouro está bem guardado.

O outro fanhoso e humilde, acrescentou:

— "Mesmo a marca do lugar, nessa ilha abandonada de Demonessa, o Crisamon gravado numa pedra..."

— "Cala-te, idiota! interrompeu o primeiro. As paredes teem ouvidos."

Fez-se silencio. Zozimo nem respirava, mas sentia o coração aos pulos no peito, como barco açoitado pela tormenta. Nas veias não lhe corria sangue e sim fogo liquido. Ia realizar-se o sonho de sua vida inteira: ouro, muito ouro!

Afastou-se devagarinho do aqueduto. Depois, correu até ao cais do Corno de Ouro, em frente á loja de Solibas de Odessa, onde prendia o seu caíque. Saltou nêle, desamarrou-o e, sem uma vasilha dagua, sem um saco de pão, remou para o Bosforo, onde armára a véla triangular ao vento da noite.

Com a madrugada veiu a calmaria. Agora, vogava de novo, impelido pela brisa européa. No mar quasi desrto, raras palándrias de vélas carminadas e drómons de vélas purpurinas buscavam as terras heladicas, fugindo no horizonte, alem da azulada ilha do Cisico, de onde vem o bálsamo.

Por volta de meio dia, esfaimado e sedento, o nabateu desmbarcou em pequena enseada da ilha. Tão ansioso estava que não amarrou a embarcação, largou-a solta sobre a areia humida. Foi curta e feliz a sua busca. No bojo rugoso duma pedra, seus olhos descobriram, pintado com tinta côr de sangue, o Crisamon, o monograma ortodoxo do Cristo. Enfiou a pá do remo no salbro solto, ao pé do rochedo, e começou a cavar. Em torno,

silencio profundo, quebrado a espaços pela monotona litania do mar batendo na areia. Nem um grito de ave marinha. Sob a irradiação do sol, para os lados de Bizancio, estrelejavam-se de ouro as cupolas das termas de Arcadio, talvez a estatua dourada de Justiniano, no forum do Augusteon. Na costa asiatica, mal se avistavam algumas das torres brancas de Crisopolis, de Calcedonia, de Pantiquia e de Drépano. E, no horizonte, continuavam a passar, lentos, solitarios e solenes, os drómons de vélas carminadas, as palándrias de vélas purpurinas.

Zozimo cavou durante um virar de ampulheta, com tanta avidez que não sentia o estomago vasio, a garganta ressequida, a zoeira de fraqueza que já lhe enchia a cabeça. Seu espirito só pensava no ouro, só via o dinheiro. A pá de madeira bateu num objeto resistente. As mãos aváras, crispadas e tremulas arrancaram logo da cóva um cofre de cedro, incrustado de metais reluzentes e de marfim. Mal o póde suster. Deixou-o cair ao chão. Os fechos partiram-se; o tesouro de Gaindas derramou-se sobre a terra revolvida.

As garras famintas do nabateu passearam sobre aquelas riquezas. Seus olhos receiosos percorreram o ilhéu deserto. E começou a apalpar as moedas, uma a uma, febrilmente. Havia-as de Flavia Julia, a Basiléa, filha de Constantino Magno, com o distico **Pietas Publica** numa corôa de fôlhas. De Constantino o Moço, em que um cavaleiro atira o dardo. Do Pogonate, amostrando seu carão barbado e tres cabeças ao redor dum **M.** De Constantino Coprónimo, Isaurio, Excrementicio e Cavalino,

vergonha do Catisma, mas vencedor dos arabes, com uma estrela de oito pontas. Do Porfirogeneta, com a cruz tripla. E do Ducas, com o icone do Cristo. Moedas de Atenas e de Roma, mêsmo antigas da Lucania, em que uma deusa ergue o escudo, e númidas com um vaso deitado.

Uma profusão de objetos ricos! Zozimo arrumou-os de novo, comovidamente, no cofre. Um evangeliario vermelho de fechos cravejados de pedraria. Dois manuscritos, em cujas iluminuras caçadores soltavam sobre gazelas fugitivas leopardos amestrados, mofavam numa caixa de prata. Em placas de ouro orladas de safiras floriam, rutilando, as seis asas dum anjo ou o perfil autocratico dum basileu entre licornes de retorcidas caudas ornamentais. Nos arrieis de ouro lavrado dum olifante de guerra, havia cabeças de coruja, em relevo. Em cada uma das oito faces duma corôa real, perfilavam-se, duramente, icones e Panaguias. Ciborios reluziam sobre dalmaticas marnetadas de ouro e sêda, com feições de apostolos entre corôas de espinhos.

Toda a riqueza, toda a arte bizantina estavam nas suas mãos! Era só pôr o cofre na canôa, remar para Bizancio, desembarcar á noite, vagarosa e cuidadosamente se desfazer das joias nas lojas dos judeus, enriquecendo e gosando. Homenagens, mulheres núas, vinhos caros, manjares... Uma alfinetada no estomago trouxe-o á realidade. Despertou a fome que a vigilia e o esforço, o tempo e a emoção tinham aumentado. A sêde, mais forte, apertou-lhe a garganta.

Que imprudencia partir sem provisões para um ilhéu, onde não existia uma arvore, um fruto, uma pôça de agua! O unico remedio era voltar. Fez do remo alavanca e levou o pesado cofre até á enseada, com lentidão, fraquejando. Procurou o monoxilone. O' desgraça! A maré enchera e levara-o aguas afora, na correnteza veloz que sái para o Egeu. Seus olhos chorosos viram um ponto negro boiando ao longe.

Já a tristeza do crepúsculo baixava do céu. Zozimo rolou, rebolcou-se desesperado sobre a areia, mordendo os punhos, aos uivos. Aquietou-se mais a um lume de esperança que lhe clareou a alma. Talvez, ao outro dia, ali perto passasse um navio, os tripulantes ouvissem seus gritos e o levassem para Bizancio. Mas o cofre? perguntou-lhe a cupidez. Devia enterra-lo e vir busca-lo depois. Levantou-se. Empurrou-o gemendo, até á beira do buraco, junto á rocha, onde desfaleceu.

O calor do dia reanimou-o. Abriu os olhos turvos, nimbados de rôxo. Os raios do sol vivificavam, em Constantinopla, ao longe, os zimborios dourados da Purpurea de Constantino; clareavam o quarteirão de Xerolofos, deixando á sombra o bairro de Eiub; espalhavam-se sobre a verdura alegre do Campo Militar; e aumentavam, no céu azul, o perfil elegante do Cinégion. O ouro da luz, quente, divino e imenso, fulgia sobre o esmalte do céu e a tranquilidade das aguas, a cuja face, lentas e indiferentes, passavam uma a uma as velas côr de sangue dos drómons, as velas côr de purpura das palándrias.

Zozimo pôs-se de joelhos, desenrolou a coifa nabatéa, prendeu-a ao remo, agitou-a no ar. Gritou até enrouquecer. Ninguem dos navios o ouviu. Uma como vertigem tonteava-lhe a cabeça. Seus olhos fitaram o cofre cheio de ouro; depois, passearam pela natureza cheia de ouro do sol. Ficaram esgazeados, imoveis, como se tudo que vissem, ar, terra, céu, mar, luz, fôsse côr de ouro e reluzisse. As duas vozes dos piratas, a fanhosa e a rouca, ecoaram-lhe na vertigem do cerebro:

— "Come ouro!"

— "Bebe ouro!"

Então, num instante de lucidez, compreendeu que estava perdido e murmurou, ofegante:

— "Mas ninguem o terá!... Ninguem... Será do mar..."

Quis aluir a caixa para ir joga-la á agua. Não pôde. Tombou de bruços sobre a tampa incrustada de lavores eburneos, inanido.

Oito dias e oito noites a indiferença azul do céu e a indiferença pestanejante das estrelas passaram sobre aquela cena. Os corvos do mar e os abutres devoraram o pobre corpo.

Na claridade triste e fugidia duma tarde de setembro, quando a asa da gaivota não fere mais as aguas do mar de Marmara, os dois piratas desembarcaram na ilha e dirigiram-se ao lugar do tesouro. Recuaram com assombro e deitaram a fugir. Um esqueleto com restos de carne putrida a ligar-lhe os ossos abraçava-se ao cofre de Gaindas. Os dois urraram:

— "A alma do duque! A alma do duque!"

Puseram a nado o seu barco e velejaram para o Corno de Ouro, onde abicaram ainda tremulos e assombrados entre os drómons de vélas de purpura e as palándrias de vélas de carmin.

O MILAGRE DE MAOME'

"Meu tio, disse êle, o céu deu a um verme a vitoria sobre o decreto dos coreishitas".

(ABUL FEDA — **Histoire de Maomé**).

O profeta de Deus fumava lentamente o narguilé reclinado on amplo e macio sofá do harem, quando Abutaleb, para o qual não havia portas fechadas, entrou apressado e triste. Logo, a um sinal do amo, uma escrava que deitava pastilhas de nardo no braseiro levantou-se e saiu. Cadige, a esposa do chefe dos Crentes, envolta em gases tenues, saúdou o marido e a visita, retirou-se em silencio. E o tio do Enviado do Céu falou, segurando-lhe as mãos, vexado e cheio de angustia, como a suplicar uma idéa salvadora:

— "Maomé", traz-me aqui o desejo de salvar-te e de salvar os nossos amigos ameaçados pelo decreto que teus inimigos coreishitas acabam de assinar e depôr no tesouro da Caaba, afim de ser promulgado amanhã, ao meio dia, perante o povo de Méca. Como impedir a consumação dessa medida odiosa e terrivel, que o meu prestigio no

conselho da tribu não póde evitar? Venho pedir-te uma idéa".

Maomé tirou com estranho vagar o canudo do narguilé da bôca e sorriu. Depois, respondeu calmamente como se nada soubera de anormal e aquêle decreto não viesse esmagar seus unicos e fieis partidarios:

— "Meu amado tio, que importa aos nossos queridos hashemitas as resoluções dos velhos que decidem da vida nacional entre as quatro paredes da Caaba, sob a proteção de trezentos idolos infernais, quando os perseguidos possúem a bençam do Deus uno e verdadeiro? Que lhes importa essa lei deshumana, se estão acolhidos no teu castelo forte, onde os ataques das tribus da Meca nada podem contra êles, se ha dois anos, cercados por elas reunidas em pé de guerra, se manteem impavidos e invenciveis?"

Fez pequena pausa; depois, rematou:

— "Deixa aos velhos do conselho, a êsses xeques sem discernimento e sem fé, a vaidade das leis inuteis. Deus é um só e Maomé o seu profeta!"

Abutaleb assentou-se no tapete felpudo, cruzou as pernas e, cofiando a longa barba branca, retorquiu:

— "O meu sobrinho ainda não está inteirado do que ha. Alguns dos nossos parentes e amigos que se achavam na Abissinia, refugiados junto ao bondoso najashi: Otman ben Afan, Elzobair ben Awam, Otman ben Matun e Jafur ben Abutaleb, acabam de vir até á cidade, cuidando que toda a população já tivesse abraçado o islamismo".

— "Que imprudencia!"

— "Não. Fôram enganados por noticias falsas e, ignorando tuas lutas e a resistencia dos coreishitas aos mandados do arcanjo Gabriel por teu intermedio, atravessaram o mar, desembarcaram e estão em minha casa. Os xeques souberam, reuniram-se e fizeram o decreto que os condena á morte. Salva-os, Maomé! Salva Jafur, o meu filho, o teu primo que está com êles!"

O profeta pôs-se repentinamente de pé. Seus olhos faiscavam como nos dias de combate, entre a poeirada dos cavalos enovelados e o reluzir tremulo das lanças sobre o adejar multicôr dos albornozes. A mão direita aberta e hirta errava em torno do cinto a procurar um alfange imaginario. E a voz rouca saíu dentre a barba cerrada e negra, dura e forte como uma ordem nas horas de peleja:

— "Correrei até ao castelo e virei á frente dos hashemitas combater as tribus da Caaba!"

Mas logo a sua logica fria de grande ambicioso e o seu astuto espirito que o faria durante vinte e tres anos gotejar no seio dum povo enganado os versinhos do Corão, caídos um a um do céu, lhe mostravam num relance a improficuidade dêsse ato. Seria esmagado pelo numero e perderia o unico partido que até então o mantinha e prestigiava, ceifado no campo de batalha. Tornou a sentar-se, fumou demoradamente, pensando.

Abutaleb tinha os olhos ansiosos pregados nêle, a procurar ler-lhe os pensamentos nas rugas que se faziam e se desfaziam na fronte tostada. Após uns momentos, Maomé caiu de joelhos, prosternou-se, orou baixinho. Por fim, erguendo para o velho a face subitamente alegre, disse:

— "Vai com Deus, Abutaleb! Descança que Êle, por meu intermedio, salvará todos os que por amor de seus preceitos, correm perigo.

O ancião abraçou-o e ia retirar-se um tanto receioso ainda, quando o outro o chamou e sussurrou-lhe quasi ao ouvido:

— "Reune esta tarde o conselho das tribus coreishitas em tua casa e propõe-lhe o seguinte: como o decreto está guardado no tesouro do templo e nenhum bicho ou homem pode tocar-lhe, se amanhã aparecer roído ou rasgado, ficará sem valor".

Abutaleb olhou-o surpreso, numa interrogação muda:

— "Como espero que Deus faça êste milagre, dize ao Conselho que só ficará intacta a palavra Deus de todas as que lá estão".

Abutaleb beijou-lhe as mãos e saiu, recuando, curvando-se até o chão. Maomé bateu palmas. Algumas escravas entraram com instrumentos de musica. Cadige veiu, envolta em véus transparentes, sentar-se ao seu colo. E uma dansarina nubia, estatua de ébano de linhas perfeitas, com seios petreos e empinados, começou a dansar, sensualmente, no meio da sala.

Nessa noite, quando toda a cidade dormia, um homem envolto num albornoz escuro, depois de rondar os muros lisos da Caaba, soltava prolongado assobio. Alguns instantes mais, na sombra dum mucharabio abria-se pequena porta e por ela o vulto penetrava no tempo dos idolatras.

Lá dentro, o que lhe abrira á porta, um guarda, de alfange ao cinto, com um candil na mão, levou-o até á

arca de pedra do tesouro. E ambos descolaram-na, escolheram entre suas preciosidades um pergaminho enrolado e cuidadosamente o untaram aqui, ali, com mel e benjoim. Depois, repuseram a tampa pesada, refizeram os sêlos. E, ao sair o do albornoz pela portinha escura, o outro beijou-lhe a mão, murmurando:

— Deus é um só e Maomé o seu profeta!"

No outro dia, com o sol a pino, os anciãos reuniram-se na Caaba. Abutaleb, na primeira fila, tremia deante do cofre. Um dos xeques, Aburabié, bateu-lhe no ombro e falou:

— A combinação que fizemos ontem em tua casa prevalecerá. Se a arca não estiver forçada e o decreto estiver apagado, é sinal de que Deus está com teus parentes e êles serão salvos".

— "Sim, Aburabié!"

E êste, voltando-se para o grupo dos velhos ordenou:

— "Elas, examine os sêlos, abra o cofre e leia o pergaminho".

Houve um silencio pesado entre as quatro paredes do templo. Os idolos brutais e primitivos da grande deusa Lat, de Gebet, de Tagot, de Ood, que era o céu; de Sôa, que tinha cara de mulher; de Irus, com cabeça de leão; de Ianc, com focinho de cavalo; de Naser, com bico de aguia; de Oza e de Menat riam, alvarmente. Fôra, em torno da Caaba, espremido nas vielas sordidas, o povo sussurrava como um vento de chuva nas tamareiras dos oasis.

Elas avançou e, detidamente, verificou os sêlos de cêra vermelha e verde.

— "Estão perfeitos", disse.

Auxiliado pelo guarda, cujo alfange enorme faiscava, arrancou a tampa. Suas mãos compridas e queimadas de sol procuraram o rôlo de pergaminho, afastando vasos de ouro, véus ricos, incensadores de prata e de bronze lavrado. Tirou-o. Desenrolou-o. Um arfar de peitos curiosos e preságos encheu a sala. Os olhos de Abutaleb não deixavam o rosto de Elas.

O arabe olhou o decreto e empalideceu. Não póde articular um som. Voltou-o para o conselho, bem aberto, esticado pelas duas mãos. Cem olhos arregalaram-se de espanto. A fôlha estava inteiramente limpa de letras. As baratas haviam-nas roido. A um canto subsistia uma unica palavra. Todos a leram com assombro:

— "Alá!"

A noticia correu pela multidão, que se dispersou aos cochichos, como abatida pelo milagre inesperado. No silencio pesado da Caaba, Aburabié, voltando-se para Abutaleb, disse-lhe:

— "O que se promete cumpre-se. Os hashemitas estão perdoados, mas não creio nêste milagre. Um dia se descobrirá. Vai com Deus, Abutaleb!"

E o tio do fundador do islamismo retrucou com altivez e convicção:

— "Tudo o que a violencia e a injustiça forjaram Deus aniquilou. Vistes que só seu nome foi respeitado. Deus é um só, Aburabié, e Maomé é o seu profeta!"

IDADE-MEDIA

A ESPADA DO REI DAGOBERTO

> "Quoniam, cupiditate tanta hauriendi sanguinis nostri teneris, quid cessias in me cruenta securim destringere".
>
> (VALERIUS, MAXIMUS, L. III, Cap. II).

O bom Santo Eloi, esporeando o lento cavalo pela estrada de Soissons, pensava no seu querido rei Dagoberto, cuja crueldade seus bons conselhos não podiam vencer.

Era ainda êsse rei cristão dos francos meio domesticados um verdadeiro barbaro, trovejando imprecações em idioma gutural, mesclado de teutonico e romano, á menor contrariedade. Amava sómente caçadas e guerras. Com os longos cabelos amarrados ao alto da cabeça e a barba intonsa varrendo as peles da tunica, varava os bosques a cavalo, rindo rumorosamente ao enterrar a framéa amolada no sangue purpurino dos uros selvagens. Nos escuros caminhos das velhas florestas druidicas, a sua enorme matilha ladrava em torno do carro de bois em que viajava, comendo e bebendo entre mulheres nuas.

Ia para a batalha, cantando, fazendo rodopiar sobre as asas douradas do casco germanico o gume espelhante do franquisque. Atirava o cavalo negro ao mais acêso das

pelejas. E não tomava prisioneiros. Vencedor dos bulgaros, que pretendiam invadir a Alemanha, mandara trucidar nove mil, que se tinham entregado.

A esgotada raça dos Merovingios bruxoleava na energia malvada dêsse rei, precursor da longa teoria dos soberanos indolentes, manietados pela astucia forte dos prefeitos do palacio. Nos ultimos anos de vida do pai, fôra seu perigoso associado ao trono, especie de Cesar feroz junto a um Augusto enfraquecido. Dono duma parte da França, usurpara a outra ao proprio irmão, que falecera, cortando todas as tentativas dos seus fieis com o assassinio do sobrinho, unico herdeiro legitimo. Dominador dos leudes, respeitado pelos inimigos internos e externos, era rei da Neustria, da Austria, da Borgonha, da Aquitania e de Soissons, imperador dos franco-salios e dos franco-ripuarios.

Contam as lendas da Igreja que um eremita da Tebaida só se prendia ás vaidades do mundo por um fraco: a cópa de ouro em que bebia, resto de sua passada fortuna. O rei Dagoberto tambem só tinha uma inclinação dôce e pacifica, pela qual Santo Eloi, seu ourives e seu ministro, o segurava. Era um grande amor pelas cinzeladuras florejadas, uma grande paixão pelas pedrarias. Nas horas de furia, o santo mostrava-lhe um anel lavrado em fino ouro, uma sueira azul como as aguas do Mediterraneo, e logo seus olhos riam, seu coração se aplacava. E o soberano barbaro ficava tão quieto e manso como Saul ouvindo a harpa de David.

Quantas vidas não fôram salvas, quantos decretos iniquos revogados, quantas duras ordens contidas por Santo Eloi, mercê da beleza dum cofre incrustado de marfim e gema, da finura de uma taça mais bela do que um seio de mulher?

E era ainda com o desejo de bem fazer e acalmar a ira do rei que o bondoso Eloi deixára o calmo retiro da oficina, em Paris, e galopava com esforço para Soissons, constantemente pensando na salvação daquela alma barbara, que o batismo de seu ancestre Clovis, o orgulhoso sicambro de São Remigio, ainda não havia redimido.

Ao declinar o sol, o ministro avistou a cidade, os muros negros com atalaias e torres, os campanarios das igrejas, a alvura das casas entre a verdura dos jardins. Na planicie, que começava nos fóssos e ia até aos combros violetas do horizonte carregados de vinhedos, grande multidão pousava como bando de aves marinhas, em reboliço, á face da praia.

Santo Eloi galopou mais. Apeou-se por fim, ao pé de rude estrado sobre o qual, numa sédia romana de braços recurvos, se assentava o seu amado rei. Rodeavam-no os leudes, os condes, os senhores francos. O povo de Soissons enchia a ameias, o campo, a berma dos valados. As tiufadias de guerreiros alinhavam-se ao sol; e, entre elas, gemiam, ululavam alguns milhares de homens, mulheres e crianças cativos, mãos amarradas ás costas, faces maceradas, bôcas famintas, roupas em farrapos. Eram as tribus saxonicas que o chefe dos francos acabava de vencer na fronteira do reino.

Dagoberto acolheu Santo Eloi com um sorriso e uma pergunta:

— "Que me trazes, ourives?"

— "Êste anel, para Alda, a tua favorita, ó rei!" E apresentou-lhe um fino aro de ouro, em que duas serpes escamentas se contorciam, segurando com as bifidas linguas uma pedra côr de sangue. Os olhos do soberano maravilharam-se no lavor precioso do metal e no brilho sanguineo do rubi.

— "Alda vai ficar radiante, Eloi, disse; "mas como sei por experiencia que só me dás um gozo dêstes em troca de grande favor e como o maior rei do mundo já se acostumou a ceder aos desejos dum ourives caprichoso e dum ministro avaro, dize logo o que queres em troca".

Santo Eloi estendeu a mão para os prisioneiros de guerra, a barba branca açoitada pelo vento, e, sem hesitação, todo piedade e meiguice, respondeu:

— "O perdão dessa pobre gente, meu querido senhor".

— "De toda?" indagou o barbaro com um sorriso cruel.

— "De toda!" afirmou o santo, com segurança, e prosseguiu:

— "Bastam os nove mil bulgaros chacinados numa só noite, para fartar a vingança selvagem de vossos guerreiros. Cristo ensinou que o verdadeiro poder é o de perdoar. Êle perdoou seus proprios inimigos. Se continuardes, meu senhor, a despresar os ensinamentos de Deus e a praticar tais atos, talvez que as orações continuas

dêste vosso servo não chegem para salvar do inferno a vossa pobre alma".

Em derredor, leudes e barões franziam os rostos cheios de cicatrizes, de longos bigodes louros pendentes, uns sorrindo desdenhosos, outros enfuriados com êsse velho que vinha demorar ou mêsmo roubar-lhes o prazer tudesco da matança. Já um lento rumor de revolta corria entre a soldadesca barbara e a barbara população de Soissons, ansiosos pela esperada e anunciada diversão da chacina.

Dagoberto, bem humorado pela vitoria recente, pelo esplendor do dia e da festa, pela vista da linda joia, ficou indeciso. Santo Eloi de novo lhe meteu nas mãos uma outra maravilha: aureo colar esmaltado de sinopla e blau, com leopardos e licornes de olhos de ametista, conchas, ostras, vieiras, mariscos, ramagens de aipo e uma grande cruz peitoral, a mais perfeita obra saída das mãos do santo ourives.

Mirou-o, remirou-o o rei, quasi extasiado. Depois, não podendo desgostar o santo e não querendo descontentar guerreiros e o povo, determinou:

— "Perdôo a metade! Os mais fracos, Eloi!" Soltou curta exclamação gutural: um vozear brutesco encheu o espaço:

"O pavez! O pavez!"

Quatro leudes puseram aos ombros grande escudo alongado, de tres gomos. Sôbre êle, lestamente, o rei, saltou, arrancando a espada da bainha. Vasta aclamação repercutiu até o horisonte. Ao serenar, de pé em cima do escudo, Dagoberto lançou a arma deante de si. A

fôlha larga relampeou no ar, enterrou a ponta no sólo duro e ficou tremendo e reluzindo ao sol. Então, o rei ordenou:

— "Matem quem passar dessa altura!" Voltou-se sorridente para a face triste de santo Eloi:

— "Salvo por tua causa as crianças, ourives!"

Dois homens armados de achas afiadas, puseram-se a um lado do gladio. Do outro, dois guerreiros traziam as vitimas e mediam-nas com a arma real, murmurando-lhes ao ouvido:

— "Ajoelha-te! De joelhos ficarás mais baixo e o rei perdoará o sacrificio".

Nenhum homem, nenhuma mulher das tribus vencidas se ajoelhou! Entregavam os condenados aos carrascos. As cabeças rolavam no sólo, ás vezes rangendo os dentes, e o sangue vermelho dos saxões ensopava os ervanços.

Ao pé do pavez, silenciosamente, cobrindo o rosto com as mãos, Santo Eloi chorava. Já umas vinte cabeças se empilhavam sobre o prado, quando os guerreiros trouxeram uma criança, de mais ou menos dez anos, com uma fita de púrpura amarrando-lhe os cabelos louros. Era, visivelmente, mais baixa do que a espada. Santo Eloi respirou. Mas o menino pôs-se na ponta dos pés: seus bucres de ouro passaram do punho ornamentado da arma e a voz fraca, porém decidida, bradou:

— "Quero ir ver meu pai no Valhala! Matem-me, não tenho medo!"

Os carrascos olharam o rei numa interrogação muda. Todos os guerreiros baixaram a cabeça, confusos. Entre

o povo silencioso, muita gente levantava a mão como os romanos no circo, para perdoar. Santo Eloi acercou-se do rei e sussurou-lhe:

— "Perdoai, meu senhor, pela bravura desta criança, a todos os outros!"

Na luta interior da sua alma, admiração por aquêle heroismo infantil e vaidade do seu poder de rei entrechocaram-se como duas filas de guerreiros em peleja. Mas a vaidade de não ceder, de não voltar atrás venceu a admiração. Dagoberto cerrou os ouvidos á angustiada suplica. Endureceu a face e gritou, roucamente:

— "A ordem do rei é uma só! Passou da altura da espada, matem!" E a cabeça dourada com sua fita de púrpura, tombou sobre as outras.

Santo Eloi lentamente se afastou, montou a cavalo e fugiu pela estrada de Paris, em busca do socego de sua oficina. E as lagrimas corriam-lhe pela face rugosa, perolando os fios brancos da barba, toda a vez que pensava no seu rei Dagoberto, tão querido e tão cruel!...

O LEPROSO

"As maçãs do rosto, rôxas e inflamadas; os olhos, duma côr acobreada, faltos de vista, escondidos sob profundas rugas causadas pelas sobrancelhas contraídas; os labios entumecidos; o nariz revestido de pústulas enegrecidas; os dentes negros; as orelhas caídas, distendidas como as dum elefante; em todo o corpo, ulceras que distilavam humores negros e fétidos; pústulas novas corroendo as chagas velhas"...

(PETRUCCELLI DE LA GATTINA, — **Memorias de Judas**).

Sempre que, em sua presença, se referiam a castigos e torturas, o conde de Greling sorria misteriosamente. Achava-os todos apoucados. A polé, o borzeguim, as tenazes, o esquartejamento e a fogueira eram invenções antigas e mesquinhas; não castigavam. As suas dôres passavam em dias ou desapareciam no lenitivo da morte. Êle, sim, sabia dum suplicio ao pé do qual todos os outros eram ninharias. Quando houvesse de aplica-lo, a gente do seu feudo e o povo de Provença e França se espantariam.

Mas os anos corriam e o conde não castigava ninguem. Era, ao contrario do que se apregoava, bondoso

e generoso. Perdoava as faltas aos servos e até as dos que salteavam pelas estradas dos arredores a bolsa desvalida e pesada dos judeus. Tambem era feliz. Seu pendão de guerra, com um corvo negro em fundo de ouro, tremulia nas batalhas, nos lugares mais perigosos, sempre com a vitoria. Damas de alta linhagem o requestravam nos saráus e as mercês do rei choviam-lhe em casa.

Beirava já os quarenta anos e não cumpria o que ainda continuava a afirmar, respeito ao tal monstruoso castigo. Os cavaletes, as roldanas e os cabos da sala de torturas subterranea, lobrega e humida, do seu velho castelo enchiam-se de pó, de ferrugem e de teias de aranha. Se possuisse um carrasco, já o pobre homem teria morrido de fome.

Era amado pelo povo e respeitado pelos vizinhos, que a miúde frequentava. Ia muito ás caçadas e serões do senhor de Alicourt, velho senescal do duque de Provença, pai de tres moças, cada qual a mais bela e bem prendada, que tinham merecido tres lindas e semelhantes baladas de Raimundo D'Ace, grande trovador da Aquitania.

Pela mais moça, a singela e suvae Beatriz, olhos verdes e luzentes como esmeraldas e pele branca, levemente rosada como as perolas do oriente, prendeu-se o já maduro conde de Greling. Seus recursos da arte de donear, que rudes guerras e caçadas rudes, continuas e demoradas, não tinham conseguido desmerecer, conquistaram as bôas graças da moça. Toda a gente se alegrou com o casamento e as festas que o ilustraram ficaram celebres nos motes dos troveiros de todo o país da lingua doc. So-

mente um aio velho, seu amigo e conselheiro, achava que a simpleza daquela donzela não era mais do que estudada dissimulação.

Não lhe prestou atenção o conde enamorado e, no dia da bôda, ao retirar-se da engalanada sala de armas para a alcôva nupcial, bateu no ombro do antigo escudeiro, e disse, galhofando:

— "O velho corvo de Greling virou gerifalte e trouxe para o poleiro uma pomba mimosa".

— "Senhor", retrucou o aio, "nunca vos compareis com as aves negras. Elas trazem desgraça".

Durante tres anos, a felicidade protegeu a mansão. Já um filho alegrava todo o castelo, constantemente mudado do colo das amas para os braços fortes dos besteiros, que corriam com êle, amimando-o, pelas quadrelas asseteiradas e pelos eirados das torres. Era o orgulho do conde, que o queria rijo e destemido, creado ao sol e á chuva, duro no pelejar, árdego nas lutas e querençoso nos amôres. A mãe adorava-o e era de vêr como o seguia, ansiosa naquelas escapulas, temendo que o afrouxassem e largassem os grossos braços dos dedicados homens de armas.

Na sua vida que se arrastava melancolica, sempre fechada na torre de menagem, bordando e cuidando do filho, êste era como um raio de sol que entra pela fresta duma prisão húmida, como um lirio que nasce a beira duma agua quieta e triste. O marido caçava e justava como sempre, demorando semanas nêsses duros folgares pela redondeza. Após o casamento, seu amor esfriara

com a posse. E os dezoito anos dessa moça ardente e bela ansiavam pela presença duns labios de moço, cansada das caricias duma barba grisalha.

Em tão suspirado anseio, dum imprevisto, dum bem caído do céu, para alegrar-lhe o coração e saciar-lhe o corpo, vivia ela. Mas ninguem vinha ao isolado castelo de Greling. Das torres só se avistavam pastores tocando os rebanhos, enrolados nos seus capotes de pele de ovelha. Cavaleiros errantes não apareciam. Viajantes por ali não transitavam. E da cidade proxima os bufarinheiros não passavam com medo dos salteadores. Ao derredor dela, estafeiros e uchões, cavalariços e besteiros, eram achavascados e grosseiros, feios e brutais. Pagens não havia. Somente no rosto moreno dum coudel moço, macio e levemente penugento, alumiavam dois olhos que, quando pousavam nela, eram como duas tochas, dessas que se atiram das ameias para incendiar as maquinas do inimigo.

Insensivelmente, seus ólhos verdes caminharam um dia para as chamas dos do soldado; e ambos ficaram mais vermelhos que o céu da manhã. Fugiram um do outro, porem nessas fugas mais se encontraram. E, por fim, uma noite êle não se conteve e cantou, ao som da bandurra, num caminho de ronda, perto da torre de menagem, bem rimada declaração de amor.

O conde andava pelos Pirineus, numa batida de ursos do rei de Navarra e pouca gente havia no castelo. Tomaram, assim, certa confiança e começaram a encontrar se na propria casa da castelã. Ninguem o viu entrar de manso na torre da alcáçova em horas mortas, ninguem

á excepção do velho aio, que espiava do alto das ameias, bem escondido, com os ombros derreados de desespero como o corvo heraldico da bandeira feudal. E foi êle, por certo, não outro, quem denunciou ao conde por seguro mensageiro os amores adulteros de Beatriz, porque êsse surgiu mais tarde no castelo, de nada indagou, nada quis vêr, com ninguem quis falar, a não ser com o vilico que transmitia suas ordens, ao sair do aposento em que o senhor se aferrolhara.

A levadiça foi fechada e o coudél posto a ferros. No dia seguinte, pela manhã dois escudeiros escoltavam Beatriz, chorosa e amarfanhada sobre a sela de espaldar, até á porta do castelo do pai, a quem entregavam uma carta com sêlos negros. E quatro besteirros, de armas aperradas, conduziram logo após, amarrado, e amordaçado, de travez sobre uma besta de carga, o moço traidor.

Alguns dias mais tarde, jogando dados, com o pichel de vinho já vasio ao lado, na tasca de mestre Damião, numa viela de Aix, o conde dizia a tres dos seus mais costumeiros comparsas de caçada:

— "Apliquei o meu suplicio a um vilão, um perro que foi coudel dos meus fundibularios".

— "Qual foi?" perguntaram todos ansiosos.

— "Adivinhem."

— "Meteste-lhe agua por um funil, da guela abaixo, até rebentar como ôdre velho", gritou o barão de Villenauxe.

— "Queimaste-o a fogo lento", falou com preguiça o vidama de Malecourt.

— "Mandaste-o cortar em mil pedaços, começando pelas partes não mortais", opinou, bebendo uns goles, o marquês de Aliteville.

— "Não meus senhores de fraca imaginação! Mandei-o para uma tortura que ha de ser constante, sem um momento de interrupção, enquanto viver. Para escapar, só tem um recurso: matar-se. Ah! senhores castelões, eu sei vingar-me bem!"

Descansou um segundo com um sorriso infernal nos labios cerrados, e muito palidos entre os cabelos grisalhos da barba. Um servo veiu encher-lhe o pichel. Bebeu a metade. Limpou os beiços e falou para os olhos abertos e os ouvidos atentos dos outros:

— "Mandei-o meter na leprosaria de Montluçon, que é feudo franco meu e de onde nem o rei nem o papa jamais o poderão tirar. Ha de apodrecer em vida!" E gargalhou.

Os tres fidalgos olharam-no com assombro. Ao seu espirito apresentou-se todo o horror que cercava a lepra na idade-media, a tristeza das cabanas exiguas e imundas duma comunidade de leprosos, separados do mundo, famintos, tropegos, chagados, apodrecendo, quando mortos, á flôr da terra sob o vôo negro dos corvos, sem que uma alma caridosa tivesse coragem de enterra-los. Eram obrigados a usar uma batina de lã grossa, a carregar uma vasilha para beber agua e outra para comer. Não podiam colher os frutos das arvores nem tomar agua nas fontes, para não contaminar a população. Dormiam pelos caminhos, ao relento, a esmolar sob o ladrido dos cães

de guarda. Deviam trazer sobre o peito um sinal de infamia e na mão, sempre badalando, uma matraca, para anunciar sua passagem. E isso toda a vida!

Então, aquêles tres homens endurecidos, acostumados á guerra e aos suplicios dos tribunais, ás pestes e ao sangue quente das montarias de urso e javali, levantaram-se, cobriram-se e saíram da taberna, silenciosamente, sem olhar sequer para o conde de Greling, que, mais bêbedo, cantava coplas de amôr.

Depois dessa desgraça domestica, dera para beber nas locandas da cidade e voltava á noite para o castelo quasi a cair do cavalo. Uma só afeição o guiava na vida: o filho, que uma aia dedicada criava, carinhosamente. Mais alguns anos passaram e começou o remorso a encher aquela alma sofredora. O vilico, que lhe descobrira a trama de amor e o consolava, afirmando-lhe seu direito de punir, morrêra repentinamente numa viagem a Grenoble. Com pessôa alguma falava na mansão, a não ser com o filho, que se admirava sempre da sua taciturnidade.

Uma feita, quisera perdoar Beatriz e recebê-la novamente no castelo, tanto precisava duma companheira nessa solidão. Deante do seu mensageiro, a levadiça do vilar do sogro se erguera, batera com estrepito nos silhares de granito e, por mais que o homem gritasse, ninguem assomou na barbacã, a receber o recado.

Então, mais lhe pesaram os remorsos. Via, constantemente, diante dos olhos, a figura varonil do mancebo entre vultos de leprosos, já com rostos manchados da

púrpura do sangue pestilento e do jalne do pús. Montava a cavalo, galopava leguas, cabelos ao vento.

Uma manhã, deteve o animal numa encruzilhada. Enrolado na samarra parda, agitando a triste matraca, um leproso caminhava com passo lento. Seguiu-o de manso, á distancia. O homem atravessou bosques, vadeou corregos, perdeu-se á sombra duma azinhaga. Esporeou o animal. Êle havia entrado numa vereda estreita. Apeou-se e acompanhou-o. Adeante, havia um muro baixo como de cemiterio, como um portão negro onde uma cruz branca alongava os braços. O leproso abriu os batentes e entrou. Ia fecha-los. Êle correu, pôs-lhe as mãos e empurrou-os. Afastando o outro, pasmo e imovel, penetrou no pateo circular, calçado de pedras miudas e ainda reluzentes da última chuva.

Para ali davam as portas baixas de muitos cubiculos. Errava no ar um cheiro de feridas. Nas arvores proximas, pousavam corvos. O leproso agitou furiosamente a matraca e de cada porta saiu um vulto embuçado em um capuz pardacento, lentamente, gravemente, silenciosamente.

O conde de Greling recuou horrorizado até se encostar ao muro e murmurou:

— "Eu sou o conde de Greling, o dono desta terra, o senhor de vocês todos".

Um dos leprosos avançou e falou de dentro do capuz, soturno e fanhoso, com o halito acre açoitando o rosto do fidalgo:

— "Nosso unico senhor é Deus, porque nada mais temos a temer do mundo e tudo a esperar do céu. Mas que queres? Fala."

Cobrando animo, o cavaleiro explicou sob aquêles olhares de dôr que de todos os lados nêle se pregavam:

— "Mandei encerrar aqui um homem são, o coudél dos meus fundeiros, por grande crime cometido contra mim; mas arrependo-me e quisera tira-lo dêste horror. Quem de vós é êle?"

Um dos leprosos estremeceu debaixo da samarra de lã. Deu dois passos á frente e disse com os olhos faúlhantes e a voz tremula:

— "Aqui não ha nomes, porque não ha vivos. Somos cadaveres que se movem e nada mais. Irmãos, descobri-vos e que o mui nobre senhor destas terras e de nós reconheça entre nós o seu coudél."

Todos abaixaram os capuzes. O conde tapou os olhos com as mãos. Eram cem rostos inchados, purpureados, feridos, rôxos, com placas serosas, com manchas brancas, com pústulas humidas. Os olhos desapareciam nas orbitas fundas, entre carnes acrescidas, esponjosas, fétidas; as orelhas caíam quasi sobre os ombros em bolas de carne apodrecida. A um faltava o nariz; a outros, um pedaço do labio e os dentes brancos riam, alvarmente. E todas as mãos que levantavam os capuzes tinham os dedos encaroçados, feridos, cobertos com um pó esbranquiçado, ou com falta de falanges.

O conde, tapando sempre o rosto com as mãos, recuou mais até que encontrou a porta e correu pelo campo

como louco, gemendo. Chegou á azinhaga, desamarrou o cavalo, montou e galopou ao vento até ao solar, onde se atirou vestido sobre a cama, chorando, uivando, ardendo em febre.

Adormeceu e teve um sonho horrivel, um dêsses sonhos que matam. Estava amarrado ao leito por fortes cordas de cánave, que haviam enforcado criminosos e ainda tinham em si a frieza do pescoço dos justiçados. O seu filho, lindo e louro, dormia serenamente no berço, ao pé de si. Mirava-o enlevado, quando as portas se abriram e apareceram, envoltos nas samarras de lã parda, os leprosos, cujos rostos disformes o tinham assombrado. Entraram todos no quarto, com lentidão e lúgubre silencio. Aproximaram-se do berço. Seu coração pulsava no peito. Um suor gelado corria-lhe pelo corpo. Uma grande dôr enchia-lhe a alma. Aquêles monstros circularam o berço do inocente, rindo asperamente. Um dêles, o alto que lhe falara na leprosaria, com os olhos verdes faiscantes disse:

— "Os filhos pagam o crime dos pais. Vamos, por vingança, chupar o sangue puro desta criança e insuflar-lhe nas veias o nosso sangue nojento". E aquêle rosto pútrido, escamento, abaixou-se, e aquela bôca de chaga colou-se aos labios do inocente. Em derredor, os leprosos dansavam uma dansa macábra, galhofando.

O conde fez grande esforço para soltar-se. As cordas estalaram. Seus ossos crepitaram. Sentiu uma grande paz encher-lhe o corpo e adormeceu de novo.

Entrando com luzes e remedios, mais tarde, a aia encontrou o amo morto, inteiriçado na vasta cama, sob o docel heraldico. E foi essa mesma mulher quem disse, muitos anos depois, na hora da morte, ao cura de Santo Eutropio, que o seu pobre afilhado, o ultimo dos Greling, aos vinte e um anos, sem que se soubesse como, ficára leproso.

O CINTO DE CASTIDADE

"Si en y eut'il une qui s'advisa de s'accoster dun serrurier fort subtil en son art, a qui ayant monstré le dit engin, et le sien et tout, son mary estant allé dehors aux champs, il y appliqua si bien son esprit qu'il lui forgea une fausse clef, que la dame l'ouvroit et le fermoit à toute heure et quand elle vouloit".

(PIERRE DE BOURDEILLES, Abbé et seigneur de Brantôme — **Les Dames Galantes**).

Gémeos, mui amigos e ligados por cunhadía, Gualdim e Froila, ricos, volteiros senhores, habitavam bem defendido vilar, de cujas torres, nos tempos de assédio, os engenhos de guerra, escorpiões e balistas, béstas de bodoque e de pelouro, ceifavam os inimigos, não lhes permitindo construir gatas e bastidas, para se ampararem. Era um lindo solar com todas as acheganças e pertenças precisas. Rodeavam-no honras e coutados, adémas de adúbio e lavrança faceis, pescarias, terrenos agegelados, soutos, landes e rocíos, almargens, padeliças e figueiredos. Dum lado, entre piúgos, se estendia um vazeiro proprio para justas e jogo de bola. De outro, se espalhavam as choupanas dos colheireiros, que lavravam e afrutavam as

terras raçoeiras. E como o castelo, do alto da sua penha, olhava as ondas do mar, havia nome de Mira-Agua.

No mês de agosto do ano da Graça de 1277, uma ordem regalinda determinou-lhes que, com brevidade, partissem em acorrimento do fronteiro Crimenço Leirão, encurralado pelos ismaelitas no préstamo de Salzeda. Os dois irmãos, obedecendo ao mandamento do rei, ordenaram ao vilico, aos cuiteleiros e açagadores preparassem o alçamento da hoste para a grande arrancada. Pressa e gôsto tinham no feito, porque o barão era pai de suas mulheres, as duas fermosas irmãs de Salzeda, dos colos de garça real e dos labios côr de cravo vermelho.

Quando foi acabado o aquadrelamento dos besteiros do numero, fornecido pelos alfozes do feudo, e a peonagem de çaga recebeu cuitelos e ascúmas, e se içaram ao lombo dos mulatos e quartáus os uchotes de pão e as uchas de vianda, os dois mandaram selar os seus murzelos com os arnezes de guerra.

Cingidos nos gibanetes de aço, o brazão agironado de ouro e goles ao peito das jaquetas, subiram as escaleiras da alcáçova, para se despedirem das damas. Pelas enxáras e alvercas abarregadas da redondez soavam, ressoavam na luminosa alegria da manhã, os toques de clarim convocando os vassalos retardatarios para a arremetida guerreira.

Froila entrou na camera de Brites. Deante da ogiva aberta, sentada na estadela, reclinada sobre alpes macios,

ela fitava no mar os olhos rasos de agua. Achegou-se devagarinho e beijou-a na testa.

— "Já o sol alumia o pateo todo. E' hora de partir!"

Brites levantou-se. A longa tunica de merendal escuro moldou-lhe as formas do corpo loção. Os cachos de ouro do cabelo caíam até o abanico de garça, que lhe enrolava o pescoço. Dum cinto de couro com relhos de prata lavrada, a escarcela pendia. Pôs as mãos de neve sobre o gorgelim espelhante do cavaleiro e encostou, chorando, a cabeça ao seu peito. Froila afastou-a com afagamentos. Abriu uma arca e tirou um cinto de castidade. Ela, de olhos enxutos já e voz altiva, repeliu-o:

— "Ide, senhor, onde vos manda El Rei, sem receanças nem abalamentos. Não sou como as mulheres de França, que carecem tais instrumentos, nem como as de Alemanha, que se encerram nos mosteiros. Não sou como as de Italia, que se cercam de espias, nem como as dos mouros, que vivem entre guardas. Para as mulheres de Espanha e não para as de Portugal, criaram os homens o fôro do alcaide da honra. Sei, pela mãe de Deus, vo-lo juro! cumprir o meu dever. Se me sujeitardes, meu marido e senhor, a tal abaixamento, matar-me-ei!"

Vendo, na claridade daquêle olhar e na indignação daquela voz, toda a retidão da sua alma sem falsura, êle atirou o cinto a um canto e beijou-a, longamente, na bôca.

Gualdim deteve-se á entrada do apartamento de Leanor. Ela toucava-se, alindava-se com vagar, mirando-se num espelho veneziano. A luz que entrava pela janela

escancarada tornava ainda mais negros os seus cabelos e tremia nos embrolamentos de ouro do epitogio que a cobria. Sobre uma banqueta coberta com toalhetes de milheu, brilhavam albarradas e agomis de prata com lavor de busios, grifos, cardos, amendoas e bastiães, e faiscava uma bocêta atufada de esclavagens e avelorios. Ao vêr o marido, ergueu-se com acanhamento.

— "Leanor, arrancamos sem detença sobre o solar de Salzeda, para livrar teu pai. Adeus!"

— "Senhor e esposo meu, como chegam depressa as horas más! disse com os olhos no chão e a voz tremula. Parti, mas deixai-me uma remembrança vossa. Não a quero tão rica como os dons que me destes em arras e compra de corpo. Mas nela desejo mirar a bondade vossa". E, perdendo a estudada timidez. a linda creatura enlanguescia o olhar negro e o tentava com a rubra pôlpa dos labios. Êle sorveu demorado beijo naquela bôca de framboeza madura. Ela prosseguiu, afagando-o:

— "Mandai que Simeão Croio, judeu marrano, dono da lovisaria de Grijó, me entregue uns arrieis de orelhas que acabou de fazer. Teem duas sueiras mais azues do que o céu e quatro esclavonias mais rubras do que o sangue. Não são de grande careza. Custam somente duzentas florenças".

Gualdim sacou de debaixo da jaqueta o cinto de castidade, de couro reforçado de ferro, com o cadeado de segredo.

— "Se eu voltar com vida, dar-te-ei o que pedes. Agora é esta a unica lembrança que te posso deixar".

Ela sorriu e falou:

— "Que eu seja empicotada como vil ervoeira e me ponham á cabeça a polaina ou a enxarávia das alcaiotas no dia em que vos enganar! Eu vos seria fiel sem êste cinto. Mas ponde-o, senhor. Seu contáto não me deixará esquecer-vos um momento. Adeus! Sêde feliz e breve tornai para eu ser feliz por minha vez".

Os endurentados homens de guerra deixaram o castelo. Leanor subira ao eirado da torre de menagem e ali ficára, acenando com o lenço, té se apagar nas abrutelas distantes o lampejo das armas. Brites ficou rezando na camera. Depois de passar o dia inteiro a espreguiçar o sua acidia sobre os alfombres do leito, quando a noite caíu, Leanor, embuçada num capeirão de baêta, atravessou os corredores da mansão, indo bater á porta do aposento de Ericio de Lindoso, belo donzel cheio de galanice, que fazia o aprendizado de cavaleiro no solar de Mira-Agua e jouvia com a fermosa castelã. Alta madrugada, ao sair dali, dando-lhe o ultimo beijo, ela dizia-lhe baixinho:

— "Procurai, dom donzél, no lugar de Treixedo, mestre Vicenço Barduz, ferreiro de seu oficio, habil forjador de chaves, e trazei-m'o cá. Teremos mór gosto de viver em pós a sua vinda, vo-lo asseguro eu".

Passado um mês, reduzida de metade, a mesnada de Mira-Agua chegou ao castelo. A' frente dos escudeiros estropiados ou feridos, Gualdim vinha sózinho, acarvado, a cabeça envolvida em panos avermelhados. As duas castelãs esperavam-no no patim da alcáçova. Brites

singela e triste no seu vestido de meni, Leanor, esplendida de saude e graça, coberta com uma toga de mudbage e um florejado capeirete de santaome. Com um grito de prazer e lagrimas de alegria enrodilhou-se ao pescoço do marido, enchendo-o de beijos, indagando da sua ferida e de como a recebêra. Brites, segurando o braço do cunhado, perguntou, contendo os soluços:

— "E o meu Froila?"

Gualdim empalideceu e, com os olhos húmidos, fez uma triste narração. Nas alfas do reino com as terras dos infieis, em pugna bem travada, perseguindo a retaguarda dos agarenos desbaratados, um garruchão derrubára-o. Penetrára pela juntura da brafoneira sinistra e varára o coração. Já o corpo fedia, quando os serviçais o encontraram. Sepultaram-no na galilé do mosteiro de Linhares, ao pé de Salzêda, com um orgulhoso bitafe e o brazão aginorado na lousa.

A viuva rompeu em chôro convulsivo agarrada á irmã e ao cavaleiro. Leanor soluçava com a facil veemencia de sempre. E os rudos besteiros da hoste, de olhos pregados no chão, tinham as ruivas barbas orvalhadas.

Já na alcova luxuosa, depois que Gualdim lavára as faces e as mãos no jacto de agua da agomia que Ericio inclinára com elegancia, Leanor, jogueteando com o olhar, disse com suave e demorada voz:

— "Bem revindo senhor e esposo meu, aqui me tendes pura como me deixastes, incapaz de fazer maldade. Verificai o cinto — dôce lembrança que me déstes. Ve-

reis que nem tentações tive. Pois se sou tão sómente vossa!"

E Gualdim tornou entre dois beijos:

— "Minha mui fiel esposa, dize ao ouriveseiro Simeão Croio que te mande os arrieis de orelhas".

Nêsse mesmo tempo, sózinha na sua camera, Brites punha o cinto de castidade, dava as tres voltas do cadeado de segredo e atirava a chave no mar.

MATADOR DE MENINOS

"Cinquante mille enfants des deux sexes, en France et en Allemagne, parcourrent les campagnes en s'écriant: — **Seigneur, rendez-nous notre sainte croix!** — Quand on les interrogeait sur le but de leurs rassemblements, ils repondaient: **Nous allons en Terre Sainte pour delivrer le sepulcre du Sauveur".**

(LINGAY — **Histoire des croisades**).

Naquêles tempos crueis, o delirio das Cruzadas enchia a Europa. A' voz dos pregoeiros enviados pela Igreja, as multidões alevantavam-se armadas e partiam com o fanatismo e a anarquia das hordas barbaras, para o oriente lendario, rutilante e longinquo, afim de libertar das mãos infieis o tumulo do Senhor. Imperadores, reis, santos, bispos, barões feudais, todos reuniam suas hostes e iam combater os muçulmanos. Jámais tão grande furor religioso abalara o mundo e, se nessa noite medieval o espirito dos homens visse com mais clareza, se a sua ambição desmedida não tivesse destruido as conquistas da fé, outra seria a face do mundo revolucionado por essa expansão gloriosa, ardente e unica na historia.

No sopé do castelo de Thy, nas Flandres, do qual nem ruinas restavam mais, passava nêsse tempo a grande estrada que vinha da França e se enterrava no coração da Alemanha. Por ela caminhavam as mesnadas que se iam reunir ás tropas imperiais, as comitivas dos grandes senhores e os bandos famintos e ululantes de seareiros e artezãos, que abandonavam o arado e a oficina, tornando-se alcateias de salteadores ferozes, fanaticos e uivantes como lobos, muitas vezes exterminados pelas populações das aldeias antes de alcançar o porto, onde deveriam embarcar para a Palestina.

Do alto do seu toreão, á sombra esvoaçante da bandeira azul escaqueada de oiro, o conde de Thy, cofiando a longa barba negra, via-os passar com seu lento sorriso de incredulo. E nunca os pregões dos arautos, os convites do soberano ou os sermões violentos dos frades o fizeram resolver-se a pôr ao peito do brial a cruz vermelha e abandonar o seu feudo, para ir morrer nos areais da Siria por Deus Nosso Senhor.

Não accedêra ao chamamento de Frederico Barba-ruiva, nem aos pedidos de Leopoldo, duque da Austria, nem ás instancias do seu amigo intimo Jocelyn de Courtenay. Alguns anos depois, máu grado uma bula de Celestino III e o chamamento de Henrique VI, continuára em paz no seu solar atorreado e forte. Os tempos correram e Felipe o Augusto, rei de França, procurou atraí-lo ao seu exercito pronto a ir combater os sarracenos. Agradeceu a honra e quedou tranquilamente dentro do velho castelo.

Mas sua curiosidade levava-o sempre ás ameias para vêr passar a gente ambiciosa ou ingenua, que se deixava acometer pela doença do Oriente e para êle caminhava, cheia de fé ou de cupidez, sonhando com as lendas das riquezas arabes, com as facilidades de obter fortuna e posição á custa do desequilibrado imperio grego, com os grandes golpes do combate. E ali ficava, a mão pousada sobre a cabeça loura do filho, unica lembrança duma mulher muito amada, morta aos vinte e dois anos. O menino já tinha doze e montava a cavalo, esgrimia, atirava de bésta, jogava o bafordo, terçava lança como verdadeiro homem. Era o orgulho e esperança do pai, a unica afeição dêsse rudo homem, cujo coração energico nem o frenesí religioso da época contaminava.

A atitude estranha e inexplicavel do conde de Thy creou-lhe em torno desconfiança e insulamento. Viu-se quasi abandonado no seu vilar, sem visitas, sem companheiros de monterias, sem convites para justas e outras festas. Tambem não se deu por achado e continuou a sorrir incredulo e prudente á passagem das hordas brutais, que demandavam Jerusalem aos gritos selvagens de ""Deus o quer!"

Deus, que se comprazia com aquela febre de religiosidade, reservava terrivel castigo áquele flamengo, que não queria dar seu sangue pelo tumulo de Cristo e recusava o valor de seu braço, o peso de sua espada á defensão da igreja elevada na cidade predestinada por ordem e esforço de Santa Helena.

Uma tarde, quando já as últimas tintas arroxeadas do sol se diluiam por trás dos arvoredos e seu reflexo morria na agua quieta dos pantanais, grande vozeria, alta e fina, toda entremeada de risadas de cristal, soou na grande estrada. O castelão correu á torre de menagem, galgou o eirado pela estreita e retorcida escaleira, debruçou-se do parapeito. Descobriu ao fundo do vale, caminhando cerrada, em algazarra, vasta mó de gente. Quando se aproximou mais, viu que era toda composta de meninos de oito a quinze anos, armados com armas de todos os feitios, gritando:

— "Senhor, dá-nos a nossa santa cruz! Vamos á Terra Santa livrar o teu sepulcro! Deus o quer! Deus o quer!"

Entre a criançada, distinguiam-se alguns vultos de homens reluzentes de malhas, com elmos lisos, montados em cavalos de guerra. Aquêle bando de meninos seguiu pela estrada em fóra, perdeu-se nas sombras da noite que caía. E dos muros do solar, servos, besteiros, o proprio castelão ainda ouviram durante algum tempo os gritos infantis, sumindo-se ao longe:

— "Deus o quer! Deus o quer!"

Mateus de Thy deu a mão ao filho que olhava silencioso a seu lado a passagem daquêles novos e nunca vistos soldados da cruz, desceu lentamente as escadas, abalando a cabeça com piedade. Já na sala de jantar, que duas tochas alumiavam, o menino olhou e viu-lhe lagrimas correndo pela face rude.

Então, avançou para o pai e, segurando-lhe as mãos calosas, pediu-lhe:

— "Senhor meu pai, deixai que eu vá tambem?"

O delirio aventureiro e religioso da época, que levára homens ao matadouro oriental e agora conduzia os meninos, o fanatismo e o misticismo das almas aferrolhadas pela crença dogmatica, tambem se apoderára daquêle espirito que acordava para o mundo e tinha sido garroteado por todos os preconceitos e por todas as opiniões em redor. Começava o castigo do conde. Levantou-se num impeto:

— "O' nunca! nunca!"

— "Senhor meu pai", tornou com respeito e carinho o filho, "toda a gente diz que morrereis em pecado mortal, se não fôrdes a Jerusalem. As nossas recusas teem criado má fama em torno de nós. O outro dia, o capelão disse-me que sentiu cheiro de enxofre ao passar perto da vossa camera. Sem dúvida, o demonio rondando vosso sono. Eu devo ir a Jerusalem resgatar vossas faltas. Vi êsses meninos passarem e deu-me vontade maior... Consentís, meu pai!"

A resposta foi um grande murro na mesa de carvalho esculpida de bestiães. O castelão fechou a cara e falou:

— "Basta, Reinaldo! Tudo isso são mentiras que te pregou o frade capelão. Vou despedi-lo. Deus é muito maior do que essa gente pensa. E não é para combater por Deus que as Cruzadas se alevantam, sim para satisfazer a ambição de papas e de reis. Henrique VI levou seus cruzados para tomar a Sicilia, não contra os infieis.

Barbaruiva queria o imperio do Oriente. Tancredo, Conrado e os outros queriam ser sultões. Todos nunca me enganaram a mim. Não deixo que vás com êsses pobres meninos cair sob as frechas e os alfanges arabes. E não deves desobedecer-me. E' Deus quem ordena a obediencia aos pais".

— "Mas, meu pai, sinto que devo partir... Deus o quer!"

O fidalgo sorriu como se estivesse conscio de que aquela veleidade infantil estaria logo morta e bateu palmas:

— "Pagens, o jantar!"

Ao outro dia, muito cedo, novo alarido encheu os campos e nova chusma de crianças passou, gritando. Alguns erguiam os braços, dirigiam chufas ao velho castelo sobranceiro e mudo.

Mais tarde, um escudeiro que voltava do mercado disse ao amo que a meninada acampára a uma legua dali, no campo de Santa Genoveva.

O dia passou lento e sereno. Durante êle, o conde de Thy se ocupou em dirigir a reparação do campo do tavolado, que já datava de seu bisavô. Uma unica vez vira o filho debruçado no passilho da barbacã. Ao entrar na alcáçova para jantar, chamou-o. Ninguem respondeu. Entrou no seu quarto. Não estava. Mandou procura-lo por todo o castelo. Não o acharam. Atirou com o pichel de vinho sobre o prato de louça grosseira e bradou, meio sufocado de dôr e de desespero:

— "Ah! êle partiu com os meninos! Selem já o meu cavalo e se aprestem para me acompanharem, completamente armados, Estevam, Matias, Odorico e Miguel".

Meia hora depois, caía uma tempestade formidavel. Relampagos riscavam a escuridão. Raios ziguezagueavam rubramente no ar. As pancadas da chuva ressoavam sobre a terra empapada. E um vento irregular e doido açoitava os matagais, abalando a face da terra.

Muito embora essa furia de vento e chuva, as correntes de ferro da levadiça rangeram, e a ponte bateu nos pilares, a grade da porta se abriu de par em par e por ela, seguido dos quatro escudeiros, atirou-se a galope para o campo o agigantado senhor do castelo.

Através da escuridão da noite batida pela procela, laivada de raios, iam em violenta arrancada aquêles cinco vultos de homens. Os cavalos enormes, negros naquêle negror chicoteado de chuva. as ferraduras afuzilando nos seixos, comiam chão no piso da cruzada infantil. Era uma furiosa, desordenada e louca correria pelos campos e estradas afóra, todos levados por uma como vertigem de romper em violento repelão a alma trevosa e húmida da tempestade noturna.

E voavam leguas e leguas, ao açoite da ventania, ao vergasto do chuveiro, sob o bocejar ensanguentado dos relampagos, dando gritos, os espadões batendo nas grevas e nos galapos das selas com retinir sinistro. Dentro dos casais, as mulheres, ouvindo o estrepito da carreira, caíam de joelhos e rezavam contritas, com medo de Pafos, o demonio cego que, num cavalo tambem cego. per-

corre á noite as lezirias, os caminhos e as terras de semeadura.

A serena claridade da manhã, já sem nuvens de tormenta, encontrou-os a galopar e só por volta da metade do dia deram com o bando de meninos, que rumava para a Terra Santa, guiados por frades e cavaleiros, cantando quiries, erguendo as mãos ao céu e gemendo, uivando, ululando.

— "Jerusalem será nossa! Deus o quer! Deus o quer!"

Debalde o conde e os homens de armas percorreram em todos os sentidos aquêle bando inocente e fanatico; debalde examinaram todos os rostos que se escondiam á sombra de barretes, de capuzes e de cógulas; debalde perguntaram a todos se tinham visto um rapazelho alto e louro, destro em exercicios, com um rôxo gilvaz na testa. Nada souberam.

Então, seguiram adeante. Atravessaram a Vestfalia, subiram o Reno, entraram pela Suabia. Nem um vestigio. Suportaram frio e fome, a má hospedagem dos albergues, a má guarida dos castelões desconfiados. Sofrêram o despreso dos senhores feudais e o desdem dos vilões, quando lhes faltaram na escarcela os últimos ducados. Então, mendigaram e roubaram. Assim, desceram pelo ducado da Austria e fôram a Veneza, a Trieste, a Zara, a Espalatro, a todos os portos onde embarcavam os cruzados. Nada. Voltaram rédeas e caminharam pelas planicies hungaras, onde pastam grandes manadas de pôtros e á beira

dos poços se erguem altas varas de faia; varejaram a Transilvania e a Rumenia; chegaram á Tracia e, por fim, descançaram em Bizancio. Nada!

Emfim, muitos mêses depois, tornaram á mansão senhorial, escaveirados e tristes, com as cotas desmalhadas, as couras cheias de remendos e a roupa branca encardida de imundicie, famintos, exaustos, sobre cinco espetros de cavalos. Aos escudeiros esperavam a paz e a fartura do lar para o refazimento das forças perdidas; ao amo, uma dolorosa surpreza. Um peregrino desconhecido passára havia dias em Thy e déra triste noticia. O fiho do conde fugira com um bando de cruzados infantis que buscava a França. Enquanto o pai o procurava para o Oriente, êle descia pela Borgonha e pela Aquitania até Marselha, onde o esperavam os navios de Ferrens e Guilherme Porens. O peregrino falára com êle proprio na taracena do porto, no dia da partida, e, dizendo que ia á Holanda, êle lhe pedira para passar em Thy e dar recados ao pai.

O castelão não descançou. Pediu outro cavalo e agora sozinho, bem munido de ouro, partiu para a França. Seguiu o caminho do sul. Emharcou em Marselha. A sua galera velejou pelo Mediterraneo protegida pelo bom tempo e sem que a perseguissem piratas barbarescos. Abordou a Rodes. E lá um veterano das guerras da Palestina, natural da Normandia, contou-lhe numa taverna o triste fim da cruzada dos meninos.

Os dois marselhêses que os trouxeram venderam-nos, em Damieta, ao sultão do Egito, por dez arcas de ouro. Miseraveis!

O cavaleiro segurou-lhe o braço com força e ansiosamente perguntou:

— "E que dêles fez o sultão?"

— "Entregou-os todos, sem excepção, aos fazedores de eunucos para o seu serralho".

O flamengo ergueu os punhos fechados para o céu, rangendo os dentes; deixou-os cair com estrondo sobre a tôsca mêsa e, escondendo a cabeça entre as mãos, chorou pela primeira vez.

Quando voltou ao castelo, nenhum servo o reconheceu. Trazia a face vincada de rugas, a barba e os cabelos brancos. Não viveu de então por deante. Modorrou. Quasi não falava. Quasi não comia. E arrastava os passos tardos pelos corredôres, ao crepúsculo, gemendo baixinho. Mas um dia um arauto veiu pregar no terreiro solarengo uma nova cruzada. Era o papa Honorio III que a instigava; João de Brienne, rei de Jerusalem, e André da Hungria deviam commanda-la.

O senhor de Thy sentiu-se transformado. Cingiu armadura e espada, montou a cavalo e, com olhos afogueados no rosto severo, partiu á frente da hoste para se reunir ao exercito cristão.

Incorporado ás forças de João de Brienne, participou da tomada de Damieta e comandou a vanguarda na grande marcha sobre o Cairo. Aí a soldadesca pasmou da fria crueldade daquêle homem de face austera, na qual nunca se via aflorar um sorriso. Nos combates, ninguem igualava seus grandes golpes de montante nem melhor

embebia a adaga no peito dos cavaleiros arabes mal feridos. Porém não se sabia porque seu grande odio era contra as crianças dos infieis. Nunca viu um menino á porta duma cabana, correndo no campo, fugindo pela estrada, que o deixasse escapar com vida. Punha-lhe o cavalo em cima, esmagava-o; cortava-lhe a cabeça dum só golpe de espada ou espetava-o na ponta da lança e olhava seriamente, gravemente, o pequenino corpo estorcer-se no ar. No assalto de Damieta, arrancava do seio das mães crianças de mama, brandia-as pelas pernas e quebrava-lhes o craneo de encontro a um cunhal de pedra. Porém o que a todos mais horrorizara fôra açular o seu falcão branco da Escandinavia sobre um rapazinho que fugia á beira do rio. A ave de presa pousara-lhe sobre a cabeça e com certeiras bicaradas vasara-lhes os olhos, como soía fazer com os veados e os javalis, nas monterias.

O menino soltou dois urros de dor e correu como desesperado ás tontas, caíndo, levantando-se, rebolcando-se ás vezes no lodo, até á beira do Nilo, onde lhe faltou o terreno e se despejou para sempre na correnteza barrenta. E durante tudo isso sua face grave não teve uma crispação!

Um dia, o sultão do Egito cercou com tropas numerosas, aguerridas e frescas o exercito cruzado, á margem do Nilo. Máu grado a esforçada defesa de cavaleiros e peões, a face palida da derrota espantou a soldadesca cristã. Sua resistencia amoleceu. As armas cairam-lhe das mãos e as bôcas balbuciaram pedidos de quartel. Os ara-

bes generosos concederam a vida aos vencidos. Um unico soldado da cruz não se entregou. Combateu até cair morto, coberto de frechas como leão furioso, aos uivos de dôr e de desespero, deixando em redor de si alto muro de cadaveres. Foi o conde de Thy, matador de meninos.

O HOMEM DA CARA DE MILHAFRE

"C'était, du temps de Rodolphe de Habsbourg, le manoir d'un effroyable gentilhomme bandit, qu'on nommait Bligger le Fleau. Toute la vallée, de Heilbronn à Heidelberg, était la proie de cet epervier á face humaine".

(VICTOR HUGO — **Le Rhin**).

Tres vezes o som argentino duma trombeta soou na manhã clara, espantando as cotovias e os esquilos nos densos pinheirais. Tres vezes respondeu-lhe a trompa fanhosa do vigia, na barbacã do burgo. Logo besteiros e servos se debruçaram nas ameias e curiosamente olharam o terreiro limpo, onde negrejavam os altos páus da forca senhorial.

Coberto pela capa armoriada da Dieta do Imperio, com a roda de prata de Moguncia, as cruzes de Tréves e de Colonia, os leões de ouro da Boemia e do Palatinato, a aguia vermelha de Saxe e as espadas cruzadas de Brandeburgo rutilando, um arauto, á frente de quatro cavaleiros, detinha o corcel branco, que escarvava o chão, sacudia o vermelho plumacho da testeira. Descançando a tuba sobre o arção, bradou duas vezes:

— "O barão Bligger de Schwalbennest!"

Uma voz trovejou de cima do eirado:

— "Aqui estou! Dize a que vens!"

E um cavaleiro de estatura avantajada chegou até ás ameias. O capelo de ouropel alumiava no ar. A cervilheira grossa tufava-se ao pescoço. Uma das mãos, coberta de escamas de aço, pousava no punho da espada. A outra, nua, cofiava lentamente as guias louras e longas do bigode. Era o barão. Fez-se silencio. Sua voz imperiosa e impaciente ordenou:

— "Fala!"

O arauto mal ergueu os olhos, desfiou, sonoro e empolado, a sua mensagem:

— "Barão Bligger de Schwalbennest, a mui poderosa Dieta do Imperio, reunida em Francfort, que tem, por sanção papal e imperial, direito de alta e baixa justiça sobre castelões ou senhores livres, sabendo de desmandos por ti praticados em todo o vale do Reno, contra bufarinheiros, judeus e viajantes, afim de obter dinheiro, que é gasto, acrescentam as denuncias, em orgias e ações demoniacas, manda que perante a mêsma compareças só, sem armas, sem proteção alguma, **sine salvo conducto,** para seres julgado segundo a pratica das usanças do Santo Imperio Romano Germanico!"

Os olhos do barão raiaram-se de sangue. Soltou uma risada escarninha, que toda a guarnição repetiu em côro, unisona e vibrante; depois, impôs silencio e respondeu com insolencia:

— "Cão e filho de cão! Pagarás a ousadia da Dieta e levar-lhe-ás a unica resposta que merece!"

As escamas espelhantes da sua mão ondearam no ar. Gritou:

— "A postos, besteiros!"

Um tropel resoou nas escaleiras. Curto sussuro borboleteou pelas quadrelas. As gafas guincharam, esticando as cordas dos arcos. O castellão ordenou, ironico:

— "Nem um passo, nem um movimento, mensageiros da **poderosa** Dieta, senão vos faço frechar no pateo, como codornas!"

Os cinco cavaleiros, afrouxaram as rédeas chapeadas de ouro, cruzando os braços com dignidade e desdem. O barão chamou o escudeiro, deu-lhe uma ordem ao ouvido. Mais uns momentos e dois servos sairam pelos cancelos da barbaçã, levando um balde de excremento e uma vassoura. Chegaram ao grupo imobilizado sob a ameaça das setas e borraram a dalmatica heraldica e faúlhante — suprema ofensa e supremo desafio á ordem social do Imperio.

Os servos recolheram. A uma ordem breve as béstas desarmaram-se. E, ao som das chufas e das gargalhadas, os mandatarios dos principes galoparam, fugindo.

Dois dias mais tarde, deante do atorreado burgo, que dominava os arredores, outro arauto se apresentou, ostentando orgulhosamente sobre o peito branco do estarcão a esgalhada e negra aguia imperial. Cercavam-no trinta besteiros, de armas aperradas, afim de evitar surpresas. De novo, o vulto gigantesco de Bligger o Flagelo assomou

no eirado. Sua cara de gavião enrugava-se em furia. A voz possante rugiu antes que o outro falasse:

— "Dá o teu recado, vilão!"

O homem adeantou-se, desdobrou um pergaminho com bulas pendentes de cêra vermelha e leu com vagarosa solenidade:

— "Sua Grandeza o Imperador Rodolfo de Habsburgo, pela Graça de Deus rei da Germania e duque da Austria, expulsa da nobreza do Santo Imperio o salteador Bligger o Flagelo, antigo barão de Schwalbennest, degradando na sua pessôa o nome de seus avós. Por ofensas ás leis divinas e humanas, por grande injuria á mui poderosa Dieta Imperial, Bligger de Schwalbennest perdeu seus direitos feudais e sua categoria. . ."

Uma gargalhada começada por Bligger e continuada pelos soldados sacudiu todo o castelo, interrompendo a leitura. Ninguem tinha medo do Imperador do Ocidente! A' porta da ucharia, os uchões de avental de couro torciam-se, rindo; e até as damas, nas janelas estreitas da torre de menagem, riam tão fortemente quanto os cuiteleiros encostados aos parapeitos de pedra. Quando o gargalhar esmoreceu, o arauto imperturbavel, acrescentou:

— "Acostados de Bligger o Flagelo, servos, vilões, escudeiros, homens de armas! Sua Grandeza desliga-vos de preitos e juramentos, prometendo vinte marcos de ouro a quem lhe levar sua cabeça!"

Outra gargalhada maior, mais sarcastica, quasi infernal abalou o ar. A fidelidade daquêles homens selvagens, que só respeitavam coragem e força, não se comprava com

dinheiro. Do alto dos muros choveram apupos e pedradas. O arauto fez lento signal á escolta e sumiu-se adeante do terreiro, por trás dos azinhais sob a vaia e as risadas crepitantes.

Passaram-se tres longos mêses. Bligger pilhou cambiadores lombardos, matou judeus, saqueou comitivas, salteou aldeias e pôs a resgate todos os viajantes que se arriscaram pelo solitario caminho de Heilbronn a Heidelberg. Recolhendo uma tarde com tres escudeiros, foi perseguid por uma patrulha de cavaleiros, que só se detiveram na cárcova do castelo. Receou fôssem a guarda avançada dum exercito imperial. Fez redobrar a vigilancia, apagar as luzes, soltar a represa que enchia os fossos e dormiu tranquillo.

Ao acordar, lançou olhos curiosos pelas lumieiras: estava sitiado! Por todos os lados, tropas a pé e a cavalo em torno das maquinas de assédio. Junto á tenda do condestavel, flutuava a rica bandeira da Liga das Cem Cidades da Alemanha. O homem da cara de milhafre sorriu.

Durante o dia, varias vezes os sitiantes atacaram o castelo com bastidas, gatas, escadas e arietes. Fôram sempre repelidos. As béstas disparavam pelas frecheiras nuvens de virotes, de setas, de quadrelos e de garruchões. As troneiras despejavam chumbo derretido, azeite fervente, caldeirões de pez. Os atacantes recuaram, entrincheiraram-se e começaram o trabalho silencioso e lento das minas.

Alta noite, ao se apagarem as almenaras do acampamento, quando as sentinelas cançadas de fitar a treva co-

meçavam a fechar os olhos, Bligger á frente de cincoenta estafeiros silenciosamente se escoou do castelo por uma poterna escusa. Lançaram uma taboa por cima do fôsso, desceram uma grota e cairam pela retaguarda sobre a gente adormecida e fatigada da Liga. Seus cuitelos amolados ceifaram vidas naquêle montão de homens que acordavam tontos, surpresos, perdidos na escuridão. Mal se podiam defender. Porem seu numero era imenso. De toda a parte acorriam já tropas armadas. A gente de Bligger fraquejava. De repente, a levadiça se abaixa, estronda de encontro aos pilares de pedra e por ela se precipitam outros tantos acostados, uivando, brandindo armas. Foi o sinal da derrota. Enganados quanto ao numero dos atacantes, tomados de panico, premidos entre duas sortidas audazes, os inimigos debandaram em confusão.

Os soldados de Bligger untaram de enxofre e pez as grandes maquinas de guerra e o madeiramento das palissads, incendiando tudo. Servos corriam com fachos. Chamas vermelhas agitavam-se no ar. E a essa luz sanguinea, palpitante, a fuga e a carnagem prosseguiam. Não se faziam prisioneiros. Ultimavam-se os feridos a pontaços de chuço como lobos numa batida. Até o general, um conde de Sacken, pereceu no desastre.

Bligger trouxe o heraldico e rico pendão das Cem Cidades e pendurou-o num arco da sala de armas entre aclamações e gargalhadas barbaras, que os fugitivos horrorizados ouviam de longe.

Seu prestigio cresceu. Sua fama voou por todo o Imperio. Ilimitado orgulho encheu-lhe a alma. Vencêra todas

as forças vivas da Alemanha. Só lhe faltava a Igreja. Derrota-la-ia tambem. Nunca mais ninguem ousaria contrapôr-se ao seu poder.

Mas num sabado alegre e ensolado, quando os sinos das aldeias badalavam alegremente a matinas, estranho cortejo parou deante da honra de Schwalbennest. Ladeado de senhores de pendão do Santo Imperio, seguido de frades a cavalo e de varias escalas de besteiros, um abade mitrado, de estola e quirotecas rôxas, sem pousar os olhos nos muros malditos do solar, ergueu na mão esquerda um cirio acêso, traçou com dois dedos no espaço o sinal da cruz, recitou em voz alta, no meio de profundo, respeitoso silencio, primeiro em latim, depois em alemão, a dura sentença da excomunhão papal:

— "De acôrdo com a autoridade das leis canonicas e o exemplo dos santos varões da Igreja, em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, separamos Bligger o Flagelo do gremio da Santa Madre Igreja, como roubador e homicida, rebelde e incredulo, condenando-o com o anatema da perpetua maldição. Que seja maldito na cidade e maldito no campo!..."

Toda a guarnição ansiosa e pasmada guardou silencio. Bligger torcia desdenhosamente as pontas do bigode. O sequito do abade repetia soturnamente cada um dos anatemas:

— "Que seja maldito na cidade e maldito no campo!"

O abade continuou calmo e vigoroso como se desfiasse contas dum rosario:

— "Sejam malditos seus bens e malditos os membros de seu corpo! Sôbre êle cáiam todas as maldições lançadas pelo Senhor, através dos labios de Moisés, contra o povo violador de sua lei! Que pereça á segunda resurreição de Cristo! Que nenhum cristão com êle fale e em sua intenção nenhum padre celebre missa..."

Um chôro forte de mulher rompeu na janela da torre de menagem. Bligger olhou para lá e impôs silencio com um gesto raivoso. O sacerdote reatou o fito das maldições:

— "... nem lhe ministre a sagrada comunhão! Que sua carne e seus ossos não tenham sepultura cristã, servindo de pasto aos corvos ou de estrume á terra! Quem com êle falar ou recebê-lo em casa, a não ser para obrigá-lo a arrepender-se, seja excomungado tambem! E, a menos que, cheio de remorso, não se penitencie duramente, a luz de sua vida se extinga como apago êste cirio!"

Aproximou a vela dos labios, soprou-a: a chama livida deitou-se ao comprido e morreu. Um suspiro de alivio pela terminação da serie de anatemas saíu do castelo. Cruzando os enormes braços sobre a cruz de aço fôsco da espada, o homem da cara de milhafre soltou a escarninha gargalhada de sempre. Mas nem um rumor lhe respondeu. Fez-se silencio sepulcral, tão grande que o canto dum grilo escondido nas estevas da beira do fôsso vibrou no ar desusado e extranho. A comitiva largou a galope pelo caminho do vale. Êle voltou-se com assombro para o interior da mansão, ainda havia pouco fervilhante de risos e de movimento. Nem um besteiro nas quadrelas, nem um

servo no pateo, nem um adargueiro nos caminhos de ronda! Estava só e excomungado! Apurou o ouvido e mal escutou passos leves que se afastavam por escaleiras e corredores.

Desceu as escadas de caracol, percorreu todo o castelo, dos aposentos das damas e covilheiras ás salas dos pagens e dos guardas, da ucharia á adega. Ninguem!

Na estrebaria, o seu cavalo de guerra mordia o feno fresco da manjedoura; a um canto coxilavam os dois negros alões familiares; e, pousado na alcandora, um falcão tordilho estirava a asa preguiçosa. Comprehendeu seu abandono, mas continuou impassivel. Selou o corcel, montou-o; empunhou o falcão, assobiou aos cães, atravessou o pateo e, pela levadiça arriada, ganhou os campos, de cabeça erecta, solfejando velha canção de taverna. E nunca mais se souberam noticias dêle!

JUIZO DE DEUS

"...dans le systême fiscal si imparfait du moyen âge, le juif servait en quelque sorte de collecteur d'impôts, d'intermediaire officieux entre le trésor et le contribuable"...

(THEODORE REINACH — **Histoire des Israelites**).

Isac Vasco fôra judeu, mas convertera-se em tão bom cristão que até por um guete, referendado pela carta de camara do alvasil de Tortosa, se divorciára da mulher, judia abarroada e fanatica, tratada pelo instrumento juridico por marafona e barregã. Após a conversão, arranjára ser arrecadador das fóragens, afogações e outras costumagens do mosteiro de Alcaniz, o mais rico do reino de Aragão, cujas barras usava na metade do escudo, e só dos quintos, sextos e oitavos das coirelas e herdades rendia, anualmente, mais de mil e quatrocentos anriques. Jamais houvera regadeiro que tanto aumentasse o tiramento dos tributos. Exercia o mister com habilidade nunca vista. Quando outros, pelas direituras de falas e miunças ou fóros cabaneiros, traziam meia duzia de rezes, um ceirão de galinhas, um cabaz de ovos, transformava tudo isso em di-

nheiro, entregando ao prior da Ordem oito, dez pilhas de reais pretos e brancos.

Dom Geraldo, abade de Alcaniz, era confessor do rei de Aragão. Morto El Rei, o convento herdou por abadengo as terras de Hijar, cujo alacir dava cento e oitenta almudes de vinho e duzentas e trinta mêas de azeite. De tais terras, o cobrador começou a tirar, pelas fumagens, areaticas e eirádegas, trezentos vintens de prata e cento e noventa e dois cotrins. Entre os freires era grande o seu valimento e a honestidade de suas cifras desafiava perquirições. Entretanto, nas casas de um conqueiro e de um pergamilheiro, seus amigos, que lhe davam albergagem, escondêra pequenos baús recheados de corôas velhas, cujo ouro não limaram nunca os banqueiros nem os ganhadores dos escambos. Nos burgos sujeitos ao abade, em troca de ligeira almeitega, refeição de couves, pão e ovos, que tomava numa alpendrada da judiaria ou da mouraria, dispensava dum terço dos pesados impostos da alfita, do azagui, da quarentena e da judenga os mouros e seus irmãos do antigo crédo. Assim, conciliava as simpatias de todos.

Em dia de grande mormaço, vinha o recebedor ao passo ronceiro da faca pedrez pelo sombreado caminho de Castelote. Trazia, aos lados da albarda ecendrenxada, duas pequenas arcas de carvalho com cruzes enlevadas. Dentro, vinham os dinheiros das fintas. Devia ser grande quantia, porque desde a ante-vespera andava cobrando nos lugarejos a açougagem atrasada e, segundo o acoirelamen-

to dos campos e o ateigar dos frutos, os ferrádegos, montádegos e albergarias, alem das dividas por fôros encomissados, não cumprimento de cartas de gádea e deteção dos gados do vento, pertencentes a congregação como todos os bens do acaso. O céu era dum azul metalico. Não se movia uma frança de arvore. Zumbiam moscardos. No recesso do arvoredo, sentia-se o fremito dum regato.

O judeu coxilava, cabeceando, quando um homem de esfarrapado alquicé, saltando do mato, travou da arreata da égua com um longo punhal na mão. Mal teve tempo de abrir os olhos, já a lamina lhe transpassava o ventre. Deu um grito e molemente caíu sobre as caixas. O sacomardo arrancou o cadaver da albarda, arrastou-o pelos braços até o bosque e deixou-o, entre touceiras de panasco, á beira do córrego. Abriu as arcas. Revolveu com ávidas mãos e guloso olhar os sacos de espadins, os atados de escudos e ceitís; remexeu as tulhas de meálhas e xinfrans; alisou com delicia a face das castelas de ouro. Por fim, montou e fugiu, esporeando furiosamente a cavalgadura com a arma.

Daí a pouco, passava ali o senhor da Bica de Calamocha, dom Egas Ortiz, que vinha de Castelote e ia para seu solar. Ouvindo o murmurejar da levada, refreou a montaria e desmontou com ligeireza. Apartou arbustos, debruçou-se sobre uma rocha e, com a conca da mão, bebeu demorados goles de agua, sem reparar no cadaver esparramado a dois passos, entre as ervas. Ao inclinar-se para o riacho, sem que désse fé, a adaga filetada de ouro,

com seu brazão no punho, escorregou da bainha sobre a terra húmida. Mitigada a sêde, dom Egas partiu.

Na alvorada do outro dia, um alfeireiro que guiava o rebanho estrada afóra descobriu o cadaver pelo fedor e os corvos. Correu ao convento. Vieram servos buscar o corpo, para sepulta-lo cristãmente, e o abade trouxe a justiça para examinar os vestigios do crime.

Alguns aldeões de bristois escuros disseram ter visto, na azinhaga de Miraflôres, um homem de má cara, que fugia numa egua pedrez carregada de uchotes. Mas o alcaide não prestou ouvidos a tal reconto, porque um dos oficiais lhe trazia o punhal encontrado á beira da agua. Mirou-lhe o cabo brazonado e disse:

— "Não ha mais procurar. O matador e ladrão é dom Egas Ortiz, senhor da Bica de Calamocha. Estão aqui em campo de bláu as sete lisonjas de prata. Chamai um fisico para ver o morto e êle será castigado conforme o numero e enormidade das feridas."

Virando-se para um meirinho, ordenou:

— "Ide com gente armada ao solar do matador e prendei-o em nome da justiça d'El Rei!"

Perante o fôro de Tortosa, dom Egas negou com tal fortaleza e durante tantos dias a autoria do homicidio e furto que os juizes não tiveram talante de lavrar sentença sem uma prova mais concludente ainda. Tendo em vista as leis civis e canonicas, resolvêram tentar o juizo de Deus. O cavaleiro aceitou cheio de fé. O duelo ou desafio não se podia travar, porque não havia outro acusado ou suspeito, nem padrinhos. A agua fria e quente era benigna

provação para crime tão alto. Restava a purgação vulgar do ferro em brasa.

O senhor da Bica de Calamocha confessou-se e comungou, jejuou tres dias, foi benzido e exorcismado. Dos homens nada podia esperar. Mas Deus por certo demonstraria sua inocencia. Sua alma se enchia de esperança ao pensar na lenda formosa e tão espalhada pelas Espanhas de dona Tareja Soares, flôr das mulheres de Riba-Douro, que segurára nas macias mãos um ferro caldo, retirando-as tão brancas como dantes, confundindo assim por mercê do céu, o marido que, falsamente, a acusára de adulterio.

No dia do julgamento, na praça do pelourinho, o algoz esquentou em grande fogareiro uma rêlha de arado. Quando ficou da côr das brasas, um meirinho verificou-a e as vestes e mãos do fidalgo, afim de impedir qualquer remedio, composição ou encanto que enervasse ou rebatesse a virtude do fogo. Fechando os olhos pestanudos e jurando em voz alta que estava limpo do crime que lhe imputavam, o belo senhor da Bica de Calamocha pousou a mão sobre aquela chapa ardente. As carnes fumegaram. Soltou um grito, erguendo a palma em carne viva; e uns farrapos de pele ficaram, chiando, enrugados, de encontro ao ferro.

A convicção da culpa penetrou na alma da multidão que assistia ao feito. Morava já no sentir dos julgadores. Até os aldeões, que tinham visto o salteador fugindo sobre a egua do judeu, acharam que Deus apontára o verdadeiro culpado.

Uma hora depois, o alcaide de Tortosa firmava esta sentença:

"Peor que os cinco delitos nefandos que os forais punem com peitas, coimas e justiçamentos: homicidio, furto, rapto ou rauso, arrombamento e lixo em bôca **(stercus in ore)**, foi êste cometido por dom Egas Ortiz, senhor da Bica de Calamocha, nas terras de Castelote, couto do mosteiro de São Paio de Alcaniz; porque tanto roubou fintas e tributos do dito mosteiro como praticou com arma miuda morte de homem. Assim, por bôa justiça e em nome d'El-Rei, mando eu, seu alcaide desta freguezia e concelho, que o solar e coutados e campos e eiras do dito matador e ladrão sejam dados ao abade em quitança dos dinheiros roubados, que morra por al, sendo justiçado com injuria na encruzilhada de Tresfuentes, e peite ao escrivão sessenta soldos, e ao verdugo quatorze soldos pela corda de enforcar e os carvões gastos no auto e prova do Juizo de Deus".

A MORTE DE DOM GRACIA

> "...êle o tinha pregado á porta de sua casa, em trofeu de vingança, como os caçadores pregam á porta das suas, algumas vezes, aguias e corujões que mataram".
>
> (SISMONDI — **Historia das republicas italianas**).

Na noite escura, entre montanhas negras, o velho burgo dormia. Dominando-o, faúlhava suspensa na treva a almenára do castelo de Zuniga, vermelha como sangue. De quando a quando, interrompia o clarão o lento perpassar da sentinela. A luz fraca dum lampadario, coada através do vitral colorido, mal apontava a posição do mosteiro de Santa Dorotéa, fronteiro ao solar e, como êle, trepado no cimo dum rochedo. O ninho da religião e do misticismo olhava o da rapina e da opressão. Entre ambos, o casario humilde dos vilões ajuntado no concavo do vale, medroso como um rebanho, sempre a pedir a proteção da cruz e da espada, que o exploravam.

As lisas paredes conventuais, de granito griseu, aprumavam-se á beira de ribanceiras verticais e pareciam nascer da propria montanha, tão rudas, ameaçadoras, impassiveis, quanto ela. Na sua catadura sombria, abriam-se duas filas paralelas de janêlos, miudos e quadrados como res-

piradouros de prisão. Os do primeiro andar, embora os fóssos naturais dos despenhadeiros circundantes, tinham grossos varões de ferro, de cujos cruzamentos, a impedir ousadas mãos se aproximassem, saíam afiadas pontas de aço, recurvadas para cima, com meio covado de comprimento. As do segundo andar, mais defendidas pela altura, mostravam somente os pesados barrotes das grades. E em todas se alinhavam reixas.

Em estreita cela do ultimo pavimento, padecia na solidão da clausura, dêsde muitos dias, dona Violante de Zuniga, a mui fermosa e bem prendada, a que amara, com escandalo da familia orgulhosa, o mais belo trovador e o melhor cavaleiro das Espanhas, dom Gracia de Castãneda, matador de mouros e corredor de aventuras, troveiro de bom e mau trovar. A alta pretenção de fortuna e nobreza do pai preferira fazê-la monja a consentir no casamento com um fidalgote espadachim, de má fama, mal provada linhagem e pouco cabedal.

O amôr não conhece precalços e, quando os topa, torna-os em prós. Uma noite, a freira sentiu leves pancadas nas reixas. Achegou-se e ouviu, num sussurro, palavras de saudade. O coração quis saltar fóra do peito e os olhos encheram-se de agua: era dom Gracia quem falava!

Num barranco que defrontava o alcantil do convento e ficava proximo, encostára o conto de longa vara de faia e, atravessando-a por cima do abismo, apoiára a outra ponta no peitoríl fenestral. Marinhára por ela, conforme as ensinanças dum jogral, até alcançar os barrotes. Assim,

conseguira vir dizer-lhe da dôr de sua seperação e ouvi-la murmurar da dôr de sua desesperança. E o mêsmo fez todas as noites sem lua.

Estendiam-se em baixo, aguçados a lima, os espinhos das janelas e, no fundo trevoso da ravina, rosnavam aguas encachoadas. A morte, ao menor descuido! Porem êles matavam penas, pertinho um do outro, mau grado sem se poderem vêr!

Naquela noite, aldeia, mosteiro, solar atorreado, tudo dormia; uivavam lobos nas devezas e piavam corujas na mata. Dom Gracia, cavalgando a verga de faia, apertando nas mãos o frio ferro da grade, escutava suaves palavras, quando sentiu que o madeiro fugia da frincha de pedra, onde o prendia, na riba defronte. Estremeceu e se lhe arripiaram os cabelos. Encalmou-se e quis segura-lo entre as pernas. Foi peor. A vara largou do barranco, desprendeu-se da janela e caiu no precipicio, ricocheteando de encontro ás rochas, espadanando aguas lá no fundo. Vampiros e môchos assustados revoaram, gritando.

E Violante perguntou, receiosa:

— "Que foi, meu amor?"

O cavaleiro, suspenso pelas mãos, pés tacteando a parede lisa, recuperou ao frio roçar da morte a leonina coragem de sempre e respondeu, dominando o tremor da voz:

— "Nada. Um galho sêco de arvore que o vento quebrou".

Depois de imenso momento de silencio, acrescentou:

— "Creio que vem gente. Ouvi vozes. Até amanhã!"

— "Até amanhã, meu amor!"

As mãos doloridas crispavam-se nos varões, e no silencio da noite se ouvia o sinistro ranger de suas unhas de encontro aos ferros. Mas os dedos dormentes fôram-se abrindo devagarinho. Fechou os olhos e um suor gelado e viscoso correu-lhe pelo corpo. Largou as mãos e despenhou-se. Logo abaixo, as pontas amoladas o esperavam. Bateu-lhes em cheio e de frente. A força da quéda lh'as enterrou, rangendo, entre as costelas. Quatro espeques acerados sairam-lhe pelas costas. O sangue correu na coura leonada, desceu em fios lentos até ás balugas castanhas, de cujas pontas ficou gotejando. E o seu grito de dôr pareceu no vasto negror da noite um uivo perdido de lôbo faminto.

Ao amanhecer, corvos revoavam-lhe em torno e ninguem podia explicar como ali se espetára o mais belo trovador das Espanhas. Toda a gente do burgo, dêsde o alcaide aos mais humildes seareiros e artezãos, zagais e vilões, agrupou-se ao pé do mosteiro, arregalando olhos e persignando-se. Entre as ameias da barbacã e dos roques, na honra altaneira, os besteiros e servos, homens de armas e adargueiros, olhavam o prodigio. E dom Pedro de Zuniga, o castelão, disse ao abade de Santa Dorotéa, com um riso cruel:

— "O diabo carregou a alma suja de dom Gracia e pendurou ali, para os abutres, o corpo imprestavel, como os açougueiros mouriscos dependuram em ganchos quartos de carneiro e os caçadores das montanhas pregam á porta de suas casas as asas das aves de preza e a pele das raposas"...

REFORMA E RENASCIMENTO

ESPIÃ

"...entreprit avec audace de s'en emparer par escalade; déjà deux cents des siens avaient pénétré dans la place, quand ils furent découverts et tués".

(C. CANTU, v. 16, pag. 576).

O conde de Martigny, general de Carlos Manuel, duque da Saboia, que sitiava Genebra, tinha uma alma nobre e antiga, como a dos velhos cavalheiros desaparecidos. Entrára naquela feroz luta de religião sem a crueldade que era seu melhor apanagio. Apiedava-se dos calvinistas sitiados. Chefe dum exercito catolico embora, procurava poupar-lhes vidas e bens. A teimosia sectarista dos defensores da cidade tolhia-lhe a ação generosa. Com a demora do cerco, vendo crescer dia a dia a furia de seus soldados, imaginando os horrores da chacina e do sangue no dia do assalto final, procurou e achou inteligencias na praça. Soube que munições e alimentos escasseavam, afrouxando as energias morais dos defensores.

Um capitão de arcabuzeiros e um tenente de artilharia genebrêses venderam-se ao general por alguns milhares de henriques de ouro e combinaram desamparar, em noite

previamente escolhida, a parte das fortificações que lhes estava confiada. Por ali, penetrariam as fôrças saboianas em silencio, atravessando bêcos, ruas e congostas, afim de tomar pela retaguarda as tropas ocupadas com o assalto geral.

O conde ia sempre aos encontros com êles em lugar deserto, quasi, á beira dos lámeiros do lago, onde á sombra de freixos e de faias, os asfodéleos abriam as corolas e as violetas atapetavam o rebordo dos velhos fóssos abandonados. Ao largo, cruzavam galeotas armadas em guerra, que bloqueavam o porto, impedindo a cidade de se abastecer por via lacustre. Vestia um gibão azul de oficial e nunca se déra a conhecer, de maneira que os vendidos cuidavam tratar com um intermediario, quando em verdade tudo combinavam com o proprio chefe inimigo.

Uma tarde, chegando ali, deparou formosa e clara moça, de inquietos olhos negros, com um corpete branco e saiota camponêsa de veludo vermelho, que apanhava flôres entre os barrancos. Quando o viu, correu até á praia, saltou num pequeno barco e remou, beirando os caniçais, para a cidade.

Encontrou-a segunda vez. Fez-lhe respeitosa saudação e dirigiu-lhe a palavra. Ela não respondeu. Olhou-o com desdem e partiu. Mas, depois de dois encontros, conseguiu falar-lhe. Era Maria de Beauvoisin, filha do governador de Genebra. O gentil parecer do saboiano fizera-a esquecer a inimizade religiosa. E, como na lenda de Romeu e Julieta, entre o fanatismo e a guerra, êles se ado-

raram. Martigny não tinha trinta anos; e ela não passava dos dezoito.

Oito dias mais tarde, êle pediu-lhe indicações seguras de sua familia e residencia. Maria quis saber para que, e o oficial, abraçando-a, respondeu:

— "Sei que o general tem dois oficiais que o auxiliam dentro da praça ,apesar de calvinistas. Êles deixarão sem defesa e sem vigilancia as albacáras, os redentes e os bastiões da porta de leste, amanhã á noite, quando se dará o assalto final. Por aí, entrará em Genebra o exercito do duque Carlos Manuel.

Ela deu uma indicação e um nome falsos, indagando:

— "Entrarás por essa brecha?"

— "Não. Tranquilisa-te. Ficarei com as tropas de reforço e providenciarei para que tua casa e a gente de tua casa nada sôfram".

Maria de Beauvoisin amava muito sua patria e sua religião. Certa de que o amante não participaria da luta, contou ao pai o que se tramava na sombra.

Na manhã seguinte, os sitiantes pediram um armisticio ligeiro. Chamaram com tres toques de trombeta um oficial calvinista ás muralhas. Um saboiano, trepado nos gabiões das trincheiras, gritou-lhe que o conde estava certo da tomada da cidade dentro de vinte e quatro horas e, por isso, afim de poupar vidas e os horrores do saque, declarava aceitar qualquer capitulação honrosa. Dentro em pouco, o clarim dos sitiados, vibrando na frescura do

ar, no alto das ameias, anunciava a resposta. Um alferes de cranequineiros, junto á bandeira branco, que, vagarosamente, já os soldados arriavam, duramente bradou:

— "Diga ao conde de Martigny que Eustaquio de Beauvoisin não se rende!"

Até ás ultimas horas da tarde, os falconetes e colubrinas das muralhas e torres despejaram pedrouços e metralha sobre os trabalhos de aproximação do inimigo, cujas baterias de morteiros e meios-berços cuspiam ferro e fogo sem parar. Balas desgarradas feriam a face azul do lago, levantando espumas. Os écos dos desfiladeiros repetiam as detonações, e em Ferney, em Versoir, os camponios escutavam medrosos e encolhidos o bombardeio de Genebra.

O governador fingira nada saber; porem preparara as melhores tropas, para repelir o ataque, no ponto combinado pela traição. A' noite, o exercito saboiano deu o assalto geral. Martigny precipitou os melhores batalhões sobre as cortinas abandonadas. Nada encontrou. Galgou-as de espada em punho e desceu por uma viela escura, certo de cair nas costas dos calvinistas distraídos com a investida dos outros pontos.

Subitamente, de cada janela, de cada porta, de cada muro, de cada esquina, de cada telhado, o clarão das descargas iluminou a noite. Chovia balas. Deu o sinal de recuar. Um regimento de piqueiros tomou a estreita passagem, murando-a com uma cerca de púas de aço. Quis avançar. Uma massa cerrada de arcabuzeiros e bacamarteiros atacou-o de frente. A corneta soltou as notas de

socorro. Algumas tropas de reserva, paradas do lado de fóra dos muros, tentaram escala-los. Fôram repelidas a metralha. O combate na viela não demorou. Encurralados entre velhos muros e velhos casarões, acometidos pela vanguarda e pelo coice, com uma chuva de balásios a cair constantemente do alto, os saboianos pediram quartel. Martigny entregou a espada ás mãos de Beauvoisin. Pilhas de cadaveres enchiam a betesga. O sangue coagulado avermelhava as pedras da calçada. Mil e oitocentos homens tinham se rendido, depondo mosquetes e chuças, chilfarotes e lansquenetas, morriões. couraças, cantis cheios, embornais com munições de bôca e de batalha.

Uma sortida vigorosa e a nova do desastre, celeremente espalhado, derrotaram o exercito saboiano, que fugiu com perdas enormes.

Alta madrugada, reunido no paço municipal, o conselho de guerra calvinista, impiedoso e fanatico, condenava á forca o general conde de Martigny e os dois felões, marcando a execução para a manhã proxima.

Ao romper o dia, o povo de Genebra apinhou-se nos caminhos de ronda das muralhas, para ver a fuga do exercito saboiano destroçado. Depois, em chusmas grulhantes, faces escaveiradas pelas privações, mas olhos luzindo de contentamento, correu para a grande praça comunal, onde já os mosqueteiros de coletes de couro pardo e morrião demasquinado cercavam os tres pilares de pedra do cadafalso. Em todas as janelas e balcões, avoejavam os véus e gases das mulheres. Os escabinos apareceram a pé, porque seus cavalos tinham sido mortos para alimentar

a tropa. Uma bastarda disparou tres tiros, do angulo da catedral. Lentas colunas de fumo demoraram no ar. E o pregoeiro publico leu a sentença que condemnava a morte infamante o conde de Martigny por violação das leis da guerra conluiando felonias, o capitão Martinho Venais e o tenente Pedro Marcel por traidores á causa sagrada de Deus e da patria.

Alguns alabardeiros impeliram os condenados até o patibulo. Os dois genebrêses vinham de calção e camisa, baraço ao pescoço, cabeça sumida entre os ombros, palidos e tremulos. O saboiano trazia as roupas com que fôra aprisionado e seu desalinho fazia ressaltar melhor a beleza nobre e varonil de seu rosto e de seu busto. As bragas de veludo castanho tinham largas manchas de lama e sangue. Um lenço avermelhado amarrava-lhe a fronte ferida, com as mechas de cabelo em volta queimadas pelo roçar ardente dos pelouros. No peito argentino da couraça brilhava a estrela de ouro de general. A cabeça descoberta erguia-se altiva e os olhos negros fitavam sem pestanejar os aparatos do suplicio, como sempre fitaram de frente a morte nas batalhas.

Maria de Beauvoisin, debruçada, entre amigas e aias, no balcão de honra do paço municipal, reconheceu o seu amante gentil. Êle tambem a viu, mas com um olhar de tão frio despreso que ela quis gritar-lhe de longe, por cima das cabeças ondeantes da população o erro em que laborára. Agitou os braços, a voz prendeu-se-lhe na garganta e caiu como morta, de costas, nos braços das companheiras.

A CAMISA

> "L'histoire ajoute que, ne pouvant supporter qu'avec dépit qu'un homme l'eut vue en chemise, elle fit poignarder le gentilhomme quelque temps aprés".
>
> (P. LAROUSSE, **Dictionaire Universel** — article Chemise).

Guido Rinaldi, cavaleiro moço e de gentil parecer, morava defronte do solar dos Gonzagas, na praça nobre de Fondi. Da sua janela, pela manhã, avistava quasi sempre a princêsa Adelaide, ultimo e solitario rebento da poderosa familia, regando os junquilhos da varanda. Era esguia e clara, com dois grandes olhos castanhos brilhando sob o arco negro das sobrancelhas; havia uma inquietação nervosa no seu andar; as mangas da tunica de sêda, arregaçadas, mostravam o marfim de dois braços admiraveis, entre os quais a morte seria o mais dôce prazer.

Guido Rinaldi, enamorou-se da princêsa e deixou de montear, de caçar fóra de portas com falcão e lebreu, somente para ficar mais tempo contemplando de longe aquela flor, cujo perfume parecia sentir. Mas Adelaide, que após a morte dos pais, vivia numa solidão misteriosa,

fechada naquêle paço gradeado e soturno, logo que notou a insistencia do vizinho nunca mais apareceu.

O gentil cavaleiro prendeu-se com teimosia á janela e só tirava os olhos da varanda deserta, para descança-los, molhados de lagrimas, no azul denso do céu, como se á sua alta e indiferente tranquilidade pedisse paz para a amargura insofrida de sua alma.

Manhãs inteiras, tardes inteiras, ficou debruçado ao peitoril. Tinha esperança que a fixidez do olhar a atraisse a regar os canteiros do balcão deserto e tão triste, depois que não mais voltára. Ficava indiferente ao rosado céu matutino; ao alegre toque de matinas, vibrando no ar; á gente, que passava para a igreja e olhava, curiosa, seu vulto escuro, inclinado em triste atitude.

Almoçar e jantar eram dois suplicios que o seu velho aio lhe impunha. Ia á mesa forçado. Ao sentar-se e trinchar sem vontade uma gorda côxa de capão, lembrava-se que, nêsse espaço de tempo, ela poderia surgir do seu silencioso interior, afim de gosar o panorama da cidade escaldando ao sol. Precisava vê-la. Corria á janela.

O aio seguia-o, conduzia-o novamente e, com afagos, fazia-o sentar-se na séde de couro abrochado, deante das viandas e das bebidas. Mal comia uma febra de carneiro, mal bebia uma taça de vinho claro, lá voltava ao poleiro como o gerifalte escravizado dêsde o ninho não se acostuma a abandonar a alcándora.

Entardecia. O céu ficava de um tom magoado. Um raro brilho difuso banhava os telhados da cidade, cujas ruas escusas desciam para o mar. Velas brancas perdiam-

se no horizonte. Uma aragem fresca agitava o penacho das palmeiras, no jardim do Arcediago. O sino do convento de São Francisco badalava, tristemente, o angelus. E a sua alma mais se velava de sombras, mais se anuviava de penoso cuidado.

Ao deitar-se, um dia, o velho aio aproximou-se do grande leito entalhado, coberto de baldaquinos; e contemplou-o com piedade, esfiando a longa barba branca nos dêdos magros. Tinha sido escudeiro de seu pai, o marquês de Rinaldi, general das galeras do rei da Sicilia, morto num combate contra os irmãos Barbaruiva, grandes piratas barbarescos, nas costas de Argél. Então, o menino, como o aia dizia, ficára só no mundo, porque a mãe morrera havia muito tempo. E fôra êle quem o educara, quem lhe metera na mão a primeira espada, quem o fizéra cavalgar o primeiro ginete, quem lhe ensinara o manejo da lança e o treinamento dos açôres. Amava-o como a um filho e sofria com suas penas silenciosas. Desconfiava do gradeado solar dos Gnozagas. Ali havia alguem que lhe roubára o coração. Mas quem? Uma bela covilheira ou a propria dama, a mui formosa e soberba filha de Hercules Gonzaga, senhor de Fondi e ganfaloneiro de Genova?

Guido não tinha gosto baixo e não se prendia pelos encantos das mulheres do povo. Devia ser pela princêsa o seu amor. Mas tambem essa era já bem maior de trinta anos, embora a fulguração do olhar e a beleza suntuosa não lhe dessem, aparentemente, mais de vinte e cinco. Ainda assim, o seu menino passára ha pouco dos vinte.

Era velha de mais e por demais experiente para êle. Seria, afinal, um máu passo. Tinha o dever de preveni-lo do perigo. Ia falar-lhe. Ia contar-lhe tudo quanto sabia.

Sorrindo, dirigiu-se ao moço já envolto nos finos lençóis, cujo rosto amaciado a frouxa luz da candeia iluminava. Com o seu largo e franco olhar pousado nos olhos languidas de Guido, tremulo e emocionado disse:

— "Meu filho, perdão á minha audacia. Mas sofro muito por ti. Dize-me com franqueza: amas?"

— "Mecio, és como um pai para mim. Por que me perguntas isto?"

— "Por que? Abandonaste todos os teus velhos habitos. Nem sais de casa. Aborrece-te o tumulto das festas e dos mercados. Teu cavalo engorda ocioso e o teu sacre asturiano róe as garras, insofrido e enervado, no poleiro. Montear, passear, cavalgar, esgrimir, percorrer locandas e vielas, com bandurras e amigos, tudo isto esqueceste. Já ninguem te procura. Teus companheiros olvidam-te. Spani mesmo não vem mais aqui, porque não lhe deste o outro dia senão duas palavras. Então, isso é natural?"

— "Só, meu aio?"

— "Não. Meu coração, apesar de velho, adivinha o que se passa no teu. Fala-me!"

— "Pois bem, amo, Mecio, amo loucamente como nunca ninguem amou, nem nas baladas dos provençais, nem nos contos dos florentinos, nem nos romances da Bretanha. Ao pé do meu amor, o de Tristão e Isolda é uma sombra muda. Eu amo demais!"

Calado e apreensivo, o aio ouvia aquela explosão. E o moço, erguendo-se da cama e, correndo com o olhar vago o quarto, parou-o no chão alastrado de tapetes felpudos. Uma irradiação pareceu-lhe clarea-los e, como se ali visse os claros membros da mulher amada, estendeu os braços ansiosos e exclamou, com suspiros de cobiça:

— "O' vem! não me tortures assim! Amo-te acima de tudo, de tudo!"

Ficou extasiado um tempo. Mecio assentou-se á borda do leito e, tomando entre as mãos as dêle, que escaldavam, falou ,paternalmente:

— "Filho, esquece êsse amor; afoga-o em lagrimas; sufoca-o com a cinza da tua saudade; ensopa-o em sangue; mas mata-o pelo amor de Deus! Nasceste de Matteo Rinaldi, marquês e almirante, e da santa Leonor de Benevente, não te podes casar com uma mulher, que, apesar de sair da estirpe vetusta dos Gonzagas, é impura e indigna".

— "Cala-te, Mecio!"

— "Pedôa-me se te faço sofrer, mas não sabes da vida dessa mulher?"

— "Não. Conta-me o que souberes. Escutarei com silenciosa coragem. Conta-me!"

O velho passou as mãos pelos cabelos brancos, lentamente. Depois, com o olhar cheio de ansiedade do rapaz a estudar-lhe a apostura e o gesto, começou a sussurrar como ramas que o vento agita:

— "Adelaide de Gonzaga, depois que os pais morrêram, amou um cavaleiro desconhecido, que apareceu em Fondi, um tipo escuro de arabe, de barba em ponta, negra

com reflexos de fogo. Entrava, á noite, pela porta do jardim, enrolado no manto preto. Saía de madrugada".

— "Quem viu?" bradou Guido, segurando com as tenazes dos dedos crispados o braço ossudo do aio.

—"Eu, meu filho e meu senhor. Eu! E da janela de onde tens espiado longamente essa beleza maldosa, vi-o entrar e vi-o sair. Toda a cidade sabe dessa vergonha e a alma de teu pai, na santa gloria onde está, deve tremer horrorizada ao vêr tua inclinação. Tem coragem, filho, e esmaga a vibora do pecado que se enrosca no teu coração!"

Mecio caiu de joelhos, juntou as mãos e, com lagrimas correndo pelos vincos do rosto, implorou:

— "Pela memoria de teu honrado pai! Pela lembrança de tua santa mãe".

Com a testa empastada de suor e o peito arfando, Guido estendeu os braços. As mãos frementes apertaram a cabeça do aio e êle gemeu:

— "Mecio, perdôa-me! Tudo o que me contaste já sabia. Ouvi tudo, na tasca de Benedetti. da bôca putrida de Luigi Maffio, o condotiere".

Houve um silencio curto e pesado, que pareceu infindavel. A luz da lampada esmorecia; os olhos largos do moço encheram-se de agua. Continuou:

— "Sei mais! Sei que seu amante é um dos Barba-ruivas, creio que o mais moço, talvez o que matou meu pai. Sei que a enganou, fazendo-se passar por um fidalgo calabrês, e ainda vem ao solar de Gonzaga, uma ou outra noite. Está em paz com a Republica, salta da tartana no varadouro do porto, sobe pela ladeira dos judeus".

O velho pôs-se de pé, olhos dilatados, mão tacteando o cabo do punhal. Rugiu.

— "Ah! ainda vem!. . . Mata-lo-ei!"

Levantou os braços; as pupilas ardiam fulgurando; a face farinhenta ficou côr de cereja; e, dirigindo-se imperiosamente ao moço, falou forte e sereno como se recebesse e transmitisse iniludivel, invisivel mandado:

— "Guido! Vingaremos teu pai. Meu punho ainda moço e forte, brandindo um machado, procurou no combate a cabeça de Barbaruiva. O pirata sumira-se. Êle matára teu pai ao pé do castelo de prôa, na hora terrivel da abordagem. Ainda vejo a face morta do meu amo e do meu general, com os olhos esbogalhados, pedindo vingança. E o maldito levou o corpo, pendurou-o enforcado numa antena, insuportavel afronta a um almirante genovês!

Êle, o destemido marinheiro, que vencera nas aguas de Lipari a frota de Cacciadiavolo, livrara as Baleares de Martinguerra e enforcara no láis da verga Pandafilandro aprisionado no Adriatico, ser depois de morto infamado pelo seu vencedor. Nós o vingaremos!"

Guido ergueu-se, caminhou para o velho soldado de braços abertos. A candeia bruxoleava; apagou-se de subito. E, no escuro, ambos se abraçaram, soluçando.

Uma noite, Mecio vigiava o gradeado solar de Gonzaga. O luar dava uma côr dorida ao claro azul do céu. As flôres dos jardins proximos saturavam o ar de perfumes. Da fachada negra da sé, avultando no quadrado luminoso da praça, constantemente voavam morcegos.

O aio divisou um vulto cauteloso, embuçado, caminhando rente ás muralhas sombrias. Atravessou ligeiro o largo, bem visivel no languido clarão da lua. Beirou de vagar o alto muro dos jardins de Adelaide, parou um instante, olhou em derredor com cuidado e empurrou pequena porta sumida sob galhos de hera, desaparecendo na escuridão dos arvoredos.

— "Barbaruiva!" — rosnou o velho e correu ao quarto do amo, que dormia agitado, a cabeça oscilando de quando a quando nos travesseiros, sob a luz da lampada que desfalecia.

Despertou-o, soprando-lhe quasi ao ouvido:

— "Barbaruiva acaba de entrar no solar dos Gonzagas. Lembra-te de teu pai! Vamos!"

O outro pulou, enfiou roupas numa atarantação. Cingiu o cinturão grosso de que pendiam a misericordia e a espada. E ambos, enrolados nas longas capas espanholas, acharam-se dentro de minutos á pequena porta do jardim. Empurraram-na. Cedeu. Entraram sob a abobada escura e húmida de velhos alamos frondosos.

Adeante, a lividez do luar alumiou-lhes o passo por uma aléa de buxos aparados e de cheirosos canteiros de alfazema.

Levavam os sombreiros derrubados sobre os olhos faiscantes. Os passos apressados espantavam as corujas rasteiras, e mergulharam sob as latadas do rosal, tão atentos que nem lhe sentiram sequer o perfume.

Chegaram á escadaria de marmore branco do portico. As portas de carvalho polido com ferragens ornamentais

estavam fechadas. Deram a volta do casarão. Grades fortes impediam as janelas. Era impossivel entrar.

— "Esperemos á sombra quieta do rosal até amanhecer, aconselhou o aio".

— "Não tenho paciencia. Enquanto o espero, êle gosa as caricias da mulher que amo. Não! Preciso entrar".

Mecio levantou os olhos ao céu salpicado de ouro. Sobre um balcão do sobrado caia um galho de arvore. Pelas fendas da janela passavam fios de luz. Indicou-o ao companheiro, que logo ordenou com pressa:

— "Guarda a saída de espada em punho! Encarrego-me do resto".

Largou a rapieira, subiu pelo tronco até ao ramo e cavalgou-o. Estendeu o corpo para deante, alcançou com as mãos o peitoril e soltou-se do galho. Ficou suspenso no espaço. Um momento arranhou com os pés os silhares de granito. Por fim, a ponta do sapato encontrou uma frincha. Apoiou-se, meteu obmros aos batentes que se abriram com fragor e achou-se na camera.

Em baixo, nas sombras do jardim, um ou outro raio do luar coado pelas ramarias brincava na fôlha nua da espada de Mecio, cujos olhos o seguiam ansiosamente.

Era um vasto aposento, com rico mobiliario esculpido, razes pelas paredes e um amplo leito de docél doirado, cheio de brazões e de corôas de principe. A' luz duma candeia de tres bicos clareava-o todo. Sómente no alto tecto enflorado de esculturas se adensavam sombras. Ao ruido do arrombamento, saltou da cama envolto na simarra caseira de ramagens, o maior pirata do Mediterraneo. Já

a mão segurava a adaga escondida sob o travesseiro e os olhos raiados de sangue afuzilavam como pupilas dum tigre no cio. Rugiu imprecações e atirou-se ao Rinaldi. O bulhão florentino do italiano aparou o golpe no ar. As laminas flexiveis chocaram-se, faiscando.

Entrementes, um vulto de mulher se encolhia debaixo dos lençóis. Guido mal lhe deu um olhar. O adversario tomava-lhe toda a atenção. Lutaram ambos destra e silenciosamente. Mas a leveza do rapaz começou a levar de vencida a força bruta do argelino, que recuava. Os seus calcanhares tocaram no escabelo, quis desviar-se e perdeu a defesa. A misericordia de Guido Rinaldi lampejou, descreveu uma curva e sumiu-se-lhe na garganta.

Barbaruiva caiu. Um jacto de sangue molhou a parede. O outro ajoelhou-se e disse-lhe ao ouvido, cruelmente:

— "Sou o filho de Matteo Rinaldi!"

Os olhos espantados do ferido lentamente se fecharam; o corpo estremeceu; o sangue cessou de correr: e veiu a immobilidade.

Guido chegou-se ao leito e, com um puxão brusco, arrancou a coberta rica e o alvo lençol de linho. Appareceu-lhe, encolhida de terror, inteiramente núa, a mais bela mulher que seus olhos tinham visto. Era toda alva como uma estatua grega e toda finamente modelada. Havia um tom quente e de insidiosa sensualidade em sua divina brancura. Os amplos cabelos escuros desnastrados enchiam as almofadas. E sobre a beleza do seu rosto descia a sombra aveludada das compridas pestanas.

Aturdido, o fidalgo soltou um grito e caiu de joelhos:

— "Perdão! Perdão!" balbuciou. —

Ela procurou cobrir-se. Estendeu as mãos para a camisa de rendas finas, esquecida á borda do leito. Guido tomou-a nas suas, beijando a bretanha macia. suplicando ainda perdão, um olhar, uma promessa. Enfuriada e assombrada, Adelaide escondeu-se do outro lado da cama. Quis perseguil-a. Ela conseguiu apanhar o lençol, envolveu-se nêle, correu á porta que dava para o interior, escancarou-a e fugiu, bradando por soccorro.

Um tumulto encheu o velho solar. Criados da cavalariça, copeiros, varletes corriam armados de páus e adagas pelos corredores. Rumores de luta vinham do jardim. O cavaleiro enrolou no braço a camisa rendada, ainda quente do calor daquêle amado corpo, embainhou o bulhão sangrento e galgou o ramo de olaia, por onde começou a descer. Uma chusma de servos com fachos e armas encheu logo após a camera. Uns ergueram o cadaver, depuseram-no sobre os lençóis desfeitos. Outros espalharam-se, ululando, pelos corredores e pelo parque.

Ao pisar o solo, o moço viu, entre os corpos de tres criados, Mecio morto, banhado em sangue. Lagrimas encheram-lhe os olhos. Olhou em derredor, procurando adversarios.

Os fachos brilhavam ao longe, entre os teixos e á sombra das faias, perto das estrebarias. Pôs ás costas o velho morto e ganhou, lentamente, a pequena porta.

O corpo de Barbaruiva foi sepultado no jardim da amante e quasi nada de tão grande escandalo, devido á discreção dos afeiçoados servos, transpirou na cidade.

Mas todos os da casa reconheceram o velho aio e no coração da orgulhosa senhora entrou um odio mortal contra aquêle que desvendara o segredo da sua alcôva e o misterio do seu corpo, apunhalando-lhe o amante aos pés do leito, dentro do seu antigo e nobre palacio.

Havia de pagar-lhe; mas onde andava nêsse longo, tenebroso inverno, logo chegado e custoso de acabar, que ninguem o via? Teria saído de Fondi? Na volta da primavera, começou a vir á varanda regar os junquilhos abandonados. Era ela agora quem olhava horas seguidas, remoendo a sua sêde de vingança, as gelosias fechadas da casa fronteira. Não havia ali nem criados de quem os seus pudessem indagar noticias. Certamente, Guido viajava ou se divertia no castelo dum amigo, cheio de alegria o coração por ter morto o vencedor do pai. O seu coração tambem um dia haveria de jubilar-se, vingando o amante morto, o homem forte e sensual de que a sua carne sentia constante saudade.

No entanto, o moço gentil enlanguescia murado nos aposentos escuros, em companhia de livros e espiando constantemente, pelas reixas, a mulher amada. Cada vez era maior a sua paixão. Espreguiçava-se, enervado, o dia inteiro. Somente saía alta noite; ia alimentar-se nas tabernas fumarentas do porto e errar pelas ruas tortuosas e desertas até amanhecer.

Cansada de vigiar e de nada saber, a vingativa mulher tornou-se nervosa e impaciente. Ah! moço cavaleiro, se ela pudesse, faria um braço de homem cravar-lhe na garganta o punhal como êle o cravara no seu amante Barbaruiva!

Uma noite, não podendo dormir, postou-se no balcão. Fazia luar e a brisa noturna trazia o perfume das violetas que cobriam os vales. Viu, surpresa, abrir-se a porta da casa de Guido e êste sair envolto na capa espanhola, mão no punho da espada, pluma negra do amplo sombreiro flutuando.

Teve um sorriso maldoso, escondeu-se na sombra do portal e acompanhou-lhe o vulto até que se sumiu na primeira esquina para o lado do mar.

Tinha a certeza agora do seu paradeiro. Guido Rinaldi estava em Fondi. Foi deitar-se, antegozando a vingança, e dormiu.

Alguns dias depois, pela manhã, êle encontrava debaixo da porta de casa um pergaminho dobrado, que rezava assim:

— "Meu senhor. Ha muito que notara a vossa mocidade formosa, porém somente o áto de coragem praticado naquela noite em que mataste o algoz da minha honra, o meu infame sedutor, revelou ao meu coração que êle já vos amava tanto quanto os meus olhos gostavam de vêr-vos. Perdoai e esquecei o meu terror nessa horrivel ocasião; vinde, á noite, aos meus braços ansiosos. O caminho não vo-lo ensino, porque bem o sabeis já. Toda vossa. **Adelaide**".

Foi sem limites a sua alegria. Ela, que julgava amante feliz do pirata, era, então, uma vitima da sedução, mantida pelo terror? Sentia que o seu amor e o seu desejo acordavam ainda maiores do que dantes. Como custou a passar o longo dia!

Noite alta, transpôs a pequena porta. Atravessou, silenciosamente, a sombra dos álamos e o perfume quente do rosal. A lua clareou outra vez o seu vulto, na escadaria de marmore. Estava triunfante e audaz. Empurrou uma das portas. O batente abriu-se. Da escuridão um braço distendeu-se, rapido como uma mola, iluminado pelo brilho duma lamina. Quis recuar. Não teve tempo. A adaga enterrou-se-lhe na garganta. Tombou de costas nos degraus e rolou até ao saibro da alameda, escabujando como lobo ferido num capinzal, rasgando com as mãos na furia da dôr o veludo grosso do gibão. Morreu num lago de sangue, que ensopava a areia, a cabeça pousada sobre um canteiro de giestas côr de ouro.

De manhã, sozinha, Adelaide de Gonzaga veiu olhar sua obra de vingança, labios vincados num sorriso, olhos sumidos em olheiras rôxas. Levantou a cauda roçagante para a não sujar no sangue da alamêda e chegou junto ao cadaver. O rosto côr de cêra guardava na imovel placidez da morte seus belos traços; as mãos crispadas apertavam farrapos de veludo.

A princeza olhou-o um instante e logo se abaixou espantada, abriu com as alvas mãos a fazenda do colete. Então, reconheceu vestida naquêle corpo a fina camisa

de rendas que êle apanhára no seu quarto, na noite em que matára o pirata.

Fez-se luz no seu espirito. Nem só a vingança armara o braço daquêle moço! Recordou os seus insistentes olhares quando regava os canteiros da varanda. Guido Rinaldi amava-a. Mais por êsse amor do que para vingar o pai, apunhalara Barbaruiva. Suas palpebras humedeceram-se e uma lagrima quente caiu sobre a face livida do cadaver.

PAGANISMO PAPAL

"Sei melhor do que vós o que tenho a fazer replicou o papa; sabei que homens unicos na sua profissão como Benvenuto não podem estar sujeitos ás leis comuns e êle menos do que qualquer outro".

(BENEVENUTO CELLINI — **Memorias**).

De manhã, num gabinete particular do Vaticano, com bufetes arabescados e altas cadeiras de espaldar lavrado, estavam reunidos tres homens. A luz do dia entrava por duas largas janelas, clareando vasos de bronze. tapeçarias e quadros. A riqueza dos personagens casava-se ao luxo artistico da peça. Um dêsses homens, sentado perto de uma grande mêsa, coberto pelo pluvial rôxo de sêda oriental, agitava continuamente a mão macia e fina em que reluziam joias. Era o cardeal Farnése, recentemente eleito papa. O outro trazia sobre o peito do gibão de veludo negro a chave dourada de camarista, sorrindo sempre com a face larga e corada. O terceiro, alto e gordo. de pé, cruzava as mãos sobre o ventre enorme, amostrando, bordadas a ouro do lado do coração. as armas papais.

Curvando-se para a mêsa, o papa examinava algumas medalhas de ouro, diminutas e finamente gravadas, que haviam sido de seu antecessor Clemente VII; examinava-as detidamente, com enlevo mesmo, quando a voz grossa dum lacaio, que levantava o reposteiro de damasco vermelho da porta, anunciou:

— "Messer Pier Carnesechi!"

Um homem magro, sumido nas dobras de escura samarra, fez grande reverencia e logo se sumiu, se apagou a um canto, junto de alto armario esculpido. O papa não o olhou: continuou o meticuloso e agradavel estudo das medalhas. Levantou-se de repente com uma na mão, levou-a á luz das janelas e não se conteve, falou alto:

— "Linda! Nunca os antigos tiveram medalhas assim. Êste Moisés ferindo o rochedo, esta divisa **Ut bibat populo** são dum relevo verdadeiramente divino".

Voltou-se para o sujeito da chave dourada e perguntou:

— "Tens certeza de que foi Benvenuto Cellini quem as cunhou para sua santidade Clemente VII, que Deus haja, messer Latino Giovenale?"

O camarista, após profunda e longa mesura, respondeu:

— "Saiba Sua Santidade que sim. Vi-o muitas vezes trabalhar e sou testemunha do bem que lhe queria o santo padre Clemente. Ao morrer, pediu a fra Mariano, que o assistia, fôsse buscar essa medalha do Moisés. Seus olhos embaciados, moribundos, já nada mais viam. Apalpava com os dedos tremulos as belezas do cunho e

as lagrimas corriam-lhe pela face palida. Sua Santidade morreu assim! Até sua eminencia reverendissima o cardeal de Medicis disse umas palavras de pouca religião...

Messer Pier Carneschi, silencioso, limpou uma lagrima. Paulo III indagou com curiosidade:

— "Que disse sua senhoria o cardeal de Medicis?"

— "Que os papas, perdôe-me Sua Santidade o repeti-las, estavam se tornando pagãos: amavam mais a arte do que a Deus".

O papa fez um lento sorriso, que lhe iluminou a face magra sob a basta corôa de cabelos grisalhos e afirmou:

— "Deus é o autor de tudo o que é belo. Amar o belo é tambem uma fórma de render culto a Deus".

A voz grossa do reposteiro de novo se fez ouvir:

— "O abade Froli, messer Benedetto de Cagli e messer Converino da Pistoia!"

Paulo III coçou a cabeça, acrescentou sorrindo:

— "De mãos dadas, meu secretario, meu juiz criminal e sua excelencia o governador de Roma".

O abade era um homem mediano e esguio, tendo qualquer cousa de raposa e de fuinha na fisionomia afilada, nos olhos que pareciam muito perto do nariz. O juiz, pequenino e moreno, com um rosto de morcego sobre os ombros sumidos de corvo, enrolava-se numa capa preta á espanhola, á cuja sombra alumiava o cabo filetado de prata do punhal. O governador tinha uma majestade berrante no largo carão de longos bigodes e nos ademanes espalhafatosos, arrastando a ponta de ouro da bainha da espada sobre os ricos mosaicos do chão.

Paulo III assentou-se, estendeu-lhes os pés calçados de sandalias crucigiadas de ouro. Os tres ajoelharam-se e beijaram-nos com fervor. A um sinal do pontifice, o padre falou:

— "Tenho que dar contas á Vossa Santidade de importantes negocios da Curia".

Paulo III fez um gesto de enfado. O outro fez que o não percebia, e, sutil, cauteloso, continuou:

— "O bispo de Tessalonica e o arcebispo de Lisbôa..."

— "Detende-vos pelo amor de Deus. senhor abade!" interrompeu Paulo III". "Deixai para outra vez a exposição, ou melhor resolvei-la como entenderdes fôr de justiça. Ainda tenho de aturar os relatorios dos senhores juiz e governador, para ter tempo de saber as bôas novas de arte que me traz ali messer Pier Carnesechi sobre uma verdadeira estatua grega encontrada em Ostia e uns frescos do divino Sandro Botticcelli. Acabo de vêr medalhas lindas de Cellini, é-me impossivel suportar arengas eclesiasticas e canonicas, reclamações de bispos e que sei mais, meu Deus!"

O abade saúdou reverentemente e saiu, mordendo os beiços com despeito. Sua Santidade voltou-se para o juiz criminal:

— "Falai, messer Benedetto de Cagli e aviai-vos".

O outro estendeu-lhe nas pontas dos dêdos um pergaminho com sêlos, grunhindo, todo curvado:

— "Nada tenho a relatar, felizmente, para Vossa Santidade. Trago somente para que vos digneis assina-la a

sentença de morte do **bravo** Luigi Salvati, o que matou e roubou Hans Haseneck, capitão dos suissos do Vaticano".

— "Ah! exclamou o santo padre, molhando num vasto tinteiro de ouro macisso a grossa pena de pato. Depois, rubricou o pergaminho e devolveu-o.

Seus olhos claros detiveram-se na face rubicunda do governador. Êste trocou com o juiz um ligeiro sinal, avançou, fez longa mesura e disse:

— "Trago aqui, para que Vossa Santidade assine, a ordem de prisão e enforcamento imediato dum assassino, que, depois de apunhalar á porta duma botica, no quarteirão de Banchi, o grande ourives milanês Pompeo, protegido por Vossa Santidade, se refugiou em casa do cardeal Cornaro".

Tirou logo um pergaminho bulado da escarcela e entregou-o ao pontifice. Paulo III antes de rubrica-lo perguntou:

— "Como se chama o matador?"

Messer Converino baixou a cabeça, confuso. Messer Benedetto empalideceu. A voz fanhosa ainda não ouvida do homem gordo, que tinha as armas papais ao peito, respondeu:

— "Benvenuto Cellini".

O papa, espantado, pôs-se de pé. Sua voz ecoou mais forte na pequena sala.

— "Que me diz, messer Ambrogio?! O autor destas medalhas, o grande artista do seculo, o meu futuro e unico cunhador de moedas, o homem a quem um papa

que ame o belo tem o dever de favorecer e prestigiar, messer Ambrogio?"

O gordo consultou com um olhar os dois magistrados e retorquiu:

— "Sim, santo padre. Apesar de amigo do assassinado, creio poder falar sem paixão. Benvenuto é um homem de talento, porem desordeiro contumaz e assassino terrivel. Não é a primeira vez que seu punhal se banha em sangue. Nem ficaria bem a Vossa Santidade perdoar tão grande criminoso logo nos primeiros dias de seu pontificado. Vossa Santidade condenou hoje um homem por igual crime, não deve perdoar o outro".

Paulo III amarrotou a sentença nas mão tremulas, indeciso. O camarista pediu-lhe licença para falar e disse:

— "Benvenuto não matou para roubar nem por ser um criminoso comum, Santo Padre. Ha uma grande diferença entre os dois crimes. Ha muito tempo, Pompeo intrigava-o na Côrte, insultava-o, provocava-o. Fui testemunha disso varias vezes com outros bons cavaleiros de Roma, entre os quais Albertacio del Bene, que, na vespera do crime, quis até impedir Pompeo de injuriar o outro. Ademais. êsse ourives só andava cercado de esbirros e de **bravi**. Depois do crime, os cardeais de Medicis e Cornaro disputaram o direito e a honra de asilar o assassino. Já vê Vossa Santidade que o crime não é o mêsmo nem é um crime abjeto, vergonhoso ou comum".

O papa sorriu, lentamente rasgou em quatro o pergaminho. deixando os pedaços cairem um a um sobre a

mêsa. Olhou o governador e o juiz severamente e falou, dirigindo-se ao camarista:

— "Obrigado, messer Latino Giovenale. De hoje em deante, Benvenuto pertence á minha casa e é meu amigo. Quem lhe tocar dar-me-á contas. Defendo-o, porque não conheço no mundo artista igual. Quando Deus dá a um homem um talento unico, coloca-o acima das leis humanas e, ás vezes, das proprias leis divinas. Benvenuto está nêste caso e não póde e não deve ser submetido ás mêsmas leis que qualquer habitante de Roma. Além disso, se morresse na forca ou na prisão, eu nunca poderia ter moedas tão belas quanto as do meu antecessor Clemente VII..."

Fez um gesto lento com a mão e acrescentou:

— "Podeis ir, meus senhores. Ficai, messer Pier Carnesechi".

Todos curvaram-se respeitosamente e sairam. O papa adeantou-se para o magro sugeito da samarra escura, pôs-lhe o braço em volta do pescoço, familiarmente o levou a uma galeria que dava para o atrio ensolado do palacio, onde roseiras grimpavam no varandim de ferro caprichosamente retorcido, dizendo-lhe com volubilidade e alegria:

— "Fale-me, agora que estamos sós, messer Pier Carnesechi, dessa estatua grega, de perfeita nudez, encontrada em Ostia".

E o rumor vagaroso dos passos e o sussurro alegre da conversa perderam-se no claro pateo do Vaticano.

NA ÉRA DOS DESCOBRIMENTOS

ANTROPOFAGOS

"Water, water, everywhere
And all the boards did shrink;
Water, water, everywhere,
Nor any drop to drink".
(SAMUEL TAYLOR COLERIDGE — **The rime of the ancient mariner**).

A caravela do piloto João de Barcelos deixara em março a foz do Tejo, buscando o misterioso caminho das Indias, que uma frota portuguêsa encontrara para morte da riqueza veneziana. Estava-se já no fim de julho e o pequeno navio andava á matroca ao largo das costas africanas.

Na altura das Canarias, um furacão levou-o para o ocidente, para os lados onde, diziam, Pedro Alvares Cabral, almirante do rei afortunado, achara uma terra nova, imensa e rica. O vento rompera-lhe as velas quadradas gáveas, traquetes, gatas e mesena com as suas cruzes da ordem de Cristo pintadas a vermelhão; quebrara-lhe vergas e mastaréus; derrubara-lhe mêsmo um dos tres mastros. Ao açoite do temporal correrá até o mar de sargaço, onde prôa e leme se prendiam em galhadas e balsas de algas e de liquens. E um novo vendaval o sur-

preendera quando os tripulantes tentavam recompôr o aparelho, tangendo-o velozmente, doidamente, para os lados da Guiné. Toda a mastreação gemia; todo o cordame retezado assobiava. João de Barcelos aguentava o leme, dava ordens curtas, breves, sacudidas, duras, deixando o barco vogar em arvore sêca. Vagalhões quebravam-se á meia-náu, borrifando de espuma os cestos de gávea, inundando o convês, levando os varandins dos castelos, desgrudando taboas no chapitéu.

Ao avistar a costa africana, numa clara manhã, com a tempestade asserenada, a tripulação cheia de fadiga, caiu de joelhos, dando graças a Deus, á Senhora dos Navegantes, á Virgem do Restelo, de quem fôra devoto o Senhor dom João II. Mas nem duas horas tivera de treguas já o aquilão refrescava, ia enfuriando-se, despeiado, vergastando o mar, onde as rabanadas de chuva caíam de chofre em toalhas prateadas. As ondas corriam, atropelavam-se delirantemente, enristavam as cristas espumejantes, epileticas, vinham bater nas amuradas com um som cavo, rompendo-as, carregando rolos de cabo de linho, sapatas de madeira, pedaços de enxarcia com bigotas e enfrechates de ferro, até mêsmo homens que se debatiam aos uivos.

A caravela fugiu, assim, para o sul e de lá a trouxe, em nova corrida doidejante, outra tempestade. Não tinha mais gurupés, cevadeira e pica-peixe. Dos mastros havia só os troncos já sem ovéns e sem brandais. Começava a fazer agua, lentamente.

Em tão tristes condições, a calmaria prendeu-a no vasto mar, sob a imensidão azul do céu, muito longe de qualquer terra habitada, sem esperança de salvamento.

Dos dezoito homens da tripulação, marujos portuguêses rudes e valentes, árdidos de sol, capazes de todas as proezas, unicamente sobravam treze, emaciados e emagrecidos, guardando no olhar inquieto o espanto dos temporais e o brilho fugaz das faiscas eletricas, que rasgavam as trevas ululantes, onde o vento duelava com o mar. E todos êles afirmavam que uma má sorte caira sobre a embarcação dêsde que deixara as aguas de Lisbôa. Nem era possivel de outro modo explicar aquela teimosa sucessão de tormentas, com o remate da calmaria pôdre, peor que todas elas.

Quando o vento os levava por cima das vagas formidaveis, havia a esperança duma morte breve e sem sofrimento, sumindo-se todos no abismo ou espatifando-se de encontro aos arrecifes.

Agora era amarga a perspectiva. Só poderiam morrer vagarosamente de fome e de sêde. A agua e as provisões tinham acabado. Os olhos ansiosos dos marinheiros passeavam pelo horizonte á procura duma véla. Porém de onde viria, se não soprava a menor aragem?

Alguns passeavam impacientes, crispando punhos; outros deitavam-se aqui e ali, grunhindo, gemendo. João de Barcelos, antigo marujo de Côrte Real e piloto de Paulo da Gama, velho lobo do mar costumeiro a afrontar todos os perigos, com a sua barba branca, tão branca como as espumas das tempestades, esfiada entre os de-

dos, guardava discreta atitude, sentado junto ao leme. Mestre Vicenço, o cozinheiro, de braços cruzados, mostrava na cara larga e descorada um fundo vinco de preocupação.

Passaram-se assim. nessa horrivel espectativa, entre medonhas torturas, tres longos, inacabaveis dias, em que parecia que o sol se imobilizava perversamente no espaço.

O suplicio da sêde era peor que o da fome. Era infernalmente tantalico. Viam agua por toda a parte, dêsde seus pés até os confins do horizonte, rodeando-os, e não podiam bebê-la! Alguns levavam-n'a á bôca e cuspiam, vomitavam em sêco, contorcionando os rostos, feiamente. Muitos urinavam num barrilete, deixavam o liquido esfriar, tentavam traga-lo. Repeliam-n'o careteando e, de bruços sobre o taboado, choravam horas inteiras.

No fim do quarto dia, Pero Coelho, um marujo de Sagres, acomodou-se de costas, abriu os braços e, olhando o céu escuro, já estrelado, morreu. Na manhã seguinte, mais dois cadaveres estiravam-se no convés. Os três fôram lançados ao mar. Ficaram boiando ali perto, com os olhos vidrados bem abertos, rodeados de peixes que os beliscavam. Ao aproximar-se a tarde, novamente tres mortos se estendiam sobre o navio. Tambem os vivos, imoveis e palidos, bem pouca diferença dêles faziam.

Ao entrar da noite, o piloto notou que fiapos de corda presos ao mastro grande começavam a agitar-se. Era vento! Dentro em pouco, a brisa soprava de leste, fraca, inconstante. Foi aumentando e trazendo nuvens negras, que tapavam o alto e claro luzir das constelações.

Sobre o mar acendiam-se os olhos do Santelmo. Tarde já, caíu denso aguaceiro.

Então, uma alegre esperança de vida reanimou os famintos do navio, até os moribundos, que se voltavam de papo para o ar, abriam a bôca, recebendo a frescura da agua. Os pilotos e o cozinheiro, mais fortes e mais lepidos, enchiam barris, baldes, ôdres, guardavam-n'os na camera. Os demais molhavam panos, espremiam-nos nos labios ou bebiam de bruços, aos gorgolejos, nas poças do taboado.

Entretanto, quando raiou a manhã, mitigada a sêde feroz, sentiram como que mais fortes as púas da fome. Uns rugiam como feras, outros rondavam, lentos, sinistros, horrivelmente silenciosos, os cadaveres dos companheiros mortos. João de Barcelos e o mestre-cuca conversavam baixo, á prôa. O céu estava radioso e limpido. O vento levava a caravela para o ocidente, sem rumo, tocando-a de vagarinho sobre o calmo espelho do mar.

Mais ou menos quando a altura do sol indicava nove horas da manhã, a antiga hora do almoço de bordo, badalou no castelo de ré a sineta costumeira, que havia mêses ninguem ouvia. Todos se alevantaram com espanto, com estranha surpresa e entraram no alojamento da marinhagem, onde sôbre a mêsa tosca se alinhavam picheis de estanho com agua e gamelas de madeira vasias. O piloto sentou-se naturalmente á cabeceira; os outros, em seus lugares habituais. E o mestre cuca serviu a cada qual uma bôa posta de carne assada na grelha!

Os marinheiros entreolharam-se com lagrimas nos olhos inflamados, baixaram a cabeça sobre os pratos e comeram, devoraram em silencio aquela carne tenra, branca, adocicada. Desde êsse dia a sineta badalou regularmente, como outrora, á hora da refeição...

Quando a náu de Bartolomeu Martins, de volta de Malaca, encontrou ao largo do Cabo Tormentoso a perdida caravela portuguêsa, havia a bordo somente tres homens: João de Barcelos, mestre Vicenço e um gageiro, todos tres sem dentes, roídos pelo escorbuto, completamente loucos. Trazidos para a náu, repeliram as bolachas que lhes ofereciam, pedindo em altos berros carne de gente!

A SALOMÉ DO SERTÃO

> "O esqueleto decapitado do funebre encontro de Diamantina deve ser o da formosa Judit, pois afirma uma obscura tradição local que Xica da Silva conservava a cabeça da inditosa vitima do seu ciume".
>
> (T. S. art.º na **Pacotilha** — Maranhão, 1912).

A cidade do Tijuco era nêsse tempo ainda um acampamento de mineiros, de faiscadores e de bandeirantes. com as suas barracas e casinholas esparsas na lombada dos serrotes, á beira do rio barrento. Rodeavam-n'a por todos os lados garimpos e grupiáras. A sua população adventicia, ambiciosa e feroz só falava em ouro, diamantès, punhaladas, entradas ao sertão, guerras de corso aos indios, para escravisa-los ou pelo simples prazer da caçada. A administração da metropole punha mãos de ferro ao pescoço da gente sertaneja desenfreada e rebelde; mas a força da raça que mineirava e bandeirava, constituindo o Brasil geograficamente, explorando-o em todos os sentidos, através de perigos terriveis, raça de mestiços e de lutadores, que avassalavam terra e mar para o rei português, erguia o colo impávido e fazia o que entendia.

Como acontece em todos os países de aventura e de fortuna facil, onde os homens se acampam só para tirar riqueza, sem amor á terra e sem o desejo de morar, as paixões e os vicios eram delirantes, freneticos, irresistiveis. Jogava-se com loucura em baiúcas ignobeis dirigidas por judeus emigrados do reino. Bebia-se terrivelmente. Matava-se á menor rixa. Combinavam-se contrabandos ás barbas das autoridades, quasi sempre cumplices. E possuiam-se as mulheres por violencia ou por compra, a peso de ouro.

Nessa sociedade adventicia, colonial, bandeirante, sem escrúpulos, tinha fóros de grandeza e o maior prestigio possivel o português João Fernandes de Oliveira, algarvio côr de mouro, baixo e grosso, de instintos bestiais, enriquecido no negocio das minas, não só por felicidades inesperadas nas suas concessões de mineração, como por fraudes na execução do contrato com o governo e contrabandos passados de conivencia com um aladroado ouvidor e um patife capitão mór, que ali tinham exercido suas funções de sanguesugas alguns tempos atrás.

O contratador João Fernandes era respeitado por sua influencia e riqueza, mas criticado pela gente melhor da povoação devido ao seu gosto baixo, ás suas maneiras brutais, á sua mania de arrotar impafia por toda a parte, com ou sem razão.

Uma feita, fôra a uma ceia de Natal na fazenda de Gaspar Carrilho, velho chefe de bandeiras paulistas, que varára sertões e cordilheiras, vadeára paranás e igarapés, dêsde as Missões Espanholas á serra dos Martirios, e, ado-

entado, enriquecido, cheio de familia, se fixara no Tijuco, vivendo, no entanto, afastado da vida tumultuosa da vila. Antes de ir para a mêsa, um dos filhos do fazendeiro convidara-o a assistir o grande batuque que os negros faziam na senzala, ao qual viriam escravos das fazendas da redondeza, com licença de seus senhores.

Ao meio de um pateo atijolado, onde fumegavam fogueiras e fachos, á frente duma fileira de casinholas caiadas de branco, realizava-se o batuque. Acocorados a um canto, careteando, com tregeitos exquisitos, dois negros velhos, da Outra-Banda, que ainda não sabiam a lingua da terra em que trabalhavam, tocavam em pandeiros rudes uma especie de baião primitivo, repisado, hieratico, selvagem e ao mesmo tempo, duma barbara sensualidade. E, ao som dêsses instrumentos africanos, negros e negras, mulatos e mulatas, curibocas e cafuses, em promiscuidade, dansavam lentamente, fetichisticamente, farandolando á luz crúa das fogueiras.

Cantava um com voz soturna qualquer cousa que se não entendia bem e os outros todos, em côro, repetiam um estribilho, em que já o dialeto da Guiné ou de Angola se misturava a palavras da lingua forte, maritima e militar, dos lusitanos:

— Olêlê, vira moenda!

— Olêlê, vira moenda!

De repente, a ronda escura se apartou em duas teorias, que quasi pararam, ficaram alinhadas, sapateando. E, no espaço que entre elas medeou, uma mulata clara, de saia branca engomada, cabeção de rendas, que os

bicos duros dos peitos apunhalavam, começou a dansar sozinha, sensualmente rebolando os quadris e gemendo devagarinho.

Os olhos acinzentados do contratador faiscaram como os dos gatos á noite. Um fremito de desejo percorreu-lhe o corpo e êle perguntou ao rapazinho:

— "Quem é aquela mulatinha?"

O filho do bandeirante sorriu maldosamente e respondeu:

— "A Xica da Silva, escrava do padre Rolim, que sabe lêr e escrever, é inteligente e tem feito andar á roda a cabeça de muita gente bôa. Mas ninguem consegue nada..."

O português não deu uma palavra ali, nem durante a ceia, e recolheu preocupado á sua casa.

O delirio da Africa foi a molestia que matou Portugal. A sêde de navegação e de conquista despovoou-o. As guerras de Ceuta e Tanger arruinaram-no. Nos areais marroquinos fôram aprisionados infantes da casa real e lá se travára a batalha em que se perderam, com o rei, a liberdade e o futuro da nação. A alma portuguêsa ansiava pela Africa e era talvez ainda o atavismo dessa ansia, dêsse desvairo, que impelia para os braços das negras os rudes lusitanos que colonizavam o Brasil.

João Fernandes não resistiu á molestia ancestral. Comprou por bons ducados ao padre Rolim a mulata dansarina. Deu-lhe casa, luxo, joias, carta de alforria, escravas. Amancebou-se publicamente. Andava satisfeito. Seus negocios prosperavam. A Xica era dedicada, eco-

nomica, trabalhadora e tão ambiciosa quanto êle. Seus genios davam-se bem. Só lhes faltavam filhos, para que tivessem felicidade completa.

Foi quando apareceu, mercadejando joias no Tijuco, o "judeu de rabo" Isaias Mafra, com duas mucamas e uma filha perfumosa e linda, qual nunca se vira naquela revolta sociedade de aventuras. Chamava-se Judit, tinha os olhos e cabelos escuros como uma noite tempestuosa e a face tão clara e macia como um céu enluarado. Havia languidos requebros orientais no seu corpo harmonioso e uma preguiça sensual em cada um de seus menores movimentos.

O português viu-a, na propria casa do pai, onde fôra combinar uma venda de topazios. Havia quatro anos morava com a mulata do batuque. Contentara já mais ou menos o seu delirio da Africa. E a frescura volutuosa daquela flôr de Israel penetrou-lhe profundamente.

Com astucia e pertinacia, untando de ouro as mãos das mucamas, conseguiu dela alguma acolhida e simpatia. Por fim, conhecendo bem o carater interesseiro e infame do pai, comprou-a como peça de fazenda ou mólho de pepitas auriferas.

Logo, no alvoroço da paixão e na ansia do desejo, a levou entre mimos e promessas para uma fazendola perto do Tijuco, deixando-a á guarda duma velha negra, a quem acenara com a alforria. E andava sorridente, apregoando com o rosto corado e sem rugas a felicidade daquela conquista amavel feita aos quarenta anos, quando já nas temporas se amontoavam cabelos brancos.

Mal sabia o iludido contratador que a filha honesta e querida do judeu era uma judia de baixa condição, tirada pelo esperto Isaias duma viela da Alfama, para servir aos seus planos e ganhar com êle, a meias, o dinheiro dos mineiros petulantes e tôlos.

A mulata soube por portas travessas da infidelidade do amigo e seus ciumes tropicais quasi a sufocaram de raiva. Tinha no sangue, misturados, o odio dos brancos aos roubadores de amor e a ardencia africana, cujo cio é mais forte do que o dos chacais e dos simios. Toda aquela quentura que o português tanto adorava nos brinquedos noturnos do leito se transmudou num zelo de besta-fera, num egoismo tigrino pelo ente amado, que queria só seu, sem partilha com outra, quanto mais com outra que era mais bela e sobretudo branca!

Ensaiou retê-lo pelos proprios atrativos. Dansou á sua frente núa, com os mesmos reboleios da senzala: enroscou-se ao seu corpo como a sucurí se enrola ao touro descuidoso; alisou-lhe as faces com as mãos errantes, maciamente; ofereceu-se toda com a pôlpa dos labios aberta como uma rosa e rescendendo a baunilha e a ortelã. Êle afastou-a e foi dormir na fazendola.

Então, ao outro dia caíu de joelhos a seus pés, suplicou, chorou. Êle levantou-se e ia saír. Não se conteve. Barrou-lhe o caminho. E todo o seu odio feroz, acumulado, delirante, explodiu:

— "Não irás mais á casa da judia, João!"

O português perguntou surpreso:

— "Por que?"

— "Porque não quero!"

— "Sái, Francisca, senão te arrependes!" bradou raivoso.

Ela sorriu e, dominando-se, ameaçou-o:

— "Cuidado! Roubei de tua gaveta as cartas do ouvidor Martins e outras provas das tuas roubalheiras e dos teus contrabandos. Se fôres ainda á casa daquela mulher, denuncio-te!"

Seu corpo tremia. A voz rouquejava. Êle olhava-a em receioso espanto. Ela prosseguiu:

— "Denuncio-te! Irás com uma escolta de dragões para o Rio, embarcarás com ferros no porão dum navio para Lisbôa, serás metido no Limoeiro e enforcado!"

João Fernandes enraivecido, de olhos fóra das orbitas, desafiou-a:

— "Não és capaz!"

A mulata gritou-lhe resoluta:

— "Sou! E só te entrego os papeis depois que me deixares vingar de quem me ia roubando tudo".

— "De Judit? Nunca!"

— "Então, os dragões, o galeão do vice-rei, o Limoeiro e a forca!"

O português instintivamente levou as mãos ao pescoço, apalpando-o, atirou-se de bruços para cima da mesa, vencido, escondendo o rosto, horrorizado, murmurando:

— "Pois sim!... mas nada me contes do que fizeres..."

Dias depois era assassinada, na fazendola onde vivia, a linda mulher da Alfama, que o judeu Isaias fazia passar

por sua filha. A justiça, apesar de esforços, nunca soube quem tão barbaramente a matou. decepando-lhe a cabeça que jámais se pôde encontrar. E, na propria noite do crime, a vingativa mulata mostrava ao amante estupefacto a cabeça de Judit, salgada como a dum porco, dentro duma mala de couro.

EPOCA MODERNA

OS DRAGÕES DO REI

> "... dans cette campagne de 1667, où un jeune roi, aimant la magnificence, étalait celle de sa cour dans les fatigues de la guerre, tout le monde se piqua de somptuosité"...
>
> (VOLTAIRE — **Siècle de Louis XIV**).

No dia 27 de agosto do ano da graça de 1667, Luiz XIV entrara triunfalmente em Lille. Após uma semana de cerco, a guarnição espanhola capitulára. O rei da França, á frente de numeroso, aguerrido exercito, comandado pelos melhores generais da época, vencia sem combater. Sua mocidade gloriosa enchia de prazer e esperança os acampamentos. E, ao vêr o espantoso crescimento de sua fama, toda a nação exultava, sem pensar que um dia fundas dôres seriam a paga de tantas vitorias e êsse rei envelhecido teria soldados que combateriam sem vencer.

Essa guerra das Flandres era alegre e triunfal. Já se fôra o tempo em que homens como Turenne comiam em pratos de ferro. Côches ricos, cheios de damas galantes, grandes séges de posta conduzindo gentis cortezãos seguiam o exercito. E logo que se alinhavam nas

planicies flamengas as tendas alvas, e logo que se abriam as circunvalações dos assédios, á retaguarda a côrte estacava com seu luxo faiscante. Eram, então, festas e representações teatrais continuas. Dansava-se o minuete sobre a erva dos campos. Bebiam-se os vinhos finos em cristais da Boemia e comiam-se manjares raros em louça de Sêvres. Amava-se tão galantemente e vestia-se com tanto primor e luxo, como em Versalhes. Nunca se vira tanto veludo e tanta renda nessa guerra real dos veludos e das rendas.

Mas o proprio rei e os generais, que se divertiam nessa côrte ambulante, mantendo a disciplina e a simpleza das tropas, não consentiam na soldadesca e mêsmo na oficialidade a menor quebra dos eternos preceitos militares de rudeza, paciência e sobriedade.

Nêsse claro dia de agosto, ao entrar em Lille, Luiz XIV passou entre duas alas da sua brilhante cavalaria. Dum lado, os mosqueteiros com a cruz do Espirito Santo ao peito, os couraceiros com o sol de ouro luzindo sobre as couraças e os hussares mercenarios de longos bigodes á hungara. Do outro, os grandes regimentos de dragões envergando casacas verdes e tendo peles em volta dos capacetes. O rei amava a sua valentia nobre, gostava de ouvir contar as suas proezas, distinguia-os sempre com um riso franco e jovial, um largo, protetor aceno de mão.

Sob o ouro do sol, as caras audazes dos veteranos carregavam-se de rugas, as mãos calçadas de grossas luvas brancas apertavam os mosquetes curtos. A' frente de cada esquadrão, o comandante erguia no ar luminoso

o longo sabre recurvo. O rei passava, sorrindo, entre o marquez de Humières e o marechal de Créqui.

Colheu as rédeas do cavalo alazão, franzindo o rosto aborrecido, deante da soldadesca do conde de Bertigny, a mais afamada do exercito, o regimento dos Dragões do Rei, que primeiro atravessára a fronteira, que primeiro entrára em Charleroy e em Tournai.

Toda a atenção convergiu para ali. Luiz XIV alçando-se nos estribos, erguendo o curto bastão coberto de veludo azul com flôres de liz de ouro, bradou:

— "Conde de Bertigny!"

O coronel esporeou o cavalo. Deteve-o em frente ao rei, saúdou-o com a espada:

— "Pronto, **sire**!"

Impaciente, o soberano perguntou:

— "Por que está o seu regimento fóra do uniforme contra as minhas ordens reiteradas ao Coronel General da minha cavalaria?"

— "Sire, o regimento está com seu uniforme".

— "Cale-se, coronel! O uniforme dos dragões é de lã verde escura. Os seus soldados e os seus oficiais estão de verde, porém uns de sêda, outros de setim, outros de veludo e — supremo luxo que não permito a oficiais e soldados nas minhas campanhas — de punhos e bofes de rendas".

O estado-maior emplumado que circulava o rei mostrava nos rostos apreensão pelo castigo que seria dado ao regimento e á orgulhosa resposta do comandante, contra a etiqueta que não permitia contrariar o rei. Todas

as cabeças adeantavam-se curiosas. Um sussurro corria pelas fileiras. Os dragões alinhados, firmes, nem pestanejavam. O estandarte das flôres de liz arfava pesadamente no ar. E, sob o ouro difuso do sol, setim, sêdas, veludos, rendas, fivelas de ouro, todo o luxo do regimento heroico e fidalgo, cintilava.

De novo a voz do rei se fez ouvir, serena e energica:

— "Conde de Bertigny! espero que, no fim da campanha, seu regimento se apresentará no parque de Versalhes com um uniforme mais digno de soldados francêses do que êste".

E galopou para a cidade. Ao passar junto do coronel, o marechal de Créqui lançou-lhe esta ordem:

— "Faça-se matar com seus soldados!"

O conde de Bertigny sorriu.

O exercito francês bateu-se ainda algumas vezes contra os espanhois e, apesar dos prodigios de bravura cometidos pelos Dragões do Rei, prodigios que corriam entre os soldados e o povo, as ordens do dia dos generais não os mencionavam. Era como se não existissem. Entrou o ano de 1668 e a França conquistou o Franco Condado. Em todos os pontos perigosos, lá estavam os soldados luxuosos de Bertigny. Eram êles que faziam as guardas avançadas e se lançavam primeiro contra os quadrados da solida infantaria castelhana.

Quando Luiz XIV os repreendera em Lille, eram oitocentos. No cerco de Dôle, puseram-nos a pé na primeira linha das trincheiras, sob a metralha da praça. Dos que restavam sobrou a metade. Após a paz de Aix la Cha-

pelle, o regimento reduzido a um esquadrão não teve licença de voltar ao quartel: acampou na fronteira.

Rompe a guerra de 1672 contra a Holanda. O conde de Bertigny é o primeiro francês que galopa pela Alsacia á frente de seu esquadrão, sob as ordens de Turenne. Depois duma semana de combates, êle, que arrostára todos os perigos e que a morte despresava, comandando os últimos oitenta dragões ainda carrega aos olhos de Condé, em Senef, os melhores batalhões da infantaria inimiga.

Passaram alguns mêses. Uma tarde, o rei descia ao parque suntuoso de Versalhes, para dar um passeio, rodeado de cortezãos, quando o marechal duque de Berwick se curvou e lhe disse:

— "**Sire**, o coronel conde de Bertigny pede a Vossa Majestade o cumprimento da promessa feita em Lille: passar em revista o seu regimento".

O rei accedeu e o filho natural de Jacques da Escossia guiou-o. Numa clareira, á sombra dos castanheiros, olhando as aguas maravilhosas do parque real, que repuxavam da guéla dos tritões e esguichavam das narinas dos delfins, seis homens a cavalo, com capacetes de dragões e sabres nús, esperavam o rei, em linha. A' sua frente, de cabeça descoberta, o braço esquerdo decepado, estava o conde de Bertigny.

E que imensa mudança naquêle resto dos elegantes soldados de Lille! Cicatrizes coleavam em todos os sentidos nas suas faces murchas, queimadas pela soalheira e pela polvora. Um trazia uma tira preta cobrindo o olho

esquerdo; outro, um lenço negro tapando o lugar do nariz. O terceiro não tinha a perna direita e mal se equilibrava na sela; o quarto prendia a manga esquerda vasia aos botões do peito. O penúltimo estava cego e suas pupilas cinzentas, alheadas de tudo, pregavam-se no vacuo. Afinal, o derradeiro empunhava o estandarte real sujo e rôto, com flôres de liz bordadas em fundo azul, mostrando na bôca rasgada por um pontaço de lança os dentes irregulares e quasi negros.

Os cavalos eram dignos dêsses mutilados. Uns tinham um olho vasado; outros manquejavam; e no do coronel abria-se sob as placas prateadas do peitoral profunda cicatriz.

Nos olhos de Berwick, do duque de Villars, do marechal de Catinat, de todos os homens de guerra que seguiam o rei, brilhavam lagrimas. Luiz XIV adeantou-se emocionado, contemplando aquelas ruinas de homens e de animais, com um impeto de abraça-los e beija-los um a um. Mas seu orgulho despotico, disciplinador, continha-o. Reparou logo que nenhum dêles vestia o uniforme verde dos dragões reais.

O comandante envolvia-se numa especie de manto côr de ouro, em que se esgalhavam asas e garras negras. O mais alto ostentava sobre o peito do capote esverdeado a cruz rubra de Santo André. Um leão dourado arremetia nas costas do casaco azul escuro do cégo. Côres berrantes, amarelo e encarnado, inçadas de torres de ouro e de leões de prata vestiam o que não tinha nariz. E o porta-estandarte carregava sobre os ombros aguias, cru-

zes, corôas, semeadas em fundo violeta. Uma verdadeira mascarada militar, que dava áquelas fisionomias heroicas, pelo contraste, qualquer cousa de grutesco.

O rei lembrou-se de Lille, de sua aspereza com o regimento de Bertigny, castigando-o severamente por infringir a disciplina com um luxo cortezão. Cuidou fôsse uma vingança ridicula do coronel repreendido deante do exercito. Êsse pensamento foi intoleravel ao seu orgulho: explodiu:

— "Conde de Bertigny, respeito á pessôa sagrada do Rei! Prometi passar em revista o regimento com um uniforme mais digno do que os de sêda e veludo. Vindes em trajes de carnaval. Sereis castigado!"

Voltou-se para o sequito e gritou:

— "Senhor marechal duque de Villeroi, prenda. . ."

O conde de Bertigny atirou o cavalo para deante, interrompendo-o:

— "**Sire,** pelo amor de Deus detende-vos! O meu regimento veste o mais digno uniforme que os soldados francêses podem vestir".

E, ante o olhar ávido, curioso do rei e o assombro dos cortezãos, o encanecido soldado explicou:

— "Desperdiçamos na guerra o nosso luxo contrario á disciplina e o nosso sangue fidalgo. Uma repreensão do rei reduziu-nos de oitocentos a sete! Sem meios de comprar novas fardas, fizemos com as bandeiras que tomamos aos castelhanos, aos holandêses e aos alemães, os uniformes que vestimos. **Sire,** o nosso uniforme é ou não digno?"

Todos os presentes estremeceram de admiração. Pasmado, o rei quedou um momento em silencio. Depois, erguendo a mão enluvada em branco falou:

— "Dragões do rei, o rei vos perdôa; dá ao vosso coronel o posto de general e a cada um de vós as dragonas de capitão".

Bertigny ergueu a espada. Seis laminas torcidas e esbeiçadas alumiaram ao sol e um grito unico, rouco, saiu dos sete peitos do regimento:

— "Viva o rei!"

O MONSTRO

> "Aux formes les plus dures et les plus rebutantes, il opposait un excellent cœur et un desintéressement à toute epreuve... il ne manquait pas le spectacle d'une exécution sur la place de la Révolution, y applaudissait, tandis que, d'un autre coté, il sauvait en secret autant de malheureux que le crédit dont il jouissait le lui permettait.
>
> (P. LENÔTRE — **Paris Révolutionaire**).

O cidadão Bégnon encontrou a carreta da guilhotina e a multidão de **sans culottes** que a seguiam aos berros, cantando o **ça ira**, agitando chuços, ao meio do cais da Mégisserie. Juntou-se ao cortejo e acompanhou-o até a praça da Revolução, onde se atropelava e esvurmava o feroz povo de Paris.

Em torno se erguiam velhas fachadas enegrecidas pelas chuvas, com as janelas cheias de mulheres e homens da burguesia, em alegre reboliço. Por cima das cabeças inquietas do povareu reunido na praça, se avistavam os madeiros escuros da guilhotina, da Viuva, sobre a qual se moviam os vultos de Sansão e seus ajudantes. Um cordão de baionetas alumiando ao sol cercava o cadafalso.

E do lado da ex-praça das Tres Marias vinha um rufar de tambores.

O cidadão Bégnon foi rompendo com delicadeza e astucia aquela apertada mó de gente, em que se encontravam tipos de toda a especie: burguêses de fraques escuros e oficiais de niza azul com charlateiras de ouro; operarios de blusa e de **carmagnole;** homens das seções mobilizadas, de camisas riscadas de vermelho e branco, calças azues, tamancos, barrete frigio á cabeça, o pesado sabre caindo da ponta do boldrié branco e empunhando piques ou fuzís com velhas baionetas. Duzias de **tricoteuses,** com topes e laços tricolores nas toucas, verdadeiras megeras, espalhavam boatos terriveis: a Republica estava perdida! Fôra descoberta uma conspiração para soltar a Austriaca. O general Custine, como Dumouriez, vendêra-se ao inimigo. Os fornecedores do exercito envenenavam os generos dos soldados e a aveia dos cavalos. Os vendeanos atravessavam o Loire. Os inglêses apoderavam-se de Toulon e de outras cidades proximas. Já os espanhóis vinham aquem dos Pirineus...

E uma velha sem dentes, mexendo o maxilar pontudo, revolvendo os olhos raiados de vermelho, gritou:

— "Os ulanos e os dragões brancos fôram vistos no caminho de Paris!"

O cidadão Bégnon ergueu o braço e bradou:

— "Então, matemos os aristocratas! Matemos essa canalha que nos rói o figado, enquanto o estrangeiro viola nossas fronteiras! Morte aos traidores!"

Os que estavam ali perto: rapazolas de colegio, costureiras, ex-nobres remendados e famintos que escondiam no bolso a alvura das mãos, espiões de Pitt e da Convenção, fabricantes de assinados falsos, guardas nacionais, agitaram as mãos, brandiram armas, urraram:

— "Morte aos traidores!"

Ao som dêsses uivos furiosos, os condenados subiram um a um as escadas da guilhotina. Eram quatro homens e uma mulher, de mãos amarradas ás costas, faces abatidas pelo encarceramento á espera da morte certa, depois do julgamento pilherico do Tribunal Revolucionario.

O primeiro que se entregou a Sansão foi um senhor de meia idade. Deu-se ao carrasco singelamente, resignadamente. Parecia pela distinção da postura, pela fidalguia do olhar, pelas rendas finas da camisa, um gentilhomen. O cidadão Begnon que diariamente comprava e lia a lista dos condenados, pôs-se na ponta dos pés e falou alto para os circunstantes:

— "E' um ex-nobre, um emigrado, um do exercito de Condé, que veiu a Paris como espião da Inglaterra, para nos vender ao inimigo. Mas o Incorruptivel viu-o e denunciou-o. Ah! se Êle não existisse, que seria da Patria?"

Ouvindo aquêle elogio a Robespierre, um homem de meia idade, forte, coberto por um capote escuro e apoiado a um bastão retorcido, atentou bem para o cidadão Bégnon.

Êste era um monstro de feiura, verdadeira mascara de carrasco. Baixo e membrudo, a cabeça chamorra su-

mia-se entre os ombros alevantados. No meio da cara larga e quadrada, o nariz chato e verruguento entortava-se para o lado direito. Tinha a barba grossa mal rapada, as sobrancelhas espessas, negrejando na testa vermelha, onde corria um gilvaz rôxo. Cobria-lhe a cabeça uma barreta de peles, como a do sapateiro Simão, algoz do joven Capeto, e vestiam-lhe o corpo um redingote usado, castanho, um coletão amarelado, calções justos côr de pinhão, botas curtas, muito enrugadas. Sob o braço, trazia uma bengala de estoque.

O sujeito do capote escuro aproximou-se e fez-lhe com os olhos, depois com os dêdos no braço, disfarçadamente, o sinal de reconhecimento dos espiões do Incorruptivel. Êle nem os compreendeu. Então, o outro continuou vagarosamente a estuda-lo.

Já o ferro da guilhotina descia com ligeireza. Todos os olhos pregavam-se na execução. Ouviu-se um baque metalico e a cabeça do fidalgo caiu no cesto quadrado, enquanto os ajudantes do carrasco tiravam o corpo da báscula e lançavam-n'o, com desprezo, a um lado.

O segundo condenado, que nada tinha digno de atenção, foi executado. O terceiro avançou. A multidão viu-o com manifesta simpatia. Era moço e belo. Usava calções e meias de sêda, sapatos de fivela dourada, camisa de linho com punhos caídos de valenciana. Sorria.

Um rapazêlho alourado, formoso e triste, de botas de postilhão e jaqueta verde, que estava ao lado do cidadão Bégnon, mordia os labios. tinha os olhos humidos

e dava mostras de impaciência e de dôr. Bégnon açoitou o ar com a bengala, gritando:

— "Morte ao traidor! E' um oficial do regimento de Bouillé! Morte ao traidor!"

Ao nome odioso de Bouillé a simpatia do povo desfez-se como fumaça que o vento açoita. Foi um novo ulular:

— "Morte ao traidor!"

O rapazêlho da jaqueta verde voltou a face feminina para o cidadão e escarrou-lhe com desprezo esta injuria:

— "Monstro!"

Mas Sansão deitava já o belo moço na taboa, encostava-lhe o pescoço no cepo e apertava a mola do cutelo. A lamina desceu.

O mocinho louro torceu as mãos, as lagrimas correram-lhe pelo rosto e a sua voz dôce e dolorosa gemeu:

— "Não! Não! Não!"

A cabeça rolava na cesta; o corpo era atirado fóra. A multidão vivava os carrascos. Então, o rapazinho cambaleou e caiu desmaiado nos braços dum guarda nacional. A jaqueta desabotoou-se. Um seio de mulher alvo, com um botão de rosa á ponta, surgiu do desalinho do vestuario. Fez-se um circulo de curiosos em derredor, murmurando:

— "Uma aristocrata! Uma espiã de Pitt e de Coburgo! Deve ser presa".

Alguns, mais exaltados, lembraram o brado de Camilo Demoulins:

— "A' lanterna!"

A face horrivel do cidadão Bégnon fechou-se mais, os labios tremeram. Tirou um frasco de sais do bolso e fez a moça aspira-los. Seus olhos abriram-se, miraram em torno com espanto. O espião convencional pôs-lhe a mão ao ombro: — "Está presa em nome da lei". E levou-a entre os chuços de quatro **sans culottes.** Ela olhou de lado, antes de partir, o cidadão Bégnon e escarrou-lhe de novo a mêsma injuria:

— "Monstro!"

O cidadão sorriu dolorosamente, deu um último olhar ao cadafalso, que já vitimára a mulher e onde agora os carrascos e dois granadeiros empurravam para a taboa o ultimo condenado. que resistia, gritando como um louco. Era um homem espadaúdo e forte, padeiro, em cuja casa se haviam encontrado alguns pães mofados e fôra accusado de açambarcar viveres. Os coices das carabinas batiam-lhe nas costas e os ajudantes do carrasco puxavam-no pelos braços livres, pois conseguira quebrar os laços da corda. Após curta luta, deitaram-no de bruços, guinchando como porco, que se sangra, sobre a báscula, seguraram-lhe a cabeça no cepo. O cutelo decepou-a.

Estava finda a fornada do dia. O povo escoava-se em todas as direcções. O cidadão Bégnon dirigiu-se lentamente á sua casa. Quando atravessava a Ponte Nova, pareceu-lhe que um vulto o seguia. Já estava escurecendo. Olhou dum lado e doutro. Nada viu. Mas, por prudencia, continuou seu caminho no escuro, sob as arvores do cáis. Entrando na praça Dauphine, onde morava, ouviu passos atrás de si. Virou-se rapidamente. Um vulto escuro es-

condeu-se depressa no arco duma porta-cocheira. Entrou em casa, certo de haver sido seguido, mas calmo como sempre. Subiu ao seu quarto andar.

A caseira, a bôa mãe Grollier, estava pondo o jantar á mesa. Sobre a alva toalha a terrina de sopa de cereais fumegava, perfumando a sala. O cidadão abriu a porta do seu quarto. A velha perguntou:

— "O senhor Bégnon não janta?"

Ela nunca se acostumára a chamar ninguem cidadão como os novos costumes exigiam. Tinha a cabeça toda branca e nos braços de sua mãe vira passar nas ruas de Paris Luiz XIV, de carruagem. Quando jogava bisca, aos domingos, com a mulher do guarda-portão, não havia meios de chamar ás cartas igualdades de copas ou genios de páus; chamava-lhe reis, valetes, damas e azes como nos bons tempos de antanho. Tambem ninguem conseguiria que ouvisse missa dita por padres juramentados. Sabia onde se escondiam os sacerdotes fieis e ia assistir á missa verdadeira nas aguas furtadas, onde êsses obscuros heróis de sotaina a diziam para meia duzia de cristãos. Depois que ouvira uma predica do conego Nozet, numa dessas mansardas de Paris, estava certa que os tempos do Anticristo tinham voltado. Em Roma, dizia o padre, quando o Anticristo se fantasiava de Cesar, os cristãos se escondiam nas catacumbas, que eram adegas muito grandes. Agora, que o Anticristo era o Incorruptivel, os fieis se ocultavam nos sobrados, porque as adegas eram constantemente rebuscadas pela policia da Junta de Salvação Publica e da Comissão de Terras e Salitre.

A velha repetiu a pergunta:

— "O senhor Bégnon não janta?"

O monstro abalou a cabeça e respondeu:

— "Não, mãe Grollier, não posso. Fui vêr uma execução! Não posso!"

A velha resmungou:

— "E' sempre assim! Não sei que mania tem êste homem de ir assistir ás malvadezas do Anticristo. E' raro agora o dia em que janta. Tranca-se aí no quarto e só sai de manhã. Santo Deus, quando virá a paz e um novo rei?"

Pedro Luiz Bégnon fôra negociante de sêdas no antigo regimen. Enriquecera e retirára-se dos negocios aos quarenta anos, na vespera da Revolução. Celibatario, vivia havia muito tempo no quarto andar dum casarão da praça Dauphine, de cujas janelas vira muitas vezes passar, toda de branco, a senhora Roland. Tambem a vira, toda de branco como a bela criatura do poeta florentino, subir os degraus da guilhotina sob os apupos vis da populaça.

Sob aquela aparencia de monstro, guardava uma alma generosa e desinteressada. Seu entusiasmo revolucionario era um meio de viver sem ser suspeitado e de fazer bem, na sombra, áquêles que podia. Pela sua caseira mandava provisões e dinheiro aos pobres padres que não haviam jurado a constituição, que viviam miseravelmente reunidos nos celeiros e sotãos. E muita mulher ou viuva de nobre emigrado ou guilhotinado comia secretamente á sua custa.

De manhã, quando o cidadão Bégnon saiu do quarto e se sentou á mêsa para tomar chocolate, a caseira notou que seus olhos estavam inflamados. Deixou-o alimentar-se e disse-lhe, depois, tremula e receiosa:

—"Está aí na sala um homem de capote escuro, que deseja falar consigo. Parece um dêsses que dizem ser espiões de. . ."

— "Silencio, mãe Grollier! Falo com o tal homem. Mande-o entrar".

E um alvoroço encheu-lhe o coração.

Com a cartola de abas largas e fivela de metal enfiada na cabeça, soíças arripiadas e bengalão debaixo do braço, surgiu logo á porta o espião da vespera.

— "Bom dia, cidadão Bégnon".

O monstro levantou-se e respondeu:

— "Bom dia, cidadão".

Ficaram ambos olhando-se algum tempo, em silencio. A velha espiava da porta da cozinha, muito palida. O policial estendeu a mão imperiosa:

— "A sua carta de civismo, cidadão!"

Bégnon procurou-a no bolso e entregou-a. Êle leu-a lentamente, virou-a, revirou-a, farejou-a, restituiu-a:

— "E' otima, cidadão Bégnon. Venha comigo".

A mãe Grollier correu para o fundo da cozinha, solucando. Bégnon, palido e calmo, pôs a barreta á cabeça e desceu as escadas, em silencio. Nem o cidadão lhe perguntava nada nem o espião dava uma palavra. Calados e ao lado um do outro, atravessaram a praça, seguiram o cáis, passaram a ponte e fôram até á rua Honorato, ex

de Santo Honorato, onde morava Maximiliano Robespierre, na casa do marceneiro Duplay.

Bégnon, que cuidava ir á Conciergerie ou á prisão da Abadia, respirou. Entraram sob uma especie de arco abobadado e sairam num pateo semi-escuro, com alpendradas dum lado e de outro, sobre as quais se abriam janelas. Cruzaram Duplay, que saia, e uma creada. Ambos saúdaram, familiarmente, o espião. Êste empurrou uma porta estreita e disse ao cidadão Bégnon:

— "O Incorruptivel deseja vêr-te e falar-te, cidadão".

Bégnon respondeu, com convicção:

— "E' o meu primeiro dia de Gloria!"

Subiram pequena escada de madeira, atravessaram um quarto e entraram no gabinete de Robespierre. Tres homens conversavam em voz alta, de pé, junto á janela. Outro, mais afastado, sentado numa cadeira de braços, no escuro dum canto, mantinha-se em silencio. Bégnon e o espião cumprimentaram todos e ficaram perto da porta.

Um dos que falavam á janela, vestido de general, com plumas tricolores no bicornio agaloado de ouro, dizia:

— "Eu respondo em qualquer ocasião pela Guarda Nacional!"

— "Cidadão Henriot", replicava outro, de aparencia insignificante, metido numa casaca pardacenta, de calção e polainas, "nesta época de perfidias, em que todas as traições alçam o colo e o perigo interno é maior do que o externo, sómente a bemaventurada guilhotina e os olhos vivos da Junta de Salvação Publica, sob a proteção do Ente Supremo, poderão salvar a Patria".

Tossiu alguns instantes; depois, continuou:

— "A situação é terrivel. A Convenção deve declarar désde já a Patria em perigo. Não acha, cidadão Saint Just?"

A formosa cabeça do interpelado avançou na luz da janela, que encheu de brilhos os seus anelados cabelos. Estava vestido com apuro: casaca verde escura com botões lavrados, colete de gola e abas largas, miudamente riscado de branco e preto, calções cinzentos, **chatelaines** de ouro, meias de sêda, ampla gravata negra, esvoaçando. Abriu os labios vermelhos num sorriso, que mostrou as fileiras brancas dos dentes:

— "Cidadão Collot d'Herbois, a Junta de Salvação vela pela França. Não tenha mêdo. Ela saberá fazer cair as cabeças culpadas".

Sua mão ondeou rapidamente no ar num reluzir de joia e acrescentou, com aquela hipocrisia profunda dos homens do Terror, os olhos sonhadores fitos nas traves sujas do tecto, como se sua alma se arripiasse deante do sangue que ajudava a derramar:

— "Eu não sou propriamente pela pena de morte. Acho até que devia ser abolida como o foi a tortura judiciaria. Porém seria trair a França não punir de morte os traidores. Todo o que atentar contra a segurança publica, as instituições sagradas da Patria, deve ser guilhotinado. Aquilo que nossos inimigos chamam crueldade é simplesmente a defesa das liberdades que conquistamos á velha monarquia. Não pensa assim, cidadão Robespierre?"

Bégnon crispou, em silencio, os punhos e apoiou, francamente, com a cabeça. Maximiliano não respondeu. Collot d'Herbois falou:

— Dois monstros terriveis dilaceram a França: a rebeldia e a derrota. São precisos exemplos, muitos exemplos. Decapitar os generais vendidos, os espiões a soldo do estrangeiro, todos os suspeitos. Que importa sejam ceifadas algumas espigas de trigo, se a foice colheu todas as ervas más? Não pensa assim, cidadão Robespierre?"

O Incorruptivel levantou-se, mas não veiu até á luz. Como se nada lhe tivessem perguntado sobre as qeustões em discussão, disse aos tres com a sua voz trivial e de pronuncia viciosa:

— "Cidadãos, preciso conferenciar com um amigo. Deixai-me, por favor".

Os tres sairam. Tornou a sentar-se na poltrona, pensativo e sombrio, isolado no canto escuro, onde mal se via a mancha azul da sua casaca e o branco dos seus cal ções justos.

— "Aproxima-te, cidadão Bégnon".

O monstro caminhou até a luz da janela, que lhe iluminou a feiura do rosto. Seus olhos examinaram um momento aquêle homem, cuja palavra incorreta e dificil, solta na tribuna da Convenção, podia modificar a sorte do mundo, aquêle homem de quem dependia o destino dum povo acocorado aos seus pés. Cerrou as palpebras e rapidamente o seu cerebro examinou a vida de Robespierre, a sua constancia sobre os livros, dando-lhe os melhores premios no colegio; o seu estreito fanatismo pelas doutrinas de

Rousseau; o seu silencio eterno guardando só para si sonhos, opiniões e impressões; a sua maldade fria e calculada; a sua ambição desmedida e insidiosa, que deante de nada recuava; toda aquela mediocridade infatuada e tortuosa que as circunstancias do momento tinham elevado ao primeiro plano. E o cidadão Bégnon pensou:

— "Ah! se eu tivesse comigo a faca de Carlota Corday!"

A sua cara horrenda agradou a Maximiliano, que lentamente lhe dirigiu estas palavras:

— Cidadão Bégnon, conheço teu civismo, tua profunda dedicação á causa da Republica, que precisa de homens assim, dedicados, austeros, incorruptiveis. . ."

Bégnon interrompeu-o, com humildade:

— "Incorruptivel, em França, só existe um".

Robespierre sorriu, vaidoso, e terminou:

— "Os patriotas desejam vêr-te no Tribunal Revolucionario. Ha uma vaga. Aceitas a nomeação?"

Um sorriso franco iluminou a face do monstro. Sua voz forte e áspera fez-se ouvir:

— "Aceito de braços abertos, cidadão, e tudo farei para ser digno da Republica. Não hei de ter piedade. . ."

Robespierre interrompeu-o com um gesto de despe dida. Bégnon e o espião sairam, rindo, e fôram tomar um copo de vinho na primeira taverna.

Quando o ex-negociante chegou á casa da ex-praça Dauphine, a mãe Grollier ainda chorava na cozinha, de bruços sobre a mêsa. Ergueu-se com assombro, apalpou-o da cabeça aos pés com as mãos tremulas, como se cuidasse

ser um fantasma, murmurando entre os últimos soluços e os primeiros risos:

— "O senhor Bégnon, meu Deus!"

Correu a um armario, pôs um copo com velho vinho numa salva de prata e trouxe-o, ainda resmungando:

— "O senhor Bégnon, meu Deus!"

O monstro riu e disse-lhe com fingida seriedade:

— O senhor Bégnon. não, mãe Grollier. Tome cuidado! O cidadão Bégnon, que acaba de ser nomeado juiz do Tribunal Revolucionario".

A velha arregalou os olhos, deixou cair de assombro a salva e o copo de vinho, e fez, insensivelmente, o sinal da cruz.

Logo aos primeiros dias depois que o juiz Bégnon tomou posse do lugar, começaram a desaparecer de alguns processos instruidos terrivelmente por Fouquier Tinville, no seu escuro gabinete do Palacio da Justiça, os documentos mais comprometedores. Assim, foi o tribunal obrigado a absolver, diariamente, um, dois ou mais acusados, caso que nunca acontecera.

A' hora do jantar, quando o cidadão Bégnon chegava á sua casa da ex-praça Dauphine, atirava-se esfaimado á sopa fumegante e cheirosa da mãe Grollier, a qual não lhe perdoava ser juiz do Anticristo e grunhia:

— "Teve muito trabalho, senhor Bégonn?"

— "Muito", respondia êle, esfregando as mãos de contente, "salvei tres!"

A velha não entendia e, de si para consigo, achava que o patrão ia amalucando. Outras vezes, a sua alegria era menor e êle lastimava-se:

— "Pouco trabalho, mãe Grollier! Pouco trabalho! Salvei somente um".

Já se havia sentido no tribunal que alguem roubava documentos de valor; mas ninguem desconfiava do juiz recommendado por Maximiliano Robespierre e que em todas as sessões apregoava, com aquela cara monstruosa, uma monstruosa crueldade. A voz áspera e forte bradava, enquantos punhos grossos batiam na mêsa com furor:

— "E' preciso liquidar os espiões do estrangeiro, a canalha aristocrata, os padres não juramentados, os generais traidores, os fornecedores ladrões, os especuladores de ações da companhia das Indias, os falsificadores de dinheiro, todos os inimigos da Convenção, em nome da Republica, da Deusa Razão e do Ente Supremo! A patria está em perigo!"

E, ás vezes, terminava cantando versos do hino dos marselhêses. Ninguem o cuidava capaz dos roubos e êle recolhia contente á sua morada, para confessar aquêle heroismo obscuro, desinteressado, á velha que o não compreendia:

— "Salvei dois, mãe Grollier!"

Um dia, chegando, como de costume, mais cêdo do que os outros ao Tribunal, começou a examinar os processos empilhados sobre a banca do acusador. Um continuo cochilava no seu banco, junto á porta. Pelas janelas abertas

entravam o sol e os gritos dos vendedores de listas dos traidores condenados naquêle dia ao cutelo da Viuva.

Bégnon lia, lentamente, os nomes dos réus sobre a capa azul dos autos:

— "João Filipe Maria Cunegundes Estevam de Lariboissiére, ex-marquês, emigrado, oficial no exercito de Condé. Alfredo Lepinasse, carniceiro, gritador de **Viva o rei!** Mathias Parent, ferreiro, acusado de haver dito á passagem da carreta patriotica de Sansão: **Basta! Basta!** Luiz Hennequin, fornecedor de aveia arruinada á cavalaria do exercito das Costas do Norte. Yvonne, mulher sem profissão, prostituida, por ter tirado da touca e calcado aos pés o tope tricolor".

Com a continuação do seu plano, o monstro tomára certo gosto por aquela peça que pregava aos terroristas. Tinha seus caprichos. Ás vezes salvava um condenado pelo nome sonoro, pela simpatia da causa; outras, pelo acaso. Como andavam desconfiados daquêles desaparecimentos de papeis valiosos, agora só podia salvar um por dia, se tanto. Ficava contristado, lembrando-se dos dias felizes em que chegára a livrar quatro e cinco do cutelo feroz.

Continuou a lêr os nomes para escolher um:

— "Andrieu, guarda-portão, contumaz em tratar toda gente por senhor como nos antigos tempos e em recusar aos baralhos os novos nomes revolucionarios, bem como em criticar, a nova denominação dos mêses, teimando especialmente em dizer fevereiro em logar de **ventoso**".

Bégnon sorriu, e, interiormente, pensou na bôa mãe Grollier, digna tambem do cadafalso, com a agravante de ter visto aos dois anos de idade passar nas ruas de Paris, de côche dourado, Luiz XIV, o grande despota.

— "Luiz Felix, vendedor ambulante de bonecos, que se aproveitava da inocencia dos mêsmos para dêles fazer caricaturas dos cidadãos Henriot, Couthon, Saint Just e Robespierre; ainda peor: dos falecidos cidadãos Le Peltier e Marat, vitimas dos federalistas e dos realistas. Manuel Max, alsaciano, ex-amigo e comensal do traidor Barbaroux".

— "Que crimes!" murmurou o juiz.

— A ex-condessa Julia de Escravayat, com 19 anos de idade, mulher do ex-conde de Escravayat, emigrado, capitão no regimento dos bandidos de Bouillé, justiçado na praça da Revolução em..."

As mãos escuras e grosseiras de Bégnon tremeram, folheando o curto processo da moça, que, vestida de homem, o chamára monstro. Leu a acusação. Nada havia provado contra ela. A peça mais forte era o depoimento mentiroso do cão policial que a prendêra, Jaques Tarabout, espião convencional, antigo magarefe. Sem aquelas calunias juradas e escritas, o advogado, com pequena habilidade, salva-la-ia. Arrancou depressa as duas folhas gatafunhadas, rasgou-as miudamente e guardou-as no bolso interno do casaco. Começavam a entrar os juizes, os jurados e o acusador do Tribunal.

Todos os acusados fôram condenados á morte. O Tribunal tinha pressa em julgar. Queria aviar logo a fornada. O último réu que se sentou no banco sinistro foi

o mocinho da jaqueta, porém já com roupas de mulher, emprestadas na prisão. Seus olhos azues deram com a cara medonha do cidadão Bégnon, coberto com o chapéu emplumado de juiz e tendo ao peito uma placa de prata. Reconheceu o jacobino da praça da Revolução. Sentiu-se perdida e gemeu:

— "Misericordia, Santo Deus, o monstro!"

E o monstro sorria ás acusações do promotor, que lêra de vespera o depoimento do espião. O advogado, um rapaz imberbe e simpatico, mostrou que eram infundadas com os autos na mão. Os jurados absolveram a ex-condessa de Escravayat.

Nessa tarde ao chegar em casa para jantar, queimando na lareira os retalhos do depoimento trazidos no bolso, o cidadão Bégnon disse á velha caseira:

— "Salvei hoje uma mulher que me odeia, mãe Grollier". E começou a comer com apetite e a rir com vontade, sem motivo. A mãe Grollier convenceu-se que o amo já não regulava bem.

Aquela ex-fidalga foi a última pessôa que o juiz pôde salvar. O Terror apertava o circulo da sua ferocidade. De então por deante, os julgamentos começaram a ser feitos em massa. Quinze, vinte acusados assentavam-se sobre um estrado deante do Tribunal. O acusador lia um processo, figurando uma conspiração que nunca existira, e os jurados condenavam o grupo todo á morte.

O cidadão Bégnon ficou tão desconsolado que caíu doente. Foi quando se deu a contra-revolução de Thermidor. Robespierre, Couthon, Saint Just morreram na sua

velha amiga, a guilhotina. E Tallien fez o Terror Branco. A primeira vez que saíu á rua, Bégnon foi preso, á entrada da Ponte nova, por Tarabout, ex-espião do Incorruptivel e agora esbirro de Tallien, que o levou á Conciergerie e recommendou-o ao carcereiro como um dos mais ferrenhos partidarios de Robespierre.

O ex-juiz não se pôde defender. O seu jacobinismo era conhecido e provado. Foi condenado pelos termidorianos e subiu corajosa e tranquilamente a ingreme escada da guilhotina, na Barreira Derrubada.

Uma mulher loura, moça e elegante, que assistia á execução da janela duma casa, disse, risonha, ao vê-lo com a cabeça grisalha pousada no duro cêpo:

— "Estou vingada! Aquêle monstro que bateu palmas á morte de meu marido foi guilhotinado". E riu alto.

Os bens de Pedro Luiz Bégnon, antigo negociante de sêdas, fôram confiscados, apesar do testamento em que os legava, metade aos pobres da cidade, metade á sua caseira. E a velha mãe Grollier, que vira em pequena Luiz XIV de sége dourada, morreu de fome, mendigando pelas ruas de Paris.

AUTOKRATOR

"Au moment où la situation en Europe est si difficile, vous exposez votre vie por reprimer une populace prête à s'insurger".

(Carta do feld-marechal principe Paskevitch ao imperador Nicolau I — MEZIÉRES — **Morts et vivants**).

Sobre a velha, sagrada Moscou, caía a tristeza duma tarde de inverno. As sentinelas do Kremlim, envoltas em capotes de lã, cartucheiras de metal á moda do Caucaso, cruzadas ao peito, iam e vinham tiritando de frio. Raios de sol brincavam nas cruzes eslavas de dois braços das torres bojudas da catedral de Pedro e Paulo. A neve cobria telhados e ruas.

Dentro do palacio, num embaciado salão, passeava o tsar Nicolau I, cofiando as soíças ruivas, cabisbaixo, raivoso. De pé, aos cantos, velhas armaduras dos grãos-duques de Kiev, dos principes de Vladimir, e, nos paineis centrais, retratos de tsares, entre os quais a face palida e o olhar leonino de Ivan o terrivel, o bicornio emplumado de Pedro o grande.

Nos vãos das janelas, grão-duques e generais aprumavam os bustos elegantes, cingidos em uniformes verdes e

cinzentos. A uma porta lateral, prussianamente perfilado, um correio uniformizado á hungara, dolman vermelho trançado de alamares, riscado de brandeburgos, laivado de agulhetas, matizado de poeira e de pingos de lama. Trouxera despachos que o imperador amarrotava, febrilmente, nas mãos.

Um grão-duque alto, de barba grisalha, ostentou á luz baça do salão a farda azul de almirante, bordada e constelada de crachás. Demorou, um instante, indeciso. Depois, atreveu-se a indagar, infringindo a etiqueta:

— "Majestade, perdão! Mas que noticiam da guerra que tanto vos faz sofrer?"

O tsar enrugou a fronte e arrastou a voz:

— "Fomos batidos completamente, ha quatro dias, em Inkermnan!..."

Deu duramente com o tacão no assoalho marchetado, arfando; e, como a desabafar, continuou:

— "Maldita, infeliz guerra da Criméa! Os dias contam-se por derrotas. Lord Raglan passou o Alma. Francêses, inglêses, turcos, piemontêses, avizinham-se de Sebastopol. E meus generais, como os de Vassili, como os de Boris Gudonof, não vencem nunca!"

Os olhos duros passearam pela dilatada quadra. Parou, cruzou os braços e baixou a cabeça.

Um rumor sinistro, rosnar de vagas de encontro a penhas, veiu de fóra pelas janelas. Um tropear de cavalaria morreu ao longe. Muitos oficiais saíram, apressados. Tiniram bainhas pelos corredores. O imperador chegou a uma vidraça: o pateo interior afogava-se na

sombra dos torreões. O lugubre ulular de ressaca continuava. Decorreram minutos mais longos do que horas. O tique-taque dum relogio vinha do aposento vizinho e os passos regulares dum granadeiro ressoavam fóra.

Retiniu uma espada em beiços de degráus. Um oficial do regimento Preobadjenski mostrou-se á porta, esmiuçando a sala com o olhar. O tsar perguntou-lhe:

— "Quem procura?"

O militar perfilou-se, levando a mão á mitra dourada, onde abria as asas a aguia bicefala:

— "O governador do Kremlim, majestade".

— "Saíu. Que rumor é esse? Que ha lá fóra?"

— "Nada, senhor, o povo de Moscou, reunido na praça do castelo, pede a cessação da guerra. Paz, pão e justiça, dizem os seus chefes. Mas os cossacos do Terek, os lesguios e os georgianos da guarda estão a cavalo. Esperam ordens para carregar. O general Palitzine pôs de prontidão os dragões da Imperatriz, os cavaleiros-guardas e os granadeiros a cavalo. Não ha nada, senhor".

O tsar voltou-lhe as costas, olhou os medrosos grupos de cortezãos dourados e ordenou:

— "Ajudantes, meu trotador branco de Orlof, ajaezado em gala, ao pé da escadaria dos Strelitz".

Levantou um reposteiro, e, seguido pelos camaristas, passou aos seus aposentos.

Na praça da fortaleza, da ponte do Moskova ao pé das muralhas, a multidão grulhava. Ora, se elevavam suplicas; ora, ecoavam brados de revolta. A massa popular ondulava e a ultima vaga vinha quebrar-se no cordão

de baionetas do regimento Paulovski e de espadas dos hussares de Grodno.

Popes barbudos, de simarras escuras, alçavam as mãos com memoriais amarrotados ou erguiam, á ponta de fustes, ícones e tripticos bizantinos. Operarios esboçavam discursos, mostrando os horrores da guerra, as mortandades de Bomarsund e de Eupatoria, as longas miserias dos mujiques, os rigores do frio e o peso dos impostos.

Rufaram tambores. Os granadeiros de Primorskoi apresentaram armas. Os cossacos azues do Don perfilaram a floresta das lanças. Abriu-se de par em par o largo portão do Kremlim e o vulto majestoso do tsar apareceu, montando lindo cavalo branco. Vinha só. Cingia a corôa imperial rutilante de gemas, partida ao meio como a dos knezes e basileus antigos. Empunhava o cetro com a aguia cravejada de diamante. O manto de púrpura, ourelado de arminho, caindo-lhe das costas, cobria as ancas do corcel e a ponta do chabraque de pele de pantera.

Fez um signal energico. As sotnias de cavalaria e os regimentos a pé, um a um, mergulharam no Kremlim. Nicolau I ficou só deante do povo tomado de assombro. Afrouxou as rédeas de couro de Novgorod, afiveladas de marfim e de ouro. O cavalo deu uns passos. A multidão, que nunca vira de tão perto a pompa selvagem do autocrata, descobriu-se respeitosamente, sentindo despertarem as crenças antigas, os velhos mêdos, os respeitos ancestrais. E sobre o seu apavorado silencio rugiu a voz dominadora do soberano, faiscante como um fuzilar de raio:

— "De joelhos ante o vosso tsar e o vosso papa! De joelhos, canalha!"

Instintivamente, vagarosamente, o povo se ajoelhou. Sómente as imagens das Panaguias e Iézus ficaram de pé, culminando a populaça, palpitando o seu ouro aos últimos raios do sol.

Outra vez, a voz imperiosa do despota, vibrou no crepúsculo, dura e forte como um choque de espadas:

— "De joelhos!"

As cabeças abaixaram-se mais.

O tsar recolheu pela grande porta, cujos batentes chapeados fecharam com estrondo. E ao pé da escadaria onde fôram mortos os Strelitz, os soldados o receberam com aclamações.

OS DOIS IRMÃOS

> "...volontaires, qui dans les camps, suivaient encore toutes les peripéties de la vie publique, qui conservaient sous le drapeau l'esprit de parti"...
>
> (A. LAUGEL — **Les États Unis pendant la guerre**).

Em paz e felicidade escoava-se a vida da familia Austin, velha familia patriarcal americana, na agasalhadora vivenda de Blackstone, perto de Greensburg, no Kentucky.

Compunha-se dum casal de velhos lavradores e dois filhos, João e Patricio, ambos fortes, valorosos, decididos, costumeiros á vida aventurosa das savanas, caçando bisontes, repelindo ataques de cabildas indianas.

Pelo findar do ano de 1860, as noticias politicas começaram a perturbar aquêle afastado viver campesino. Os jornais degladiavam-se em terriveis discussões. Surgiam panfletos de propaganda á eleição de Abraão Lincoln. E, por fim, separava-se da federação a Carolina do Sul, sob a presidencia de Jefferson Davis.

O amanho da terra e o cuidar dos rebanhos não impediam áquêles fazendeiros de estar ao par dos movimentos separatistas. Então, os dois rapazes deixavam-se azedar

pelas opiniões dos jornais, infelizmente cada qual em sentido contrario. Suas almas jovens e seivosas eivaram-se de idéas e de preconceitos. Discutiam. As vezes iam até aos doestos. O velho pai, nessas ocasiões, lamentava com vagar e prudencia a guerra fratricida, que dividia o país que de civil já se tornava domestica.

Uma manhã, lendo jornais, todos depararam noticias terriveis: os sulistas tinham atacado o forte Summer, em frente a Charleston, defendido pelo valente Anderson; o inepto Beauregard, com o seu exercito, ameaçava a União; Scott assumira o comando das tropas federais, apesar de velho; e os esclavagistas haviam tomado os estaleiros de Gosport e o arsenal de Norfolk. Ainda mais: o Maryland ameaçado e Washington em riscos de ser sitiada! Já se inflamava como palha duma mêda, por todo o norte, o furor da vingança. A mocidade alistava-se para defender a patria.

O velho pousou as folhas sobre a mesa, tirou o cachimbo da bôca, e, tranquilamente apontando o dever aos filhos, disse, olhando-os:

— "Já é tempo de vocês tomarem uma resolução".

Ambos compreenderam, levantaram-se, abraçaram o pai, beijaram a mãe soluçante, que nas discussões se mantinha calada, embora pronta a agir, e sairam sem trocar um olhar.

O ano de 1862 trouxe felicidade para as tropas do sul. Beauregard venceu Scott em Bull Run. Mac-Clellan retirou derrotado de Yorktown. Dissolvia-se o famoso exercito nortista do Potomac. Jackson flanqueava os federais

em Rapahannock e batia-os de novo em Bull-Run. Lee ameaçava Baltimore e a Pensylvania. Sómente, no mar, o corsario Farragut lavava a honra do pavilhão estrelado.

Em todas essas batalhas tomaram parte os dois irmãos. João era sargento de infantaria de Mac-Clellan; Patricio, guerrilheiro do sul, combatendo á sombra da bandeira escura com duas faixas diagonais picadas de estrelas, que parecia vencedora até então, mas que haveria de perder a guerra, para que triunfasse a união dos Estados-Unidos

A luta continuou. depois, com alternativas de derrotas e de vitorias, até que Lee vencido em Antietara, retirou, indo acampar entrincheirado, nos montes do Kentucky. Suas comunicações com Jackson estavam cortadas. Precisava dum homem audacioso, conhecedor do país. que levasse ao general chefe noticias e trouxesse ordens, do que dependia a segurança, mêsmo a salvação do exercito. Patricio ofereceu-se.

Vestiu como bom disfarce o uniforme do inimigo, deixando a sua farda cinzenta e o chapéu desabado. Guardou os papeis entre a camisa e o corpo. Partiu. Atravessou charnecas, paúes e rios, galgou alcantís, buscando Greensburg, onde demorava o quartel general da Confederação. Ao escalar um serro, onde se carcavavam moitas, quedou encolhido entre as fôlhas, suspenso pelas mãos de arbustos frageis, quasi desenraizados, os pés amparando-se ao barro da ribanceira. Lá em cima, á sombra rendada do arvoredo, de pé, um soldado federal espreitava a planicie banhada de claridade. Uma réstea de sol, atra-

vessando os ramos, brincava-lhe na ponta afiada da baioneta.

Atentamente esperava uma ocasião melhor para avançar, quando os pés falsearam na escarpa, os arbustos desprenderam-se e rolou por ali abaixo, espantando passaros, contundindo-se nos seixos, fazendo insolito rumor.

Logo a sentinela gritou ás armas, disparou a carabina sobre o vulto que fugia, embora com a farda azul e o quepi nortista. Imediatamente, pela ladeira despenharam-se em tropél tres ou quatro homens. O guerrilheiro rompeu macégas, ganhou a planicie com uma velocidade de gamo acossado. Mas, aos gritos e pulos, os perseguidores seguiam-no como bons cães de caça.

Numa azinhaga deserta, parou á sombra, arquejante, pôs o joelho em terra. Os inimigos desembocavam ao canto duma sébe. Apontou o revolver e fez fogo. Um caíu, escabujando. Os outros deitaram-se, atirando tambem. Galgou um bosque. Balas assobiavam-lhe aos ouvidos. Correu muito por veredas invias e atalhos de caçadores, com inacreditavel ligeireza, curvas sutís, saltos inesperados. Porém sempre sentia no encalço os passos velozes dos perseguidores, que não desanimavam.

Uma grande esperança enchia-lhe a alma. Pisava terras conhecidas, as da fazenda paterna, percorridas dêsde a meninice. Daí a facilidade em orientar-se no emaranhado matagal. Mas, como se estivessem tambem habituados áquêles lugares, seus inimigos não perdiam a pista.

Ao sair do bosque, viu, sorrindo ao alto duma eminencia, a clara, acolhedora fachada da casa dos pais. Redobrou a corrida e, num impeto, enfiou pela sala adentro.

O velho, que lia junto á mêsa, levantou-se com espanto e, vendo-o com o fardamento da causa que combatia, compreendeu a astucia de guerra, mais ou menos o que devera ter acontecido. Seu espirito jungido ás idéas liberais do norte quasi o impeliu a expulsar o filho que pactuava com os criminosos do sul. No entanto, o coração de pai venceu a raiva partidaria; disse-lhe apressado, tremulo:

— Esconde-te lá para dentro!"

A velha mãe surgiu a uma porta silenciosamente, correu ao filho, abraçou-o cheia de lagrimas e levou-o para o interior da casa. Com a sua astucia previdente de mulher, introduziu-o no seu quarto, meteu-o sob os lençóis da cama, desalinhou as roupas, ao lado, recostando-se nos travesseiros, como se estivesse só.

Arquejantes, rôtos, enlameados, ferozes, entraram em borbotão na sala tres soldados da União e um sargento. Circularam o velho Austin, apontando-lhe as armas, perguntando:

— "O espião?"

O sargento afastou-os e avançando para o fazendeiro, que nêle reconheceu o filho mais velho, falou:

— "Vi o espião entrar aqui! Onde está?"

O velho sentou-se, encolhendo ombros sem responder. João ordenou logo rigorosa busca por toda a casa.

Abriram armarios, enfiaram baionetas debaixo dos moveis. Nada encontraram.

O sargento penetrou sozinho na alcóva.

Um olhar repreensivo e austero da mãe pregou-o junto á porta. Tirou o boné, respeitosamente, articulando:

— "E o espião?"

A velha puxou uma pistola de baixo das fronhas, levou-a á altura da fronte e acentuou em voz baixa, mas energica:

— "E' Patricio, teu irmão e meu filho. Está debaixo dêstes lençóis; mas, se dás uma palavra, se chamas um soldado, mato-me!"

O federado empalideceu, sobresteve-se indeciso, deu meia volta e saíu. A' porta, empurrou os soldados que iam entrar.

— "Já revistei o quarto. Não ha ninguem!"

A GRANDE GUERRA

A ALMA DE MARKO KRALIEVITCH

> "...le heros se dressa de sa tombe, comme les prophéties l'avaient annoncé au peuple".
>
> (ETIENNE FOURNOL, **De la Succession d'Autriche**).

Em Salonica, num dos hospitais militares, deante do mar azul coalhado de navios. Duas filas de leitos muito brancos alinham-se fronteiras na grande sala caiada e núa da enfermaria dos servios. Destacam-se sobre os lençóis alvos as manchas escuras das cabeças dos feridos, riscadas pelas tiras brancas dos aparelhos. Ao pé de cada cama, uma papeleta singela pregada á parede. Erra no ar um cheiro acre de desinfetantes. Abafa-se sob o abobadado do forro o rumor soluçante dos gemidos. Passam raros enfermeiros de aventais brancos manchados de sangue. Entra pelas altas janelas vidradas uma luz leitosa e quente.

Um medico francês, com o quepi barrado de rõxo e riscado de galões, ao alto da cabeça, vai atravessar o salão ligeiramente, quando de uma cama proxima uma voz fraca o chama em máu francês:

— "Doutor! venha cá!"

Volta-se. Aproxima-se, logo sorrindo com bondade, a mostrar entre a carnação vermelha dos labios e o negrume revolto da barba a alvura brilhante dos dentes.

— "Melhor, capitão Petrovich?"

O oficial levantou com esforço a cabeça dos travesseiros e gemeu:

— "Não, meu doutor. Vou morrer e desejo contar-lhe uma cousa antes que chegue a última hora. Sente-se aqui perto de mim, pelo amor de Deus!"

Na sua face palida azularam manchas leves. O francês arrastou um tamborete, cavalgou-o, tomou-lhe o pulso e, olhondo-o de frente, animou-o, com o seu rosto alegre e com a sua voz larga e franca:

— "Vai muito melhor, capitão. Não tem febre. O pulso está fraco, porém com tendencia a normalizar-se".

E rematou com um elogio:

— "Não é com duas razões que a morte dá conta dum herói de Prilepo".

Um sorriso vagaroso e crispante animou fugazmente o rosto emaciado do ferido, que respondeu:

— "Obrigado, meu doutor; mas sei bem até aonde penetrou a baioneta bulgara. Ouça-me antes que eu vá, já que tão bom tem sido para mim".

Não passava mais ninguem pela vasta enfermaria. Os feridos dormiam ao calor, ressonando. O oficial continuou no seu máu francês, entrecortado de esforços e de gemidos, com crises de tosse sêca que o impediam de respirar:

— "Doutor Dorchain, fui do regimento de Prilepo na ofensiva de Semlim e vi de perto o voivode Putnik nas revistas e nos combates. Ouvi-o lêr a famosa ordem do dia do Danubio em clara manhã, quando a nossa infantaria pisou territorio austriaco ou melhor nosso, porque o país dos eslovenos é um pedaço do coração da Servia".

Calou-se. A face rolou mais palida sobre os travesseiros. O medico preparou ligeiramente uma poção com os remedios da mêsa de cabeceira. Deu-lh'a. O outro fitava na sua cara os olhos brilhantes, sumidos nas fundas orbitas escuras. Depois, lentamente prosseguiu:

— "Vi o velho voivode, duro e altivo, sobre seu cavalo preto, passar deante das tropas e lembrei-me de sua firmeza patriotica na jornada de Bregalnitza, quando os bulgaros trairam a aliança balcanica. Era eu, então, simples tenente. Pois o ouvi lêr a ordem celebre e ficou-me de memoria o modo como a terminava: "Soldados servios, lembrai-vos que sempre vos acompanhará de olhos assombrados por vossa bravura a alma de Marko Kralievitch, o herói da batalha de Kossovo, quando a grande Servia medieval resistia ainda aos turcos".

Petrovitch cerrou os labios brancos, fechou os olhos, respirou fortemente. O doutor fez-lhe uma injeção no ante-braço, rapida, em silencio, abalando a cabeça desalentado. Mas, logo que o olhar do eslavo de novo pousou no seu rosto, mostrou-o sorridente e animador. De vagar, porém, com mais força, o capitão falou:

— "Todo o exercito sentiu penetrar-lhe até ao fundo da alma o poder dessa evocação guerreira. Aos nossos

olhos renasceu a batalha de Kossovo, tão bem descrita nos versos das "plasmas" populares, a imensa pugna de heiduques e janizaros, de pandurs e palicaros, travada no Campo dos Melros, entre o pico de Karadegh e o cume de Sukhaplamina, quando o grande herói nacional atirava o cavalo bardado de ferro contra as linhas otomanas, quando sua enorme espada relampejava no ar, assombrando Amurat e os turcos, João Huniade e os hungaros. E nós invadimos delirantemente a Austria".

Lagrimas começaram a brilhar nas bordas das suas palpebras violaceas, sobre o fundo negro das olheiras. A sua voz acrescentou:

— "Mas os alemães socorreram os austriacos, entrando na minha patria infeliz por Semendria e por Belgrado; depois, os bulgaros tambem vieram contra nós por Nisch e Kniajewatz. Impossivel resistir! Os aliados não tinham tempo de nos socorrer. O voivode Putnik rangeu os dentes, mas teve de retirar. O' doutor, como poderei descrever-lhe o que foi essa retirada! Nada ha na historia mais heroico, mais sublime. A peste devastava as populações e o exercito. Deante do inimigo galopavam o saque, a violação, o incendio e a chacina. Faltava-nos tudo: remedios, medicos, roupas, viveres, munições. Os alemães cobriam-nos dia e noite de metralha. A cavalaria bulgara não nos dava um minuto de repouso".

Nos olhos de Dorchain luzia a curiosidade de vêr até onde queria ir aquêle homem e ao mesmo tempo uma grande piedade pelo esforço doloroso que fazia. Interrom-

peu-o, limpando-lhe com o lenço a face húmida de lagrimas.

— "Não se fatigue, capitão. Amanhã contar-me-á o resto. Descance um pouco, por favor".

Como temendo que o abandonasse, o ferido reteve-o pelo avental, implorando:

— "Ainda um instante, doutor. Escute até ao fim o meu segredo. Sei que vou morrer e quero deixa-lo na memoria de alguem".

Seus olhos brilharam, estranhamente. O medico tornou a assentar-se, palpando-lhe o pulso fugidio.

— "Foi horrivel a retirada! A' nossa frente, levas de camponêses, abandonando campo e choupana, buscavam o abrigo das montanhas albanêsas. Sobre um carro de bois, solavancando pelas arrieiras dos caminhos, o velho rei Pedro gemia doente e desesperançado. Mas todos nós o achavamos maior na derrota e na desgraça do que o proprio Czernigeorges ou Karageorges, seu ascendente, na vitoria e no esplendor. O voivode, montando o seu cavalo negro, percorria as longas filas de soldados estropiados, ardendo em febre, famintos, tendo uma palavra de consolo e de esperança para cada um, repartindo com êles sua parca ração de comida e de vinho. Muitas mãos vi abençoarem de longe seus cabelos brancos".

Após uma pausa, em que arfou sob os lençois de linho, disse:

— "Emfim, chegámos ás proximidades das antigas fronteiras do sul, a Prilepo, em cujo cemiterio fôra sepul-

tado no seculo XV o herói ardente de Kossovo, que a lenda diz ressuscitará um dia para mostrar á Servia a libertação, o triunfo e a gloria. O exercito devia retirar em colunas pelas estradas da Bitolia, contanto que uma forte decidida retaguarda detivesse a perseguição dos bulgaros vitoriosos e ferozes. Essa força foi composta pelo meu regimento e pelo de Lebani. Quando ambos tomaram posição no cemiterio da cidade, que dominava o caminho, o voivode Putnik passou o comando das tropas em retirada ao principe Alexandre e declarou que comandaria a brigada da retaguarda, cujo sacrificio devia salvar todo o exercito. E ficou!

"Detivemos, bem entrincheirados, todos os ataques incessantes dos mongois, dos bulgaros. Batemo-nos de meio dia até além da meia-noite. Sómente ás duas da madrugada um correio nos veiu dizer que o exercito alcançára Monastir. Então, evacuámos Prilepo, reduzidos de mais de dois terços".

Nova pausa. O ferido arfava mais. O medico, cujo bom coração evocava as cenas dolorosas da retirada, que diariamente lhe contavam, tinha lagrimas correndo na face tisnada de sol. O servio tornou a falar:

— "Antes de meia-noite, defendendo uma brecha do muro, senti penetrar-me no ventre a baioneta dum bulgaro. Caí sem sentidos. banhado em sangue, sobre a lage fria duma sepultura. Fez-me voltar a mim uma voz cavernosa que saía de baixo da terra e me chamava pelo meu proprio nome: — Vuk Petrovitch!

"Olhei em torno. Fazia um dôce, esverdinhado luar. Atrás dos sepulcros, feridos estertoravam em abandono.

Junto ás muralhas, mal se distinguiam os mortos, acocorados ou deitados, dos atiradores vivos apontando as armas em identicas posições. Uma grande dôr varava-me o corpo de lado a lado. O último ataque inimigo quebrava-se na resistencia desesperada dos do cemiterio. Baionetas riscavam a noite de fios de prata. Ecoavam detonações, gritos, insultos. De quando a quando, se ouvia o velho general bradando ordens. O canhão rugia. Metralhadoras crepitavam sinistramente. De novo, a voz de sob a terra me chamou pelo meu nome: — Vuk Petrovitch!"

Dorchain olhou o moribundo, num receio de delirio final. Vuk compreendeu o olhar e, dificilmente se endireitando nos travesseiros, afirmou:

— "Por minha honra de soldado, doutor, não estou mentindo! A voz chamou-me pela terceira vez: — Vuk Petrovitch!

"Respondi espantado:

"— Que é?

"De subito, nos raios da lua, á minha frente, saíndo da propria lage sobre que caira, vejo a alma de Marko Kralievitch! Porque era êle, coberto de malhas de aço, viseira erguida, mãos cruzadas no punho alto da espada, daquela espada cujo brilho aterrorizára em Kossovo os turcos do sultão e fizera pasmar os aliados hungaros de João Huniade. Um suor frio untou-me o corpo todo. Meus cabelos arrepiaram-se. Quasi desmaiei. Porém o herói falou:

"— Os soldados da patria retiram deante do inimigo e agora se batem um contra mil. Vim dirigi-los para salva-los. Vuk Petrovitch, chama o comandante servio á minha presença!"

As mãos esqueleticas do capitão erravam sobre o braço do medico, numa inquietude. Ansioso, procurando erguer-se nos cotovelos, acabava a lendaria narrativa:

— "E eu gritei na noite enluarada e toda cheia dos vastos rumôres da luta:

"— Voivode Putnik!

"A êste nome a aparição toda estremeceu e empalideceu toda ao luar. Sua voz veiu para mim, francamente, a sumir-se:

"Os servios não precisam hoje de mim. Estão comandados por um homem!"

"E Marko Kralievitch reentrou no seu velho tumulo, enquanto eu levava a mão á fronte, em continencia áquela sombra gloriosa que encarnava a valentia nobre da minha raça".

Seus olhos fixaram-se no ar. Esboçou um lento gesto de continencia e gritou na silenciosa enfermaria, crispando os punhos, acordando os feridos adormecidos ao calor:

— "Diga aos francêses, aos inglêses, aos italianos, doutor, que os tempos são chegados! Nós venceremos a guerra. Todos os aliados terão sua libertação e sua vitoria. O tudesco perecerá. Se assim não tivera de ser,

não sairia da cova centenaria a velha sombra do herói de Kossovo. E ela está aqui, deante de mim, olhando-me a alma de Marko Kralievitch!"

Seu dêdo descarnado apontava o meio da sala. O medico olhou com espanto. Nada viu. Quando se voltou para a cama, o capitão Vuk Petrovitch, do regimento de Prilepo, estava livido, inteiriçado, morto.

CAÇOISTA

"Pode-se esculpir um homem de bem em qualquer bloco de pedra. Mas um bandido não. E' preciso um material melhor, um certo genio nacional, uma especie de clima de bandidos. A Alemanha poderá, assim, com o tempo, fornecer-nos alguns bons produtos".

(SCHILLER — **Os Bandidos**).

Perto de Mulhouse, que os alemães chamam Mulhausen, deante do albergue do Pato-gordo, cuja ferrugenta, secular insignia gemia ao vento, enfeitada de ramos de azevinho, estava reunido, em redor duma grande mêsa, o estado maior da vigesima divisão, do oitavo corpo, que pertencia ao sexto exercito do decimo grupo de exercitos.

Eram oito oficiais. Um general palido, sêco e alto, alourado, maçãs do rosto salientes, fisionomia hipocrita e ao mêsmo tempo cinica, talhada em linhas duras, angulosas, crueis, que lembravam as expressões dos povos das estepes. Silenciosamente, olhava uma carta estendida sobre a mêsa e, de quando em quando, tomava um pouco de cerveja do caneco grosseiro que pousava ao alcance da mão ou mordia o charuto apagado.

De bruços para a carta, um coronel gordo e vermelho, de oculos grossos, lembrando pelos traços a materialidade dos suinos, com o chaco pesado, de duas palas, dos caçadores a pé, contraía o rosto em vincos profundos, num lento e longo esforço de compreensão. Na cabeceira contraria, dois capitães de dragões, com agulhetas de ajudantes de campo, conversavam animadamente.

Encostado á parede da tasca, o intendente tomava notas miudas num pequeno caderno, sob o olhar humilde e timido do estalajadeiro, alsaciano russalgar, de nariz pontudo, em cujos olhos havia qualquer cousa de judeu.

Outros oficiais passeavam á sombra duns freixos altos, tranquilamente: um tenente de hussares, um de couraceiros, muito alto, gigantesco, acurvando-se para ouvir o que lhe diziam; e um major de bigodões retorcidos na face larga e franca, toda vermelha como uma cereja, que a espaços tirava da bôca o cachimbo de louça esmaltada de Saxe.

Fazia uma clara manhã. As aguas do canal do Rodano ao Reno azulesciam entre a folhagem escura dos plátanos e dos ciprestes. Alguns soldados pescavam á beira dum corrego, ao meio de arbustos floridos. Avistavam-se as chaminés de muitas herdades, surgindo dos arvoredos ou dos combros que a luz violetava. Mas em nenhuma pousavam mais ou vultos brancos das cegonhas da Alsacia. Como em 1870, o rugido dos canhões tinha feito com que fugissem.

Tambem não se via um camponês de jaleco de lã, nem uma rapariga de grande lenço preto borboleteante, á cabeça. Um canto de galo soava, ressoava no ar lu-

minoso. Para o lado da França, subiam no céu as fumaradas da guerra, sulfurosas, esverdinhando-se na altura, as dos gazes asfixiantes; brancas como neve, as dos obuzes mortiferos; negras, as dos casais e aldeias incendiados pela furia destruidora do invasor. Ás vezes, no claro céu, ao longe, o olhar podia seguir a trajetoria veloz e fumarenta dum projetil.

De novo, uma grande guerra, essa a maior de todas as que se teem travado, decidia os destinos da terra alsaciana, que vira o arremesso de Turenne e de Condé, a violencia pausada de Moltke, grande general eunuco como Narsés, e agora assistia o maior rumor de armas e o maior tropel de exercitos da historia, atacando a França, tudo para a sua posse como se ela fôra a maior joia do mundo.

Raros urros distantes de canhão se ouviam naquêle calmoso recanto, onde demorava o estado maior daquela divisão em repouso nas linhas de reserva. Brincando com o fiador da espada, o major escutava as considerações dos companheiros. O tenente de couraceiros, limpando o monoculo, afirmou:

— "O mundo será alemão, será todo alemão, depois que vencermos a guerra. O maior esplendor da historia dos homens! Nem o imperio romano, eterno exemplo dos ambiciosos, chegou á grandeza da Alemanha. E nós prussianos temos o maior orgulho de tudo isso, porque nós conseguimos esmagar o prestigio militar da França, em 1870, retomar o que Luiz XIV nos roubara e fundar sobre os destroços do derradeiro Napoleão o trono do Kaiser".

Riu alto. Baforou, contente, para o ar o fumo claro do charuto. O oficial de hussares retorquiu-lhe, sorridente:

— "E para dominar o mundo, todo êle habitado por gente inferior á nossa raça, nada nos falta. Somos os primeiros na ciência, na filosofia e em todas as artes, dêsde a pintura á arte militar. Temos o metodo, a organização que ninguem tem, o melhor exercito, a melhor esquadra. Venceremos o mundo!"

Fez uma pausa. Mostrou aos dois companheiros a sua face tartara de prussiano, com cabelos raros, esparsos, côr de milho, no queixo e sobre o labio. Prosseguiu.

— "Já invadimos Belgica, França, Russia, Servia, Romenia, Montenegro. Dominamos a Europa Central e a Asia. Mais dia menos dia, anarquizaremos a Russia. Enchemos o mar de submarinos e esfaimamos a Europa, aterrorizando a America".

O major interrompeu-o com uma pergunta receiosa:

— "Tenente von Arnheim, se vierem contra nós outros povos da terra que contra nós já se agitam?"

O subalterno deu uma gargalhada. Sobresteve-se: bateu militarmente os calcanhares, num retinir de esporas, levou a mão ao boné branco do seu couraçado regimento brandeburguês e disse:

— "Perdão, major, mas nós, os Superiores, venceremos todas as nações".

E o outro, torcendo nas mãos glabras os brandeburgos do dolman, acrescentou:

— "Ademais, nós temos tudo, tudo".

O major abalou a larga face franca e triste, saúdou-os para retirar-se e afirmou, serenamente:

— "Falta-nos uma grande cousa, a maior de todas, tenentes, a que os nossos inimigos infelizmente teem em demasia. Falta-nos coração. Ambos os tenentes riram. E, quando o superior se foi para o albergue, grunhiram, entreolhando-se:

— Wurtemberguês!... Alemão do sul... Degenerado ou brincalhão.

Nisto, um rumor de armas soou na estrada e defronte do albergue parou uma força de infantaria, cercando uma leva de vinte a trinta prisioneiros francêses. Eram homens pequeninos, barbudos e fortes, gotejantes de suor, escaveirados, barbas intonsas e negras a varrerem o peito sujo das fardas azues. Alguns traziam o leve capacete de trincheira ou o pequeno quepi vermelho; outros, um lenço amarrado sobre os cabelos, manchado de sangue; ainda outros, o **beret** negro dos alpinos, enfeitado com a sua trompa de prata; e um negro alto, de olhos destemidos e beiços grossos, agitava no ar, triunfalmente, entre as lanças curtas, implicantes, dos cascos tudescos, a sua mole chechia oriental côr de papoula, da qual pendia sobre um ombro a borla inquieta de retroz preto.

Todos os oficiais aproximaram-se da mêsa do comandante, menos o intendente, que continuou a tomar, miudamente, as suas notas. O coronel de chaco de caçador deu uma ordem e logo um **feldwebel** de gola agaloada estendeu em linha os prisioneiros, cuja massa escura cortaram aqui, ali os fios prateados das baionetas germanicas.

Então, o general chamou com um gesto o hoteleiro, que acorreu pressuroso e timido.

— "Traga sua mãe", disse.

Havia um mês que o tenente general Von Bruck estabelecera seu quartel-general naquela locanda alsaciana. Logo á primeira noite, ouvira chorar num quarto ao lado do seu. Lá fôra, empurrára a porta e dera com uma pobre velha de mais de oitenta anos, que rezava, soluçando, deante de pequeno oratorio.

Inquiriu-a rudemente, como costumava fazer aos seus soldados. A velha contára-lhe que o neto, filho unico do estalajadeiro, seu genro, e da filha, que morrera em consequencia do parto, cheio de entusiasmo moço pela guerra, apesar de nascido naquela estalagem, sob bandeira alemã, quando se declarara a luta, conseguira atravessar a fronteira e se alistara no exercito francês. As últimas noticias dêle, trazidas por um prisioneiro **poilu**, davam-no como num regimento de caçaodres do sector de Mulhouse.

O tenente general von Bruck, cavaleiro da Cruz de Ferro, mordeu os labios finos e brancos. Sua pesada mão de reitre bateu no ombro ossudo da velha, num afago lento. Prometeu-lhe, sorrindo, que, toda a vez que ali passasse um comboio de prisioneiros, deixa-la-ia examina-los, procurando o seu neto. Se o achasse, solta-lo-ia.

Por êsse motivo, agora mandava chama-la. A velhinha veiu envolta na sua antiga capa negra, com vidrilhos, a cabeça muito branca e os olhos embaciados mal podendo suportar a luz forte do sol. E percorreu a fila de prisioneiros, olhando-os um a um.

De repente, deteve-se deante do alpino, tremendo, ansiando, a face engilhada transformada pela alegria. A sua voz fraca e titubeante fez-se ouvir:

— "Senhor general, obrigada, muito obrigada! Aqui está o meu neto!"

Ambos abraçavam-se chorando. O pai veiu tambem, enlaçou-os nos braços sardentos, a soluçar. O general vou Bruck pô-se de pé. Todos os oficiais imitaram-no. O **feldwebel** levou a mão em continencia á pala do capacete pontudo coberto de pano. E o chefe alemão ordenou:

— "Sargento, tire seis homens da sua força e fuzile imediatamente, de encontro á parede da casa em que nasceu em territorio alemão, êsse desertor alistado pelo inimigo!"

Voltando-se para o estado maior, ajuntou:

— "Senhores oficiais, vingo a Patria e cumpro a lei".

O inferior arrancou o alpino, cuja face escaveirada e nobre ainda molhada de lagrimas mostrava grande despreso pela morte, enquanto a velhinha se pendurava a tremer no pescoço do albergista.

A força e o prisioneiro sumiram-se atrás da casa.

Cinco minutos depois ouviam-se uma dura voz de comando, o detonar de seis fuzis e um brado que tudo dominou:

— "Viva a França!"

A avó largou o pescoço do genro, caiu sobre as ervas do chão, hirta, quasi morta. O alsaciano ergueu o punho, apontou-o ao general, que continuava a estudar os seus mapas, em silencio, uivando:

— "Maldito!"

Mas o sargento deu-lhe com a coronha da arma no ocipital, atirando-o ensanguentado sobre o corpo da velha. Durante todas essas cenas, o intendente com a sua pesada cara de touro continuou encostado á parede, tomando vagarosamente as suas notas e vagarosamente somando as suas contas.

Então, o bom major wurtemberguês bateu, pondo-se na ponta dos pés, no alto ombro do couraceiro, que se voltou com espanto, e disse-lhe deante dos olhos esgazeados do hussar:

— "Perderemos a guerra, tenente. Falta-nos tudo, porque nos falta coração".

Lentamente caminhou para a sombra das arvores, remoendo um charuto. Os dois tenentes olharam-se, sorrindo. E como não podiam compreender aquela atitude num oficial do exercito alemão, murmuraram ao mesmo tempo:

— "Caçoista!..."

A ULTIMA GUERRA?...

O ÔSSO DO PRESUNTO

"Ver-se-ão sempre sobre a terra animais combaterem entre si".
(LEONARDO DA VINCI).

Ao sair da estação internacional aérea do Pharoux, o João Matoso encontrou o seu amigo Antonio Mendes, que o esperava com um automovel eletrico para o levar á sua bela residencia da Tijuca. Durante o trajeto, não trocaram uma palavra; mas, já sentados, repousando, depois do jantar, no claro terraço de onde se avistava todo o Rio de Janeiro, um casario imenso em que moravam cinco milhões de habitantes, e as aguas azues da baía, o viajante contou a travessia:

— "Almocei ante-ontem em Nova York, com o Costes, liquidando o negocio da companhia de iluminação pública de Goiás, o ultimo que nos faltava liquidar. A viagem foi sem incidentes. Ésses aeróplanos fabricados no Rio são já excelentes, igualam aos estrangeiros. Cruzámos na altura da Guiana a aeronave da carreira do Canadá e vimos de Pernambuco á Bahia uns dois aviões brasileiros de cabotagem. O vento foi sempre favoravel e

o tempo limpo. Otima a viagem. Ha uma cousa, porém, com a qual não me posso habituar".

— "Qual é?"

— "O mar".

— "Por que?"

— "O' homem! sou um sujeito mais ou menos lido e dóe-me o coração vêr essa imensa planicie liquida deserta, inteiramente deserta. Houve tempo em que as velas brancas dos navios e, depois, o penacho fumegante dos paquetes perturbaram a solidão. Hoje, não ha um barco, não se avista um vulto. O mar foi abandonado! E eu não posso deixar de me entristecer, pensando nas navegações dos fenicios, nas sereias da Odisséa, nas façanhas maritimas dos portuguêses e mêsmo naquêles crimes que, ainda não faz um seculo, praticaram os submarinos da Alemanha".

Mendes soprou para o ar uma baforada do charuto, sorriu e falou:

— "Estás como sempre, literario. És bem um dêsses que outrora chamavam aqui bachareis; tens como que o atavismo dessa casta, que, em tempos felizmente idos, segundo diz a historia, dominou com a sua mediocridade o Brasil. Mas, voltando ao mar, eu, que sou engenheiro, acho, por espirito pratico e não retorico, que é tolice deixa-lo aí inutil, sómente porque se vôa para toda a parte. E' certo que o ar é o melhor meio de viajar. Não ha tanta resistencia a vencer. No entanto, o oceano devia ser aproveitado. Varias companhias de pesca mundiais e poderosissimas colhem baleias nos mares articos, salmões

na Terra Nova, sardinhas no golfo de Gasconha, bacalhaus e arenques no resto do mar do Norte que não foi aterrado, com flotilhas de hidro-aeroplanos e inumeraveis rêdes movidas a electricidade. Porém não basta. Ha necessidade de dez mil outras".

Matoso olhou a imensa cidade, que grimpava pelas encostas das serras, enxotando as antigas vegetções luxuriantes, que velhos livros tropicalmente descreviam. Aqui e ali, no ar macio da noite clara, roncava um avião urbano, trazendo passageiros de Iguassú e de Barra Mansa, levando gente para o Leblon e o Vidigal. Faúlhavam no céu as luminarias eletricas, as centelhas dos telegrafos e telefones sem fio.

Os dois levantaram-se e o Mendes lembrou:

— "Vamos ao teatro hoje?"

O outro accedeu. Logo, chamaram o mecanico, pediram o auto eletrico e, quasi ao mesmo tempo, disseram:

— "Temos de partir amanhã cedo para Genova".

Deixaram ao outro dia de manhã o Rio de Janeiro, capital dos Estados Unidos da America do Sul, num aeroplano particular de grande velocidade. Mendes guiava-o pessoalmente, enquanto o amigo falava de quando a quando, máu grado a violencia do vento e o monotono, ensurdecedor ruido da maquina.

As frases do palrador perdiam-se uma a uma no ar, como folhas sêcas que o vento espalha. Dizia êle:

— "A velha concepção das nações e das raças desapareceu. Hoje, o mundo não tem mais questões de limites ou de influencias".

O avião obliquou um pouco á esquerda sobre a vasta toalha do mar, ao meio dum revôo branco de gaivotas. Mendes não deu uma palavra. O outro prosseguiu:

— "Ha os Estados Unidos da America do Norte aliados aos da America do Sul, os da Europa, os da Asia, os da Africa e os da Oceania, que acabam de se formar, todos ligados pela Sociedade das Nações. Cousa engraçada: sómente na Africa ainda existem fardas e serviço militar..."

Riu alto, com prazer, acrescentando:

— "Já faz tempo que houve a ultima guerra! E nunca mais haverá outra. A guerra é uma creação social infame. Entramos decididamente na paz universal".

Abriu uma caixa de madeira, com dispositivo de frigorifico, tirou um presunto e pães. Cortou fatias e fez sanduiches, a comentar:

— "Pela moda antiga e para desenfastiar o gosto das comidas quimicas de hoje".

Mendes sorriu, largou o volante com uma das mãos, recebeu um sanduiche, assegurando:

— "Tens razão. Nunca mais á face da terra um homem brigará com outro homem".

Meia hora depois, um ciclone envolvia o aeroplano, atirava-o loucamente em horriveis rodamoinhos, trazia-o entre uivos e estalar de trovões até a superficie do mar. Por fim, partia-lhe uma das asas a cinco metros das ondas espumantes. O aparelho rodopiou, despejando na agua revolta, furiosa, os dois tripulantes.

Ambos, bons nadadores, bracejaram lutando com o oceano imenso, durante minutos, até que uma vaga mais forte os lançou sobre a praia branca duma ilhota deserta, das muitas que as últimas convulsões geologicas faziam nascer, dêsde certo tempo, ao meio do Atlantico, como ressuscitando o antigo continente de Platão.

Não havia mais estações navais. A conquista do ar trouxera o abandono do mar já conquistado. Muitas ilhas e ilhéus de que fazia questão a Inglaterra, para bases de esquadras rondantes ou depositos de carvão, estavam atualmente vasios, despresados. A Grã-Bretanha, que entregara Gibraltar á Espanha, era agora o Estado chefe dos Estados Unidos Europeus, possuindo grande frota aérea. Porem não queria mais a inutilidade duma esquadra. E até um dos seus parlamentares lamentára num discurso sério que no ar não existissem estreitos e ilhas.

Essa era, assim, uma ilha sem valor; fôra presidio brasileiro, depois estivera nas mãos da Inglaterra, juntamente com a fiscalização das Alfandegas, por dividas. E, então, após a grande guerra do A. B. C. e a reconstrução moderna da America meridional numa união feliz. fôra posta de parte e desabitada.

Os naufragos nada ali encontraram que minorasse sua miseria atroz. Sómente um pouco de agua fresca numa fonte. Felizmente, deu tambem á costa o cofre frigorifico dos mantimentos. Durante uma semana, puderam alimentar-se. Por fim, restava só o ôsso meio esbrugado do presunto, para o qual os ávidos olhos dos famintos se dirigiam a todo instante. Mas como repartir aquêle réles

fiapos de carne em torno dum ôsso? A fome de ambos era terrivel: tinha três dias de idade.

Já não havia dois bons amigos e sorrisos leais defronte um do outro, sim duas féras premidas pelo mêsmo instinto bestial, primitivo, material, iniludivel e ao mêsmo tempo sublime, porque êle, fez todo o progresso humano, o instinto da propria salvação, a fome.

Nús, laivados de arranhões, de olhos inchados e corpo cheio de picaduras dos mosquitos, olhavam-se rangendo os dentes na bôca putrida, crispando as mãos, ansiosos, resfolegantes. Mendes rouquejou:

— "O ôsso é meu!"

— "Não! E' meu! E' meu! ganiu o Matoso.

E ambos avançaram, atracaram-se, lutaram arquejando. Por fim, o ultimo caiu, arroxeado, estorcendo-se no solo, procurando alcançar o alimento com as mãos recurvadas em garras. Mas o primeiro deu-lhe com os pés brutais; pisou-lhe cara, corpo, membros, immobilizou-o, esmagando-o; atirou-se ao ôsso, apanhou-o, correu e, acocorado sob uma mangueira quasi murcha, batida de sol, roeu-o, lentamente, com delicia...

INDICE

A PRIMEIRA GUERRA

ANTIGUIDADE ORIENTAL

A GRECIA E O ORIENTE HELENIZADO

DE ROMA AO ISLAM

IDADE-MEDIA

REFORMA E RENASCIMENTO

NA ÉRA DOS DESCOBRIMENTOS

EPOCA MODERNA

A GRANDE GUERRA

A ULTIMA GUERRA?...